

OLIMPIA-SP

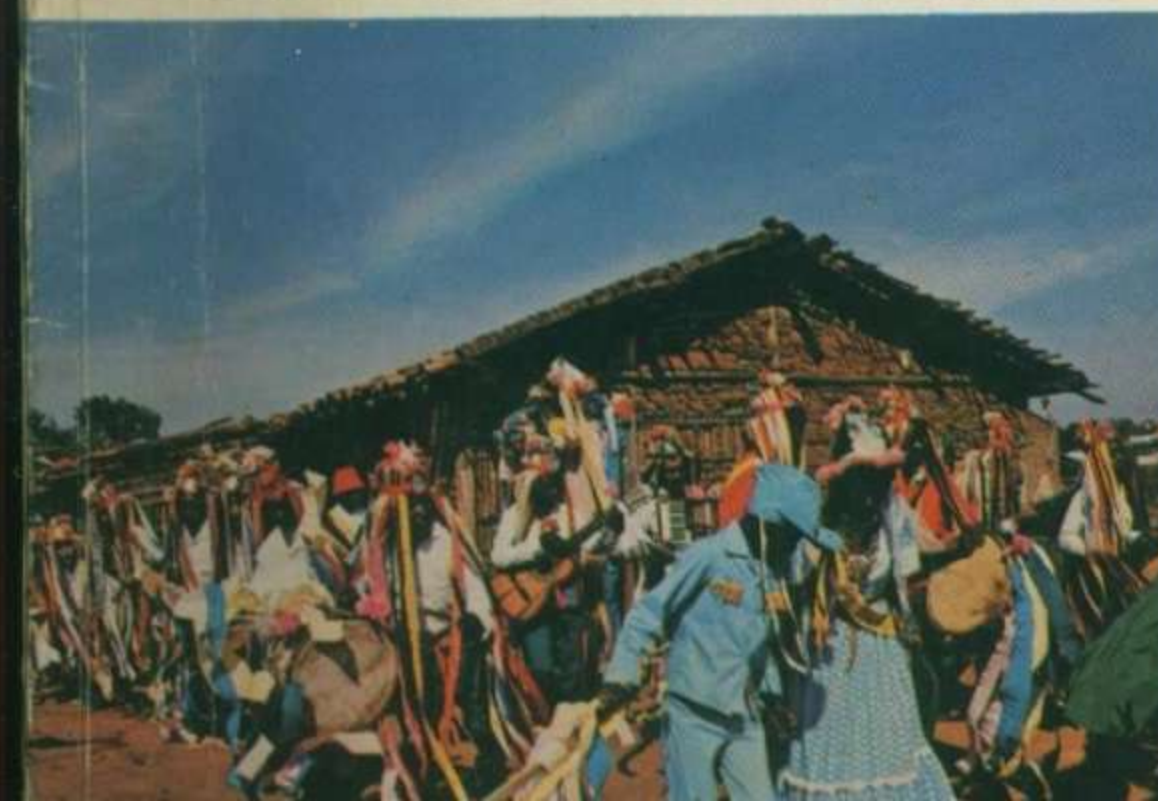
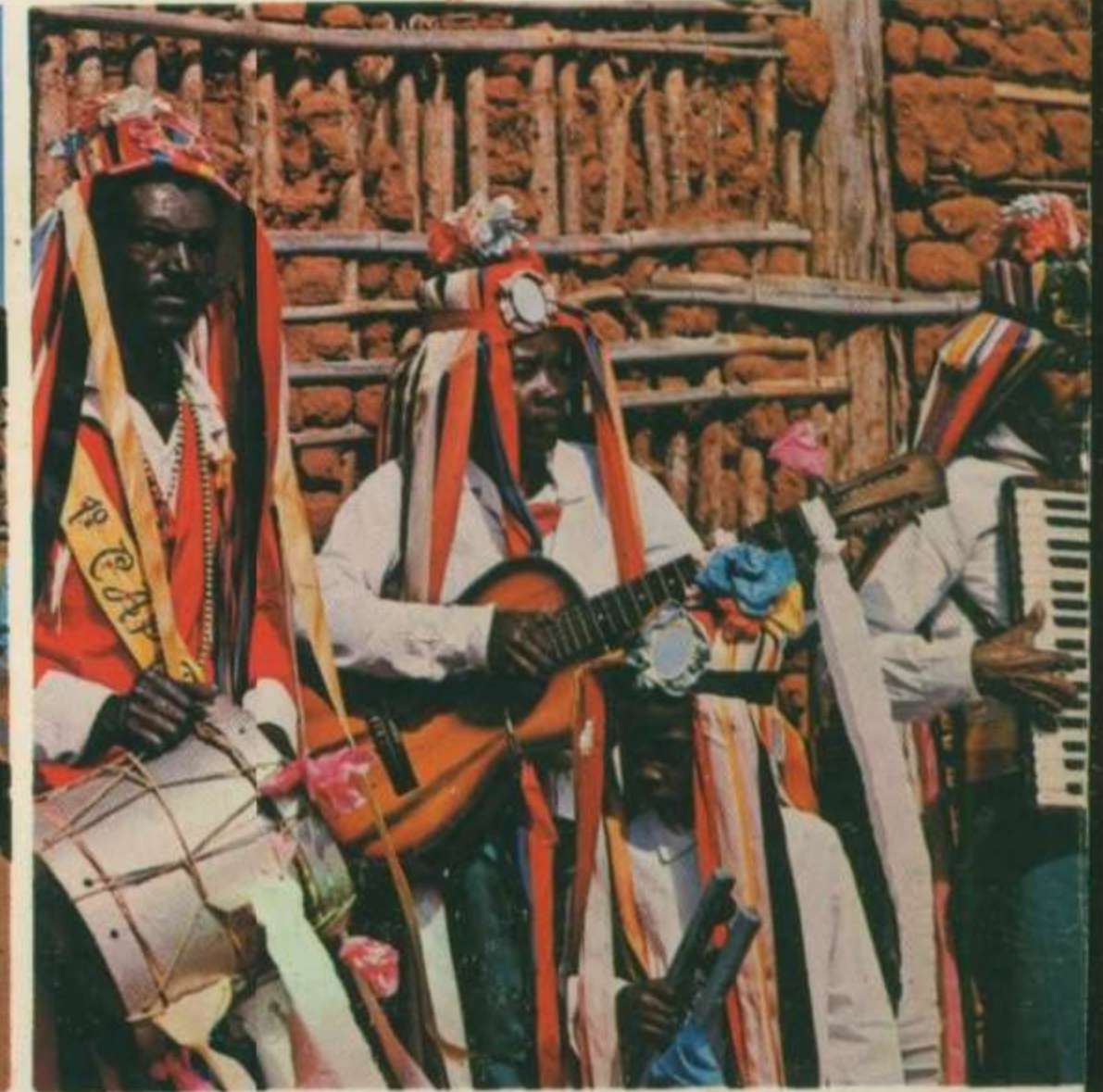
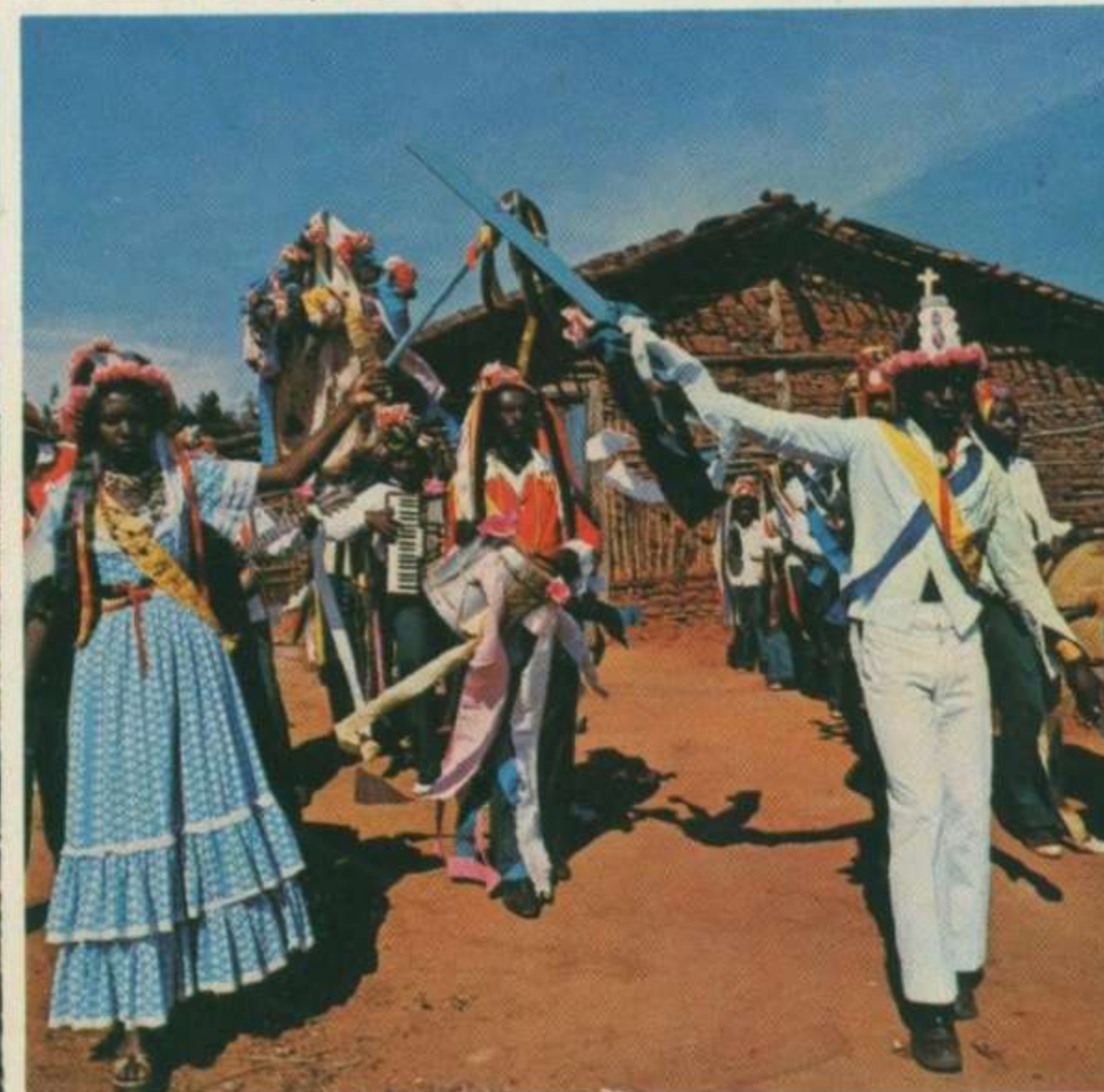
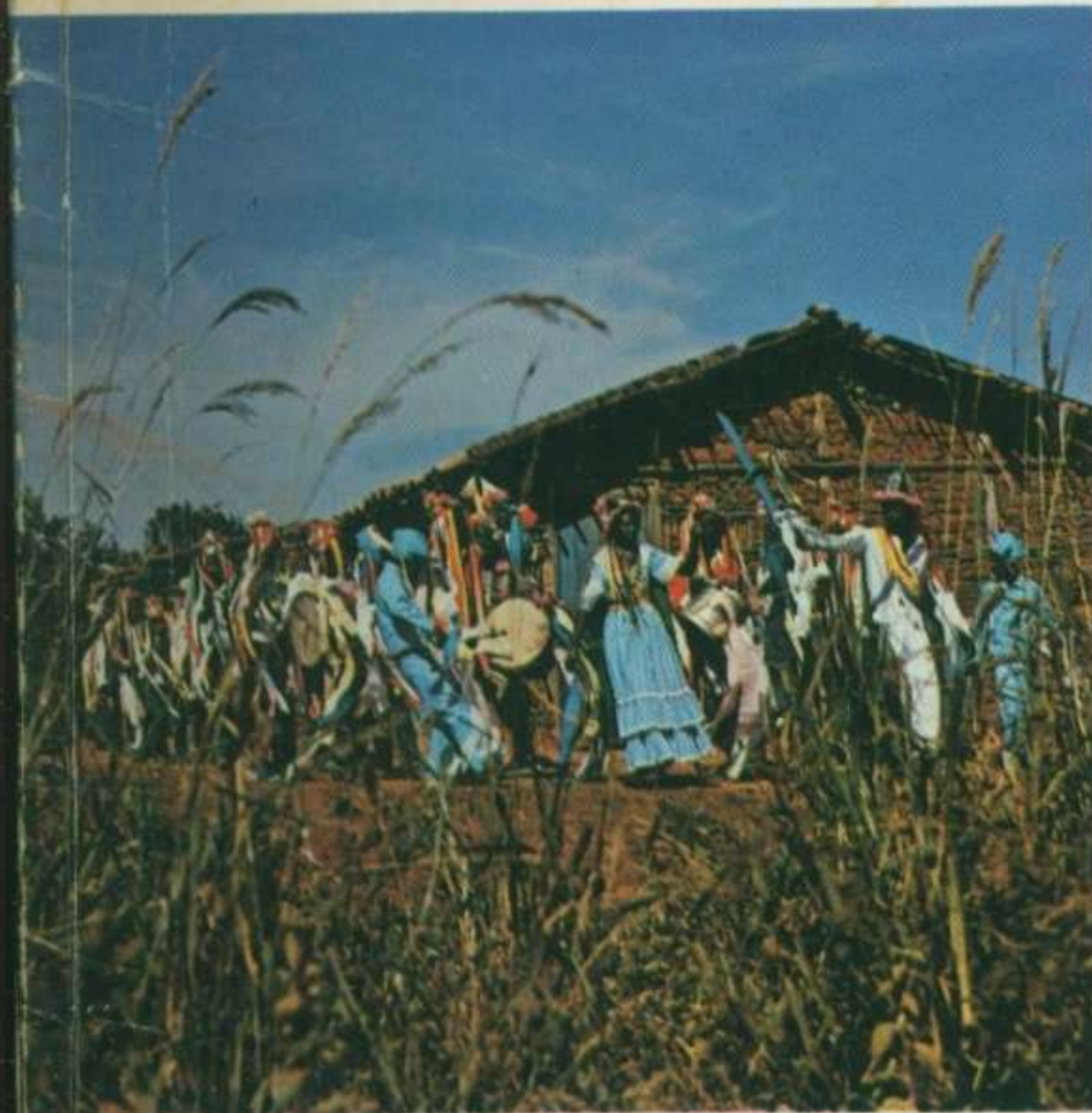
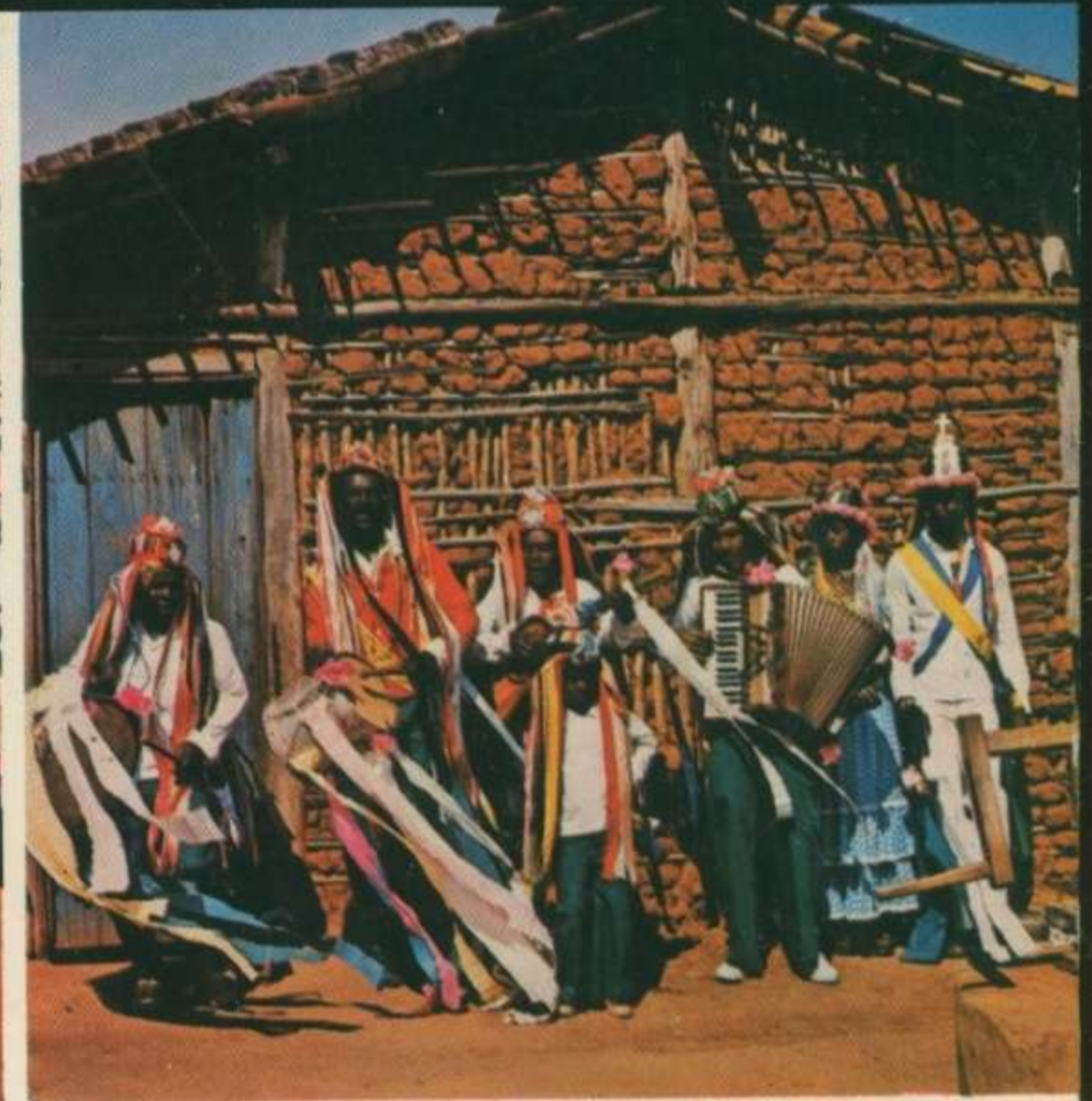
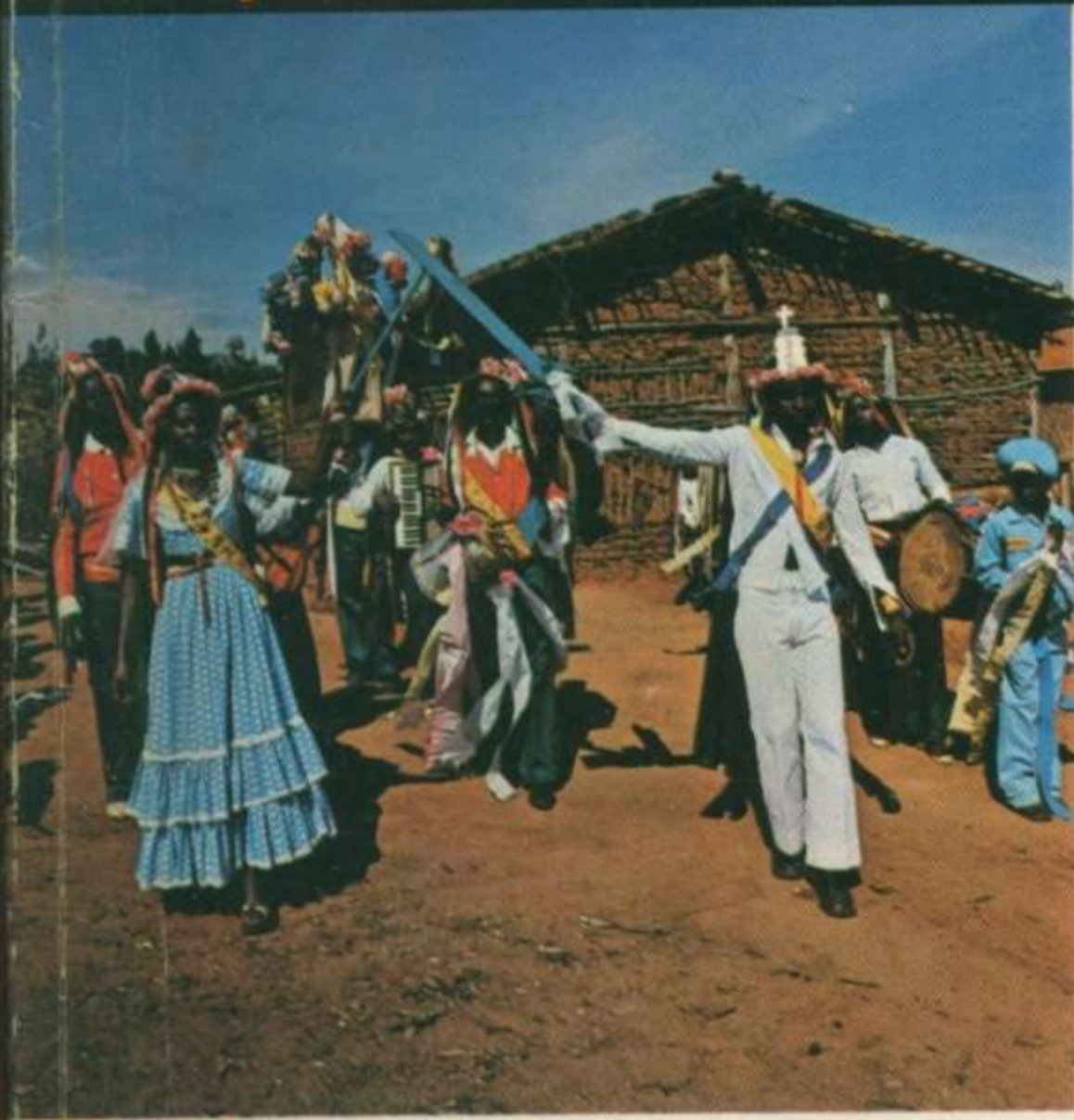
CAPITAL DO FOLCLORE

05

13º Festival do Folclore De 14 a 21 de agosto de 1977

EDIÇÃO ESPECIAL

DIRETOR: PROF. JOSÉ SANT'ANNA



EXPEDIENTE

Anuário do Folclore
(Ano VII - nº 8 - agosto de 1977)
Expediente - endereço:

Rua Bernardino de Campos, 900
Caixa Postal: 60 — Fone: 738
15400 - Olímpia - SP

Publicação Oficial:

Departamento de Folclore
Comissão de Folclore
Museu de História e Folclore
(Conselho Municipal de Cultura)

Diretor:

Professor José Sant'anna

Redator- chefe:

Professor Rothschild Mathias Netto

Auxiliares:

Antônio Clemêncio da Silva
Ivan Eduardo Bruniera

Lay-Out de Ronaldo Luiz Benfatti e Silva

Fotos de Álvaro Bragion

Fotolito e impressão:

Artes Gráficas Rio Preto

CRESPO & CIA. LTDA.

Rua Antônio de Godói, 3243

Fones: 32-4266 - 32-4078 - 21-1445

15100 - São José do Rio Preto - SP

Composta e impressa:

Gráfica Novo Mundo
Olímpia - SP



OLÍMPIA EM TEMPO DE FESTIVAL

Situada no Brasil paulista, no Vale do Rio Turvo, Olímpia não se destaca entre as grandezas do nosso país, apenas, pelas suas gigantescas festas mas se distingue, ao mesmo tempo, pelos prodígios de uma região feracíssima e promissora e a capacidade de trabalho dos denodados plantadores, no rude combate com a terra.

Este pedaço de chão paulista é obra de esplendor das cidades e povoados onde moureja ativa e encorajada a população urbana nos espigões que estendem margeados pelo Turvo até às barrancas do Rio Grande, onde vive o heróico sementeiro na luta pela produção da terra.

No traçado das paralelas dos verdes cafeeiros, na beleza do solo matizado pelos penachos dourados dos arrozais, pelo brancos capuchos dos algodoais ou pelo manto chamalotado das extensas paisagens, fonte da nossa riqueza pecuária, está vivo o esforço de nossa gente laboriosa, presa à gleba pelo amor ao trabalho. São pessoas desassombradas, sem as peias do fatalismo criminoso que manietas as almas, como combatentes de corações abrasados de fé, de ardor cívico.

E neste espírito, em Olímpia, não são conhecidos os tumultos e revoltas, atentados que marcam o sinal dos tempos, de revoltas contra a ordem, a disciplina e mesmo o desamor à Pátria, que não é apenas um símbolo, mas uma realidade viva, um sentimento nobre que eleva e dignifica uma nação civilizada.

Tudo em Olímpia é um exemplo vivo de paz e felicidade. E é-nos grato falar que o Folclore e o seu Festival alicerçam a vida pacífica dos habitantes da terra.

A defesa do nosso folclore, amparada pelos nossos administradores, no estímulo ao elemento folc, faz de nossa Olímpia um centro de importância para a pesquisa e estudo da cultura popular.

Falar de folclore em Olímpia, é perpetuar pleonasma; pois este pedaço do Brasil, em agosto - Mês do Folclore - se transforma em Palco Nacional onde se congregam grupos folclóricos de todas as áreas culturais do país.

Moçambiqueiros, congadeiros, foliões de Reis, dançadores-de-são-gonçalo, catireiros, enfim, todos os grupos de folclore são cercados pelas multidões que os douram à luz do alvorecer ou no esplendor dos crepúsculos abrasados.

Não falemos da beleza do folclore: de sua música, cores, movimentos, dolências, ânimos e agitações, risos, aplausos e até lágrimas...

O folclore é tão rico e tão variado; tão variado e tão rico que chega, às vezes, à dificuldade de descrição.

Conhecê-lo é tão importante para a Nação como a religião é para a alma.

Que futuro aguarda uma Nação que descarta de sua própria História e de suas mais expressivas Tradições?

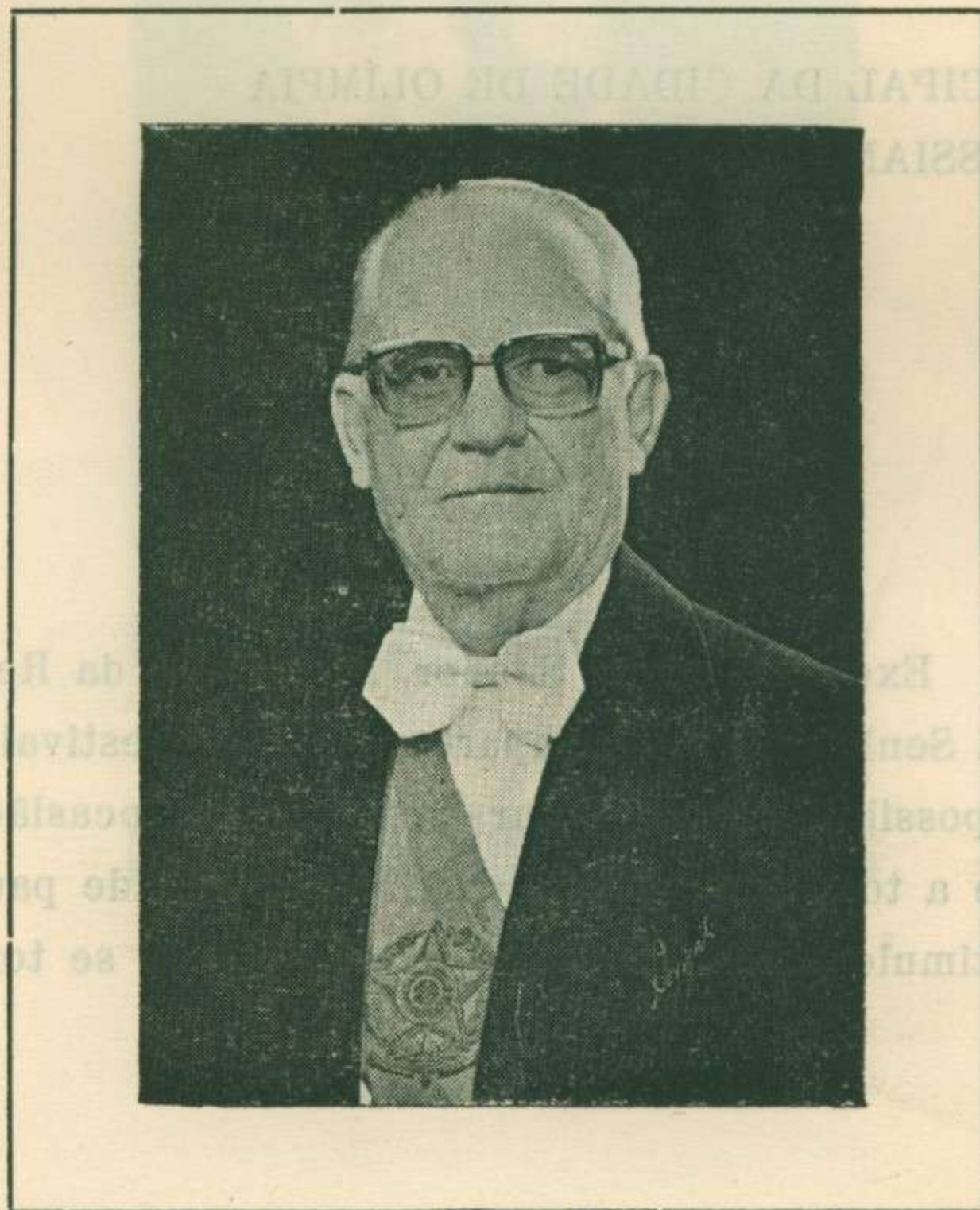
José Sant'anna



NOSSA CAPA

Flagrantes do Terno de Congada "Chapéu de Fitas", Jardim Santa Ifigênia, do Capitão José Francisco Ferreira - Olímpia - colhidos, no mês de maio de 1977, por ocasião da festa cíclica, em homenagem aos santos padroeiros: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia, e ainda num preito de gratidão à Princesa Isabel, por eles convictamente chamada de Santa.

HOMENAGEM



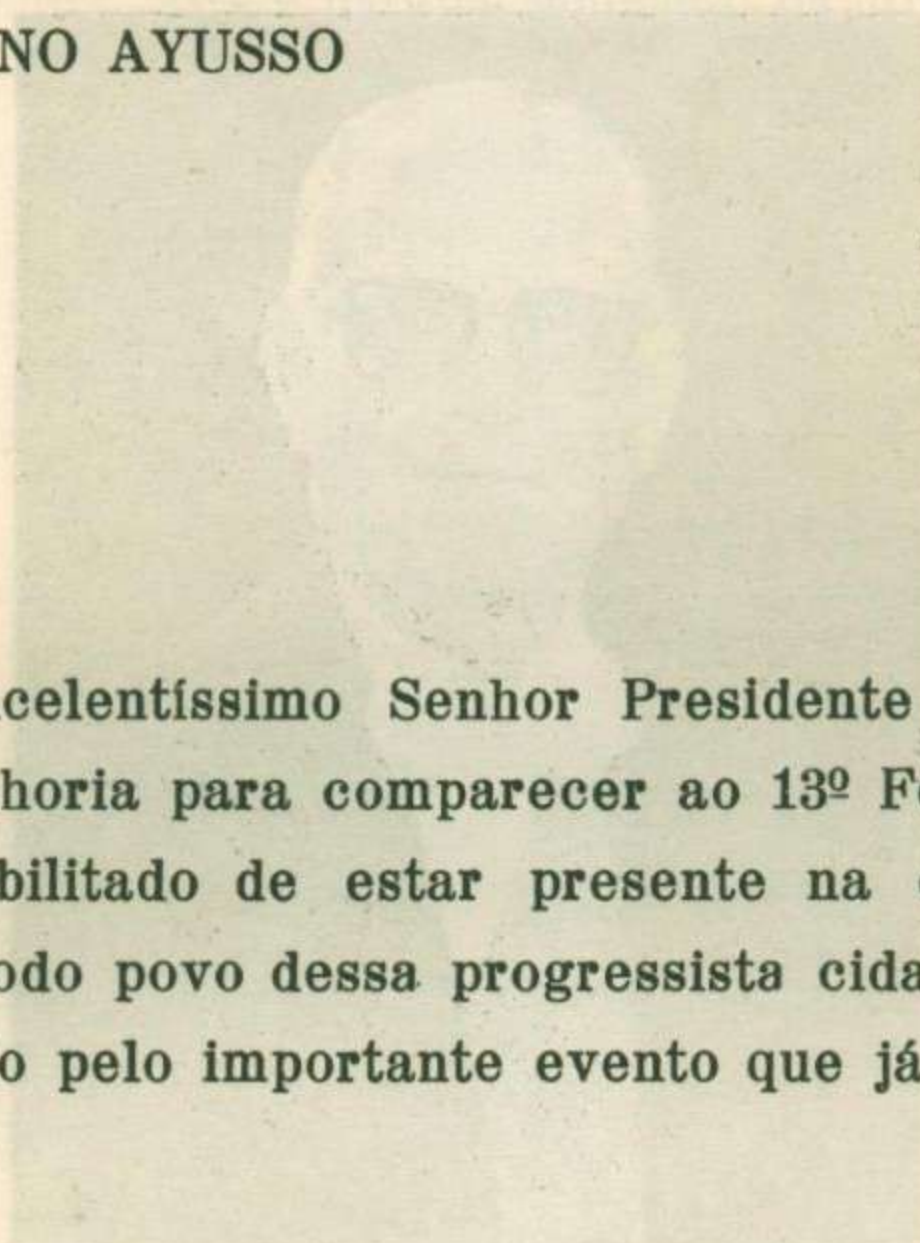
Excelentíssimo Senhor Presidente
da República Federativa do Brasil

GENERAL ERNESTO GEISEL

O Chefe do Cerimonial da Presidência, Ministro Jorge Carlos Ribeiro, enviou ao Prefeito Municipal de Olímpia, Sr. Álvaro Cassiano Ayusso, por solicitação do Excelentíssimo Senhor Presidente Geisel, o telegrama do teor seguinte:

Brasília, 02 de agosto de 1977

**ILMO. SR.
PREFEITO MUNICIPAL DA CIDADE DE OLÍMPIA
SR. ÁLVARO CASSIANO AYUSSO
OLÍMPIA - SP**



Excelentíssimo Senhor Presidente da República muito agradece o convite de Vossa Senhoria para comparecer ao 13º Festival do Folclore de Olímpia, mas vendo-se impossibilitado de estar presente na ocasião, incumbiu-me enviar a Vossa Senhoria e a todo povo dessa progressista cidade paulista mensagem de congratulações e estímulo pelo importante evento que já se tornou tradicional.

Atenciosamente

**Ministro Jorge Carlos Ribeiro
Chefe do Cerimonial do Presidente da República**

A direção deste **Anuário** sente-se honrada em homenagear o Governador do Estado de São Paulo **Dr. Paulo Egydio Martins**, o Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia **Dr. Max Feffer**, o Secretário do Trabalho **Dr. Jorge Maluly Neto** e o Secretário dos Esportes e Turismo **Dr. Ruy Silva**, autoridades que têm contribuído para a mais ampla divulgação do **folclore brasileiro** e às quais Olímpia é também grata pelo decidido apoio e estímulo que emprestaram ao 13.º Festival do Folclore.



Dr. Paulo Egydio Martins



Dr. Max Feffer



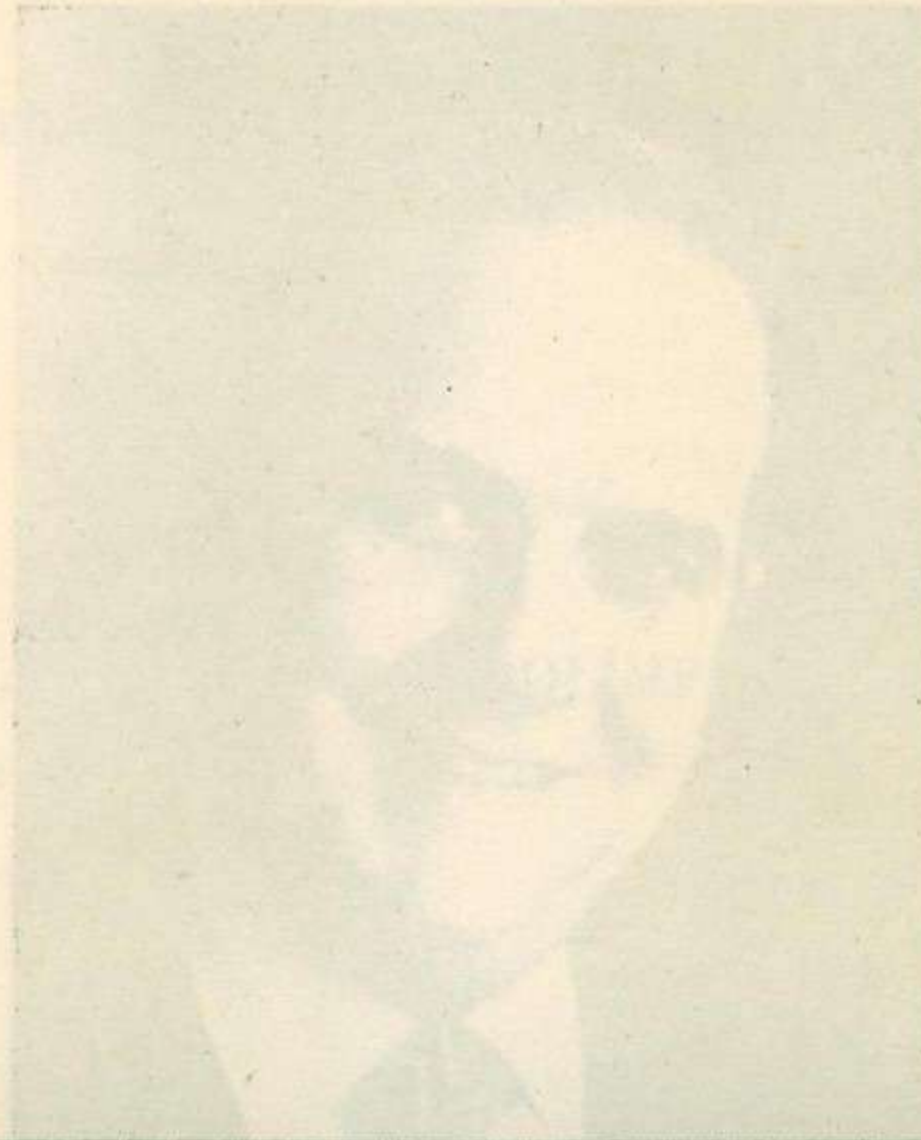
Dr. Jorge Maluly Neto



Dr. Ruy Silva

Olimpia é também grata pelo decidido apoio e cuidado que sustentaram ao 13.º Festival de Folclore. Autoridades que têm contribuído para a mais ampla divulgação de folclore brasileiro e as quais o Secretário do Trabalho Dr. Jorge Matuly Neto e o Secretário das Escolas e Turismo Dr. Ray Silva.

ILMO. SR.
PREFEITO MUNICIPAL
SR. ALVARO CASSIANO
OLIMPIA - SP.



Prefeito Municipal de Olímpia **Alvaro Cassiano Ayusso**, a quem agradecemos a colaboração e ajuda, sem as quais o presente Festival muito perderia em repercussão e brilho.

Valemo-nos da oportunidade também para felicitá-lo pelo aniversário transcorrido a 13 de agosto corrente, juntando os nossos cumprimentos aos dos numerosos amigos, companheiros e admiradores que bem demonstraram a sua imensa popularidade.

FOLCLORE, UMA HISTÓRIA SEM AUTOR

Trazemos uma narrativa que nasceu com a espontaneidade dos lírios do campo... não pertence a ninguém porque é patrimônio comum, constituindo uma particularidade de cada povo, de cada grupo étnico e caracterizando a expressão dos seus sentimentos nativos, suas alegrias e dores, suas crenças e rituais. Sobretudo sabedoria popular que se manifesta de diversa modalidade e, por isso mesmo, cultura em todos os sentidos.

«No folclore há sempre clarões de aurora, porque a sua criação é contínua e interminável.»

Renato Almeida

O que é Folclore ?

A sua origem perde-se no tempo e talvez seja tão antiga quanto o próprio homem, pelo menos a partir do momento em que sentiu a necessidade de externar o seu modo de viver. Criação que não tem autoria conhecida, máxime pela sua condição de anonimato; entretanto, possuindo a sua cultura específica, simples e humilde como o povo, como a geração anônima que passa e lhe dá origem.

Desprovido dos requintes das manifestações altamente artísticas, a sua beleza tem o diadema da naturalidade, sem adereços ou atavios. Preso às raízes de cada nacionalidade e regionalidade a sua história, certamente, não passa de uma outra «estória» dentro da História, principalmente porque destituído da chancela dos magníficos episódios.

A versatilidade varia de casta para casta e diverge de cada pedaço do «mapa mundi» que os dicionários registram como «Nação». A ele estão ligados os mais antigos «mythos» (gr. relato) de que se tem idéia na Humanidade, todas as formas vivenciais comuns a cada povo. Quando o arqueólogo Thoms criou a expressão, com certeza não pretendia referir-se, exclusivamente, ao fenômeno sócio-cultural inerente a cada país senão, também, a cada indivíduo como cédula de uma coletividade, a fim de distinguir a presença do homem no somatório de crenças, superstições, costumes, etc.

Aqui poderíamos pensar nos grupos ou nos homens-símbolos, sobre cujas existências criaram-se numerosas lendas, a exemplo do nosso «padre Cícero», das narrativas de Guilherme Tell, o libertador da Suíça, ou do nômade cigano envolvido na «magia» da sua raça.

Todo esse conjunto de recontos que se estereotipam nas mais diferentes criações, por assim dizer, traduz a exuberância imaginativa do povo. A isto se deu o nome de Folclore.

Embora essas manifestações, multiplicáveis no tempo pelo «processo da adaptação»

e das «variantes de atualização», encontrem as suas raízes há milênios, e mesmo na pré-história, somente muitos séculos mais tarde foram conhecidas com a designação atual. Os antiquíssimos rituais do oriente, tanto quanto as danças bárbaras das tribos mais remotas, outra coisa não eram senão primitivas manifestações folclóricas.

A origem do vocábulo, dentre outras, é anglo-saxônica, isto é, folk — povo e lore — saber, grafada «folk-lore» e, posteriormente, «folklöre», e, finalmente, folclore, traduzindo e significando a cultura do povo ou popular, e que se fundamenta na História, na Sociologia e na Antropologia.

No Brasil, somente após a reforma ortográfica de 1943, passou a ser escrita a forma folclore. Ganhou novas formas gráficas ou expressões, por exemplo, na França dando causa à «demopsicologia», à «antropopsicologia» e «oui-dire» e legando-nos a Itália a «demologia».

Nas civilizações mais antigas já se conhecia o folclore, desde Pausânias, na Grécia (séc. II d. C.), a Montaigne no séc. XV e os Irmãos Grimm no séc. XIX. Entrementes, quem verdadeiramente o batizou foi o inglês Sir William John Thoms (1803-1885), proclamando o termo em artigo publicado no jornal londrino The Athenaeum, em 22 de agosto de 1846, data que, mais tarde, passou a constituir o «dia universal do folclore». Thoms, porém, não foi o único. Diversos outros estudiosos trataram do assunto, entre eles George Laurence Gomme, dando nova dimensão à palavra, a qual compreendia: a) narrativas tradicionais; b) costumes tradicionais; c) superstições e credences e d) linguagem popular.

A folclorista brasileira, Professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro, nos elucida sobre as condições próprias do folclore: 1) anonimato; 2) aceitação coletiva; 3) transmissão oral; 4) tradicionalidade e 5) funcionalidade. O Brasil realizou o I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, e em 17 de agosto de 1965 (Dec. número 56747) o Governo Federal reconheceu o dia 22 de agosto como o dia do folclore. Dentre os numerosos e ilustres folcloristas brasileiros destacamos: Sílvio Romero, João Ribeiro, Nina Rodrigues, Câmara Cascudo, Bráulio do

Nascimento, Renato Almeida, Gustavo Barroso, Cecília Meireles e outros.

As fontes e a presença do Folclore

A rigor, todos os acontecimentos históricos constituem os fundamentos do folclore. Além dos feitos de caráter épico, assinala-se o mito, em particular as religiões e os hábitos que se caracterizaram no «modus vivendi» de cada povo, e como nos ensina a mencionada Prof.^a Maria de Lourdes, as «heranças étnicas». À parte as múltiplas configurações mitológicas que distinguem as diversas nacionalidades, realça-se o cristianismo, notadamente por meio das chamadas «comemorações móveis» do calendário litúrgico romano ou decorrentes da Reforma separatista.

O certo é que a sua universalidade encontra base numa tendência própria de cada país com as diversificadas variações e manifestações através do tempo, as inclinações de cada comunidade e retratando o perfil plebeu dos diversos países, pois «o folclore é a própria alma de um país», como assevera a folclorista Maria de Lourdes.

Não focalizaremos os costumes tradicionais, da mesma forma que não nos detemos no folclore brasileiro o qual, de maneira semelhante à nossa colonização, é produto de três culturas, a indígena, a portuguesa e a africana, sendo o nosso folclore rico e exuberante como tantos outros no mundo e conhecido da maioria dos brasileiros.

Limitar-nos-emos, tão somente, a um repasse geral sobre o folclore, internacional, ou, antes, às possíveis origens da expressão.

As fontes do folclore, do ponto de vista da antigüidade, parecem-nos deveras remotas, além dos fatos que a História registra, dos quais se tem conhecimento, por exemplo, os hábitos dos povos do Oriente, particularmente, Egito, Índia, China, Sudão, etc.

Por outro lado, como fator importante, ressaltamos a imigração de diversas e diferentes levas populacionais, cruzando as fronteiras de outros países e trazendo consigo uma «herança» de costumes naturais da sua região, readaptados e modificados por essa peregrinação, possibilitando o aparecimento de nova estrutura folclórica, de outros produtos anônimos e adquirindo a fisionomia do lugar.

No tocante à historicidade, o folclore nos envia às primeiras manifestações anteriores à Idade Média, como vimos atrás, mas sobretudo, a partir dessa fase da História (séc. V ao XV), e mesmo antes, momento em que as diferentes narrativas (em geral em verso) passaram para o domínio popular, não raro fundamentadas na História.

Creemos não haver dúvida de que as apreciadas diversificações do folclore internacional muito deveram às guerras de conquistas, bem como àquelas voltadas para o Continente Africano e daí trazendo para o Ocidente a exótica beleza dos rituais sudaneses e bantos, de que é rica a raça negra, além das Cruzadas que de tal sorte contribuíram para a formação dos

diferentes tipos de folclore.

Das fontes de origem, quer dizer das manifestações que serviram de sedimento às «características populares do povo», entendemos nós, destaca-se a Balada, forma lírica inicialmente coreográfica, lá pelos fins do século XIII, e mesmo anteriormente (v. Chanson de Rolland), a qual, na andança da História, se transformou em expressões ou representações de caráter popular ou popularizadas pelas «versões», em particular na forma de narrativas (estrofes), canções e danças, posteriormente típicas e que se transferiram, depois, para os quadrantes poéticos (séc. XVI), maiormente com os «romanceros da Espanha» difundidos pelo Velho Mundo e convergindo para as baladas populares francesas (ex. François Villon), inglesas, escocesas e alemãs.

Outra fonte que nos parece de valor, na constituição do folclore universal, foi a chamada «Gesta», composição épica e heróica, particularmente à época de Carlos Magno (séc. VIII), Ricardo Coração de Leão (Ricardo I da Inglaterra), João Sem Terra e a semilendária figura de Rei Arthur, envolvendo estórias que daí se originaram e assimiladas pelo povo, bem como outras personagens histórico-lendárias, composição que se transformou, mais tarde, nas «canções de Gesta», popularmente apreciadas, sobretudo as famosas Gestas do Rei Carlos Magno, de Garin de Monglane as de Mogúncia, ao que consta, vinculadas às Coplas, peça poético-popular (século XV a XVIII) de origem provençal. Diversas fontes deram causa à difusão do Folclore dentre as quais os elementos que podemos considerar importantes, como sejam o «jogral», o «menestrel» e o «trovador» (entre nós os cantadores, seresteiros, violeiros etc), tipos plebéicos de trovadores ambulantes da época medieval e, provavelmente, até o pós-Renascimento, os quais se faziam acompanhar do antigo instrumento musical denominado «viela» (do naípe de cordas, ao que se supõe ancestral do violão e, ou guitarra). Anote-se ainda, o valor do madrigal italiano do século XIV, espalhado pelo Ocidente através dos «madrigalistas» e do cunho, pelo menos, semipopular. Finalmente, outros registros de importância das fontes do Folclore e que influenciara de certa maneira na criação (também) do nosso folclore: o «cancioneiro» hispano-português, transmitido ao povo e por ele absorvido de geração para geração e o «romanceiro» popular, igualmente ibero-português e transportado para o Brasil pelas levas dos primeiros colonizadores.

Isto, porém, não é tudo, antes o enfoque do aspeto literário, quer dizer, a oralidade folclórica. Diversos outros componentes, contudo, apresentam feição nitidamente folclórica e, a rigor, os acontecimentos que marcaram os sucessivos passos da história das civilizações, os quais, tomados pelo povo, se transformaram em feitos folclóricos. Não seria exagero a afirmação de que o Folclore está presente em todas as coisas, ou, para usarmos a expressão popular hodierna, «está em todas». Dois aspetos são basilares no Folclore: o espiritual e o material e, nestes, especialmente no primeiro, o fator magia, em que pese o aforisma de que o homem é um animal congenitamente supersticioso... Em diferentes regiões de cada país existem diversificadas categorias ou perfis do

folclore, como uma constante no viver do povo, muitas dessas categorias vindas de longas épocas, evoluídas e conservadas, pelo menos algumas, até os dias de hoje. Além da característica oral ou literária, a incursão do folclore no campo da medicina, das ciências e das artes em geral como, por exemplo, a medicina popular, as glosas, o artesanato, a dança e coreografia típica, bem assim a sua presença e influência no teatro, na música, em tudo, finalmente como nos referimos. De sorte que devemos entender que o Folclore não é, simplesmente, um fato fechado e circunscrito, de maneira exclusiva, às camadas plebéias. Há, ao contrário, uma espécie de interinfluência, observada entre o clássico e o folclórico e cujos exemplos são numerosíssimos. Deixamos ao

leitor o ensejo de imaginar a extensão do Folclore no tempo e no espaço, maiormente, se considerarmos que cada um de nós tem alguma essência de folclore, a começar pela criatividade nos divertimentos infantis.

Tudo isso, por intermédio do «processo de adaptação» e da evolução no tempo, caracterizando diferentes modelos ou configurações folclóricas universais, à semelhança do que conhecemos hoje e estudamos como particularidades de cada povo.

(Da Revista «Petrobrás» - janeiro/fevereiro/março de 1976 - 275 - páginas 23/27)

FOLCLORE E TEORIA LITERÁRIA

O Folclore em suas raízes mais profundas e em suas múltiplas manifestações pode ser analisado à luz dos conceitos de determinada Teoria Literária. Ele é divulgado através de relatos verbais ou escritos, os quais constituem a fórmula substancial de uma narrativa.

Nesse sentido uma narrativa folclórica, seja ela de que tipo for, pode ser formalizada pelos modelos teóricos da Literatura, uma vez que nela o caráter fictício alcança sua plenitude. Uma narrativa folclórica como outras narrativas, apresenta o relato de fatos que poderiam ter acontecidos ou que mesmo não tendo acontecidos, são frutos da imaginação de quem os narra.

Se tomarmos os elementos estruturais de uma narrativa qualquer, como o foco narrativo, a ação, o enredo, os personagens, o tempo, o espaço e os diálogos, veremos que, a priori, estão presentes em dada manifestação folclórica. A posteriori, eles são evidentes, principalmente se o teórico tem o texto em mãos para submetê-lo aos seus estudos.

Um ou outro elemento estrutural pode predominar nessa ou naquela manifestação folclórica, mas isso não implica num juízo de valor quanto à importância dos fatos. Subtraímos e analisamos esses elementos, não porque eles se evidenciaram numa certa manifestação e não ocorrem em outra, mas pelo que eles ali significam. As alegorias, os provérbios, as lendas, os usos e costumes, os mitos, sem falarmos dos espetáculos e músicas, projetam sempre um elemento que deve ocupar o primeiro plano, às vezes um elemento secundário passa despercebido em virtude da posição que ocupa, embora seja tão importante quanto ao primeiro.

As alegorias, os provérbios e as lendas projetam o foco narrativo enquanto enunciação e enunciado. Ao enunciar um fato o narrador imprime sua maneira peculiar de dizer de acordo com seus usos e costumes. Quanto ao enunciado, ele é um conjunto de elementos lingüísticos, que relacionados entre si, independem de seu narrador. Como o anonimato é uma característica marcante do folclore há uma tendência muito grande para colocar o enunciado em primeiro plano sem a preocupação com o processo em si. Poderemos enunciar o mesmo provérbio em duas línguas sem pre-

juízo de seus elementos intrínsecos como acontece com o conhecido «Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura» (C'est en forgeant qu'on devient forgeron).

As lendas atualizam um elemento estrutural — o enredo que é o que mais se evidencia nesse tipo de narrativa. O teórico interessado pode atender para a seqüência de motivos associados que constituem a própria fábula, bem como para as inferências sociais, históricas ou míticas que nelas aparecem.

Essas lendas apresentam sempre um enredo que obedece à ordem cronológica dos fatos.

O mito, quanto à significação, atualiza o elemento tempo, embora seja atemporal e o espaço-lugar de origem, apesar de independê-lo desse, para projetar sua autonomia. Enfim, embora tenha esses dois componentes como elementos principais, explica o mundo sem subordinar-se a ambos.

Um auto ou drama-pastoril como o Bumba-Meu-Boi vale-se de elementos não verbais como a coreografia, luzes e cores, mas pode vincular-se a um sistema teórico-literário visto enquanto texto. Em sua apresentação não faltam a ação, o diálogo e os personagens, como por exemplo o próprio Boi que centraliza em si a maior parte das atenções. Pois, juntando-se esses três elementos desse auto é que se percebe melhor a visão do mundo e das coisas.

Em certos folguedos celebrados por ocasião do Natal e Reis, como a Folia que leva esse nome, notam-se vários personagens os quais são responsáveis pela dramaticidade do espetáculo. Geralmente há uma hierarquia como resultado da função de cada elemento do grupo o que nos permite identificar os personagens principais e secundários que, relacionados entre si, nos fornecem condições para estudos sobre a ideologia do folgado.

Recolhendo os componentes estruturais aqui apresentados, não nos será difícil concluir que, é possível subtraí-los a certas manifestações folclóricas já que sua incidência é patente nos estudos de texto.

Maurício César Alves Pereira

(Professor de Português e Literaturas na E. E. P. S. G.

«José Antônio Santana, de Guaraci, Comarca de Olímpia - SP)

NECESSIDADE DE SENTIR A ESSÊNCIA DO SABER VULGAR

O mundo ocidental viu surgir o século XX condicionado pelo racionalismo e pelo utilitarismo, arrastando ainda o endeusamento das forças econômicas e dos interesses materiais da época anterior.

A tecnologia apontou duramente para uma ilusão - a de que a energia do sol bastava para o progresso. Alas são abertas ao vapor, à eletrecidade. Destruíram-se os mistérios.

Temos o homem diante de um mundo em desabalada metamorfose, que ele não consegue compreender nem controlar.

Mas apesar daquilo que ao seu redor se altera, se modifica, se estrutura, se sistematiza, persiste nele uma aguda sensibilidade para tudo quanto é longínquo, espontâneo, despreocupado, fantasioso. Uma necessidade existencial determina essa sintonia com as coisas que ficaram imunes do naufrágio na angústia.

O homem de hoje é o de ontem, é o de sempre, por isso há nele a mesma ânsia de conhecer as coisas e ordenar o mundo. Só que implica em crescentes dúvidas, envolvido por incômoda sensação de hipocrisia, (como se a única coisa de que pudesse ter certeza fosse o «faz-de-conta»), naquela tarefa, desvia-se da ação controladora da lógica e do raciocínio. Parte em busca de uma ordem natural tanto quanto possível. É o caminho para identificar-se com a palavra coletiva e oral, com o pensar primário e dourado, com o sentir direto e natural, com o agir anônimo e simples.

Gerações redescobrimo o mundo. Não pelas fórmulas convencionais; não pelos elementos radicalizados e codificados pela inteligência reguladora. Trata-se de um conhecimento que escapa às explicações, aos cânones, às definições, pois é assimilado de maneira informal, difusa, intuitiva. É o próprio SABER. Manifestações do povo que ajudam lembrar a dualidade intrínseca ao humano (espírito/corpo; razão/intuição) e que atendem às exigências do ser integral.

Nessa ordem de idéias inscreve-se aquela parte da Literatura Brasileira que, lutando pela renovação estética (ao voltar as costas à linguagem que com peculiar transparên-

cia refletia o concreto-objetivo) viu-se cara-a-cara com um plano mágico, onde todas as realidades são possíveis.

Nessa postura nova da palavra poética afluem sobretudo o lúdico e o popular, tentando o registro da aventura humana no mundo; coisa natural, ingênua e espontânea, mas curiosamente *espantosa* - eterno motivo de encantamento para o povo.

No processo de «explicar» a gênese do mundo e a condição humana, a leitura destes textos conduz-nos a uma visão primitiva de que nossa caminhada se guia por forças enigmáticas e de que o válido, o essencial, está nos sonhos dos homens.

Por isso Mário de Andrade promove uma palavra que penetra no nosso populário, e se identifica com ele, anônima e coletivamente. «Macunaíma» apresenta um conjunto que participa do folclore e se eleva à criação literária, atingindo a conciliação desejada.

Por isso em «Grande Sertão: Verdades», Guimarães Rosa utiliza um ritmo descansado, imitando o falar daquele que mergulhado no natural, não vive sujeito ao tempo-angústia, construção do social. E o relato se espria minado de cantigas folclóricas, que comunicam ao outro a beleza e a alegria (ou a emoção) dos gestos não-pragmáticos:

«Olererê
Baiana...
Eu ia
eu não vou mais...
Eu faço
que vou
lá dentro, ó Baiana:
e volto
do meio
pra trás!»

Carmen Lúcia Zambon Firmino

(Professora efetiva de Português na E.E.S.G. «Cap. Narciso Bertolino» - Olímpia e Auxiliar de Ensino da Cadeira de Literatura Portuguesa no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de S. J. do Rio Preto.)

Em 1965, o Diário Oficial da União (n.º 157), de 18 de agosto, publica o Decreto n.º 56747 que em seu artigo 1.º reza: «Será celebrado, anualmente, a **22 de agosto**, em todo o **território nacional**, o **Dia do Folclore**.

No mesmo ano de 1965, a cidade de **Olímpia**, realiza o seu **1.º Festival do Folclore**, defendendo a sobrevivência dos folguedos e artes da criação popular.

FOLCLORE: A MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA DE UM POVO

Carnaval, bumba-meu-boi, congada, festa do Divino.

Quadrinhas, lenga-lengas, abecês. Apelidos, desafios, modas de viola. Mutirão, ritos de nascimento, batizado, noivado, casamento e morte.

Indumentárias. Cerâmicas, brinquedos, máquinas.

No mundo maravilhoso do folclore há lugar para todas as expressões espontâneas da criatividade humana.

Por isso, constantemente vivido e revivido, o folclore é a manifestação mais autêntica da maneira de sentir, pensar e agir de qualquer coletividade.

O que caracteriza e identifica os fenômenos folclóricos? Onde e quando ocorrem?

Há muitas idéias errôneas a respeito do folclore. A maioria difundida e aceita. O folclore não é, por exemplo, alguma coisa longínqua que se precise ir buscar entre as pessoas anônimas de uma coletividade rural qualquer. Nem, muito menos, é tradicional, no sentido de que somente as coisas antigas representam fatos folclóricos.

Estas e outras idéias originam-se da primeira definição de folclore, formulada em 1846 pelo inglês William John Thoms. O objetivo deste arqueólogo era encontrar um termo capaz de designar o conjunto de cantos, narrativas, costumes e usos populares tradicionais. Para isso, ele usou duas velhas palavras saxônicas: folk, que significa povo, e lore, saber, formando assim folk-lore, isto é, saber do povo. Como conseqüência, tornou-se comum pensar que o folclore somente pesquisa o tradicional, no sentido de antigo, sendo portanto uma disciplina interessada em fatos e eventos passados e estatísticos.

Se essa foi uma das mais importantes características do primeiro conceito de folclore, hoje não basta para particularizar o fato folclórico. Na verdade, ao estender-se pelo mundo, o conceito de folclore evoluiu e ampliou-se.

Atualmente compreende-se folclore como «o estudo da cultura espontânea da gente dos campos e das cidades», que é dinâmica e evolui na medida em que o pensar, o sentir, o agir e o reagir dos membros da sociedade modificam-se em determinados locais, regiões ou nações.

Para melhor entender esse novo conceito é preciso recordar que, numa mesma sociedade, coexistem paralelamente duas formas de manifestação cultural. Uma erudita, resultante do ensino organizado ou oficial, com escolas, universidades, academias, e portanto, orientada por instituições como o Estado, a Igreja, o cinema, a imprensa e as organizações intelectuais. E outra espontânea, decorrente da experiência de vida, não dirigida e não orientada por nenhuma dessas instituições. Nesta, na que nasce da vivência diária do homem ao lado do seu semelhante, desenvolvem-se os fatos folclóricos.

Embora a cultura erudita e a espontânea sejam expressões diversas de uma mesma sociedade, devido ao fato de coexistirem paralelamente, elas se influenciam mutuamente. Por

isso, o folclore muda constantemente, dependendo da maior ou menor integração dessas duas culturas. E está presente em todos os membros da coletividade, com intensidade diversa. A crença de que folclore é uma manifestação exclusiva de pessoas humildes e incultas nada mais é que um preconceito. O folclore existe também entre pessoas de formação intelectual. A gíria é um dos exemplos da manifestação folclórica em todas as classes sociais, podendo ainda ser mencionado o folclore que surge das inúmeras atividades profissionais modernas e urbanas, desde motoristas de caminhão a aviadores.

O folclore só é tradicional no sentido em que se compreende a tradição como o fio que liga o presente, o passado e o futuro, ou seja, na medida em que caracteriza toda a existência cultural do homem. Hoje é comum ver-se em fatos folclóricos tradicionais, como a literatura de cordel, aspectos modernos, tais como a construção do metrô. Outro exemplo: objetos folclóricos feitos de pneus velhos, um material não tradicional.

O fato de inúmeras expressões folclóricas tradicionais apresentarem temas modernos não invalida sua autenticidade, desde que a espontaneidade de criação continue a existir. O que importa caracterizar no folclore não é o tema, mas a espontaneidade da criação.

Ser ou não ser

Para caracterizar o fato folclórico é indispensável que ele seja espontâneo e reconhecido pela comunidade. A aceitação pode ser percebida com facilidade ao analisar-se a função do fato folclórico. Quem faz é levado a fazê-lo por algum motivo. Nada é gratuito. Assim, as bandeiras das festas do Divino são feitas pelos participantes como cumprimento de uma promessa; o jogo da capoeira dissimula um tipo de luta e os folguedos, como congadas e moçambiques, revelam a intensa motivação religiosa e o desejo de homenagear os santos padroeiros.

Além da criatividade, da aceitação coletiva, da funcionalidade e da tradicionalidade, apresenta ainda o fato folclórico, os seguintes aspectos: o anonimato, isto é, o autor quase sempre é desconhecido, pois sua identidade perdeu-se através dos tempos, ou, quando conhecida, sua criação possui apelos folclóricos mais fortes que se sobrepõem à sua individualização; a

transmissão oral, processo pelo qual difundem-se os conhecimentos populares tão logo sejam aceitos pela coletividade, embora existam várias expressões populares de transmissão escrita, como os enredos das congadas e a literatura de cordel.

De todas essas características, a criatividade espontânea e a aceitação coletiva são as mais importantes. O homem cria porque sente necessidade de expressar-se a seu modo diante das coisas e das situações. Seu trabalho, para ser folclórico, precisa ser livre de interferências, o que não significa que esteja isento de influências. Uma paneleira, por exemplo, faz panelas de barro porque gosta e não porque sua mãe, avó ou bisavó as faziam. A prova é que há filhas de paneleiras que não sabem fazer panelas. E muitas vezes, quando os filhos continuam a atividade desenvolvida pelos pais deixam de ser folclóricos, passando a ser representantes da cultura popular ou popularesca, porque não criam coisas novas espontaneamente.

A cultura popular ou popularesca é bem diversa da espontânea. Ela é o resultado das influências das culturas erudita e espontânea. E seu campo de ação resulta da moda, do consumo e do comercialismo. Portanto, é passageira.

A Identidade Nacional

O Brasil é um dos países mais ricos em manifestações folclóricas. Elas caracterizam aquilo que poderíamos chamar de expressões da nossa nacionalidade. Quando pensamos num mexicano logo nos surge a imagem de um mestiço vestido com roupas bordadas e chapéu enorme; ao pensarmos no brasileiro lembramos, de imediato, do gaúcho, do sertanejo nordestino e da baiana. Mas o folclore não se restringe apenas à diversidade de indumentárias de tipos regionais. As modalidades estudadas pelo folclore são bem amplas e abrangem, em linhas gerais, as seguintes divisões: arte, artesanato e técnica; usos e costumes; literatura; linguagem; música; dança; religiões, superstições e credences.

Todas essas atividades guardam profundas influências das várias culturas que, no desenvolvimento de nossa história, marcaram a formação de nosso povo.

A cultura brasileira, nova e autêntica, nasceu do encontro entre culturas diferentes. A portuguesa, a africana e a indígena, têm papel de destaque. Da mescla destas culturas, acrescidas dos traços de outras trazidas pelos imigrantes, formou-se a cultura espontânea brasileira, palco e ação do nosso folclore.

As coisas indígenas não representam fatos folclóricos. O estudo do folclore se restringe apenas às manifestações espontâneas da sociedade civilizada ou histórica. E a cultura indígena desenvolve-se em outro tipo de sociedade, a primitiva ou ágrafa (sem escrita). No entanto, o folclore brasileiro tem muitos traços da cultura indígena. Nos folguedos e nas danças, principalmente, sua presença é evidente.

Manifestações Lúdicas

De todas as modalidades de manifestações espontâneas do povo brasileiro, as lúdicas-

aquelas que têm o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos — são as mais conhecidas, porque aglutinam muitos participantes. São as festas, as danças, os folguedos populares, os jogos e brinquedos, o teatro e as representações.

Entre as festas encontra-se aquela que é a maior manifestação popular brasileira, o carnaval. Festejado em todo o país, sua origem perde-se no tempo e nele reina absoluto o samba. O samba nasceu na Bahia, do contato do batuque africano com outras danças dos escravos aculturados. Depois emigrou para o Rio de Janeiro, onde transformou-se em samba carioca de partido alto. Mais tarde, sob influência dos ranchos de Reis, aparecem as escolas de samba, cujos desfiles atuais atraem a atenção de gente de todas as partes.

Outras festas com características folclóricas bem brasileiras são também as festas juninas, as do Divino Espírito Santo, de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário.

No quadro maravilhoso, das manifestações folclóricas lúdicas brasileiras, as danças e os folguedos ocupam um lugar de destaque. Embora semelhante, possuem características distintas. Os folguedos, por exemplo, são realizados por grupos organizados, que ensaiam periodicamente, e suas apresentações sempre possuem algo de representativo. Entre eles estão: o bamba-meu-boi, do Maranhão; o maracatu, de Pernambuco; o terno-de-reis, da Bahia; a congada e a cavalhada, de Goiás; as escolas de samba, do Rio de Janeiro; as folias de Reis de São Paulo; o boi-de-mamão de Santa Catarina. Já entre as danças, podemos mencionar: a desfeiteira, do Amazonas; o carimbó, do Pará; o baião, do Ceará; o frevo, de Pernambuco; o cateretê, de Minas Gerais; o fandango, do Rio de Janeiro; a ratoeira, de Santa Catarina; a quadrilha, do Rio Grande do Sul.

Descrever a riqueza de detalhes de cada um dos folguedos e danças é praticamente impossível. Inúmeras são as características peculiares de cada um: vestimentas típicas, adornos, instrumentos, ritmos e passos. Em todas essas manifestações, no entanto, uma característica é comum: a alegria contagiante de seus participantes e a espontaneidade com que se realizam.

Umas e Outras

Não menos ricas que as danças e folguedos são as outras modalidades de expressão folclórica brasileira. No artesanato, a inspiração espontânea das populações do litoral e do interior cria um verdadeiro estilo nacional, inspiração para artistas eruditos.

Quem é capaz de confundir a cerâmica do Marajó com utensílios de outras partes? Como descrever as imagens coloridas e cheias de forma dos utensílios caseiros, acessórios de habitação e armas de defesa? Somente vendo-os nas feiras podemos sentir o quanto são brasileiros: moringas, potes, abanos, panelas, cuias, baús, canastras, redes, esteiras, peixeiras, alpargatas, cintos. Há ainda os brinquedos fabricados de trapos e espigas de milho, as máquinas utilitárias como monjolos, moendas e teares. As figuras de madeira, as rendas e os trabalhos em crochê.

Nos usos e costumes populares também

o folclore brasileiro apresenta aspectos de grande interesse para os estudiosos e para o conhecimento da identidade cultural do país. O mutirão é um deles. Característico do Vale do Paraíba é uma forma de auxílio mútuo entre os homens do campo. Nos fins de semana ou em determinadas épocas, famílias inteiras se reúnem para auxiliar um elemento qualquer do grupo, quer seja na preparação da terra para o plantio ou na colheita, quer seja na marcação do gado, na construção de uma casa ou estrada.

Devido ao fato de propiciar a reunião de grande número de pessoas pertencentes a mesma faixa de cultura espontânea, o mutirão é muito interessante para os pesquisadores, porque em sua realização sempre corre a presença de outras manifestações folclóricas, como danças típicas e distribuição de doces, salgados e bebidas, de aspecto tipicamente popular.

Outro aspecto importante do folclore é

a literatura espontânea, da qual o cordel apresenta-se como o exemplo mais representativo. Nessa modalidade incluem-se também os mitos, lendas e histórias populares conhecidas por todos. São os «causos», as anedotas, os enigmas. Na linguagem, sobressaem os apelidos, ditados, provérbios e adivinhas.

A inventiva folclórica não tem limites. Por ser espontânea é autêntica e sua simplicidade não segue estilos ou escolas estéticas, mas sim o singular engenho dos que vivem mais por destino, preferência ou vocação, no mundo da magia. Segundo Cecília Meireles, o folclore é o próprio retrato do homem que «repercute em nosso espírito como uma coisa antiqüíssima e atual, efêmera e eterna, e confunde o que somos no que fomos, seríamos ou seremos».

(Do Jornal Unibanco - ano V - agosto/setembro de 1976-n.º 53-SP)

CULTOS E DEVOÇÕES

Laura Della Mônica

(PROFESSORA DE FOLCLORE)

Mastros e Bandeiras

O Brasil de norte a sul festeja o dia do seu santo com grande pompa ou simplesmente, não se esquece de fincar o mastro com a figura do santo, junto à igreja, no fundo do quintal, ou ao lado da casa. Assistir ao levantamento da bandeira com figura do santo protetor e homenageado, como São João, São Pedro, São Benedito, Santo Antônio, Santa Cruz é muito interessante. Rojões e salva de ronqueiros são estourados para que a festa seja ouvida à distância.

É costume enfeitar-se o mastro com flores naturais ou de papel e fitas coloridas. Mas o mastro precisa ser preparado. Cortado numa sexta-feira, de preferência no minguante. Rezam o Padre-Nosso antes do corte e o mastro é pintado de acordo com as cores do seu Santo.

Na Europa, no mês de maio, festas populares são realizadas para o culto ao poder germinativo da terra, com bailado ao lado de árvores e mastros. Nas festas dionisiacas erguia-se planta coberta de figurinhas, de presentes, e outros objetos, motivo muito bem lembrado por Virgílio em «Georgia», e mesmo por outros informantes do Velho Mundo.

O hasteamento das bandeiras dos oragos católicos teria outra origem, alheia aos mastros votivos dos cultos agrários. A bandeira do santo representa festa, comemoração, a presença do santo no local, a chamada dos fiéis. A festa da Aldeia de Carapicuíba, no mês de maio, festa de Santa Cruz, é motivo para verificação

da cultura índio-jesuítica, de grande valor histórico e turístico.

A Puxada do Mastro é uma festividade que se realiza no morro da Conceição em Vitória do Espírito Santo.

Usar os patronos nos artífices como bandeira, era costume português: pedreiros, carpinteiros, estendiam a bandeira com a figura de São José. Os grupos de Folias de Reis, por todo o Brasil, ainda hoje saem de suas casas com a bandeira, símbolo da própria companhia. Os Grupos de Folias do Divino costumam sair com seu bando precatório ou não, mas usando figura de uma pomba branca na bandeira vermelha. Há uma hierarquia nesses grupos pedintes, como: os padrinhos do mastro, o alferes da bandeira. Muitas vezes o grupo constituído tem o nome de Bandeira, e ao som de violas, pandeiros e caixas saem cantando o texto:

«Dai esmolos ao Divino
com prazer e alegria,
reparai nessa bandeira
é de vossa freguesia.»

Donos-de-casa fazem questão de receber as bandeiras, quer seja do Divino ou dos Santos Reis. A bandeira entra em casa sob pedido de licença, abençoa e depois de ter comido e bebido, agradece a esmola e se retira com o canto de despedida. As esmolos, em dinheiro ou espécie são dadas pelo dono-da-casa com o objetivo de cumprimento de promessa ou porque assim o deseja. Colocam-se na bandeira ou es-

tandarte as promessas em dinheiro, fotografias, fitas, flores, etc.

Bruno de Menezes, em «São Benedito da Praia», contou-nos, que em 1958, os festejos, em louvor a São Benedito, em Belém do Pará era um acontecimento católico-popular notável. A derrubada do mastro era feita de maneira diferente. No final da festa, o centro de atrações era a caída do mastro, e para que isso acontecesse primeiramente as tiradeiras de rezas entoavam suas orações respondidas pelo povo que se aglomerava na praça. O primeiro golpe de machado deveria ser dado pelo juiz-do-mastro. A bandeira apanhada por qualquer pessoa, antes que caísse, significava que esta havia alcançado a graça solicitada.

Em Santo Antônio da Alegria (SP), assisti, nas festividades de aniversário daquele Município, ao arreamento das bandeiras das Congadas, cujos mastros foram fincados no largo da Igreja de Nosso Senhora do Rosário. Ali o arreamento era totalmente religioso, com canto e toques solenes de caixas e os assistentes com fisionomias tristes demonstravam o fim da festa.

Aproveitamento

Anote no seu caderninho turístico as festas de São Benedito, em Aparecida, dignas de serem vistas. O levantamento do mastro é feito com a colaboração do capitão-do-mastro que o ergue em praça pública. A coroa encimada na bandeira com a efígie do santo é ofertada pelo alferes da mesma.

Anote, também, no seu caderninho de roteiros: Festa do Divino com inúmeras bandeiras em Moji das Cruzes, em São Luís do Paraitinga... e não se esqueça que durante o mês de agosto — a CAPITAL DO FOLCLORE — OLÍMPIA, faz a maior festa folclórica de todo o interior paulista.

Semana Santa

O mundo católico passa a viver, de maneira diferente, durante a Semana Santa. Tudo e todos se voltam para ela: religiosidade, penitência, maior respeito, medo do pecado e das condenações.

DOMINGO DE RAMOS — Você vai guardar os ramos bentos que recebeu na igreja ou de algum amigo, para queimá-los nos dias de tempestade. Talvez deixe de comer carne, se já não começou a abstinência desde quarta-feira de cinzas. Em Olímpia ainda fazem ramos totalmente trançados com belíssimos desenhos.

Atos Campos, informa que em Mairiporã (SP), as folhas das palmeiras eram bem trabalhadas e levadas à igreja para a bênção. Suzana Mariana com 52 anos, nascida na Fazenda Santana, em Conchas (SP), disse-me que o povo daquela região acredita na palma benta atirada ao fogo com uma pitada de sal para amainar as tempestades, abençoar a casa e eliminar as doenças. Dona A. Baraldo de Sousa nascida em Americana (SP), com 62 anos informou que ao voltar da igreja com os ramos, deixa-os no quintal até à Páscoa quando, então, os leva para dentro de

casa. Nos terreiros de Umbanda e Candomblé também se realiza a cerimônia do ramo bento à sua maneira.

DURANTE A SEMANA SANTA — Geraldina Alves dos Santos com 56 anos, nascida em Riacho de Santana (BA), não pratica certos atos, como: varrer a casa, pentear os cabelos, assoviar, ouvir rádio muito alto, cortar lenha, tirar água do poço. A louça era lavada no rio. Cobria-se com pano roxo ou preto as imagens ou estampas de santos que tinha em casa. Hoje ela vive em Martinópolis (SP) e apenas se abstém de comer carne, mas guarda nas gavetas os quadros de santos que estão nas paredes ou em cima dos móveis. Luísa Gaé, com 76 anos, nascida em Americana (SP) conta: "No meu tempo de moça não se comia carne, manteiga e ninguém tomava leite por causa da gordura. Não ia a bailes nem usava roupa decotada ou sem mangas. Não xingava e nem cortava os cabelos." Durante a Semana grupos religiosos costumavam parar em frente das casas fazendo a recomendação de almas.

O professor José Sant'anna de Olímpia informa que nesse período é costume deixar as unhas crescidas para não virar lobisomem, e antes do nascer do sol, continua ele, é preciso cortar um pedacinho da orelha do cachorro para que este não enlouqueça.

QUINTA E SEXTA-FEIRA SANTAS — Os violeiros de Mairiporã tiravam as fitas e as cordas de suas violas, para recolocá-las somente no sábado de aleluia depois do meio-dia. Os caçadores respeitavam mais a quinta do que a sexta-feira, chegando mesmo a temê-la, mas isto há 30 anos passados.

Dona Natalina de Sousa Luna nascida em Juazeiro do Norte e atualmente morando em Americana, com 42 anos de idade, disse-me que ninguém de sua família comia doce porque Jesus passou armaguras; não punha grampo nos cabelos para não maltratar Jesus e não tomava leite por causa da gordura. Alguém desobedecendo à tradição foi tirar leite da vaca e este virou sangue. Não se trabalhava a partir do meio-dia até segunda-feira depois da Páscoa.

Certa vez, entre São Sebastião e Caraguatatuba (SP), um grupo de pescadores aguardava a hora da saída para a pescaria, quando um homem totalmente embriagado, em altos berros, entrou na casa, dizendo que desejava alegrar a todos. Pegou a viola que estava presa à parede e começou a cantar. Todos saíram e uma velha senhora permaneceu em casa enquanto o rapaz continuava cantando. Procurou acalmá-lo. Quando seus cabelos começaram ficar arrepiados saiu correndo a gritar pelo nome de Deus. Houve um estrondo em casa. E tudo desapareceu. O rapaz era o demônio que tentara aquela família.

Na sexta-feira, continua dona Natalina informando, cada pessoa costuma fazer seu prato de comida e trocar com o vizinho. Depois vão lavar no rio a louça. O resto de comida serve de alimento para os peixes. Moças e rapazes não namoram. É proibido passar debaixo da quaresmeira, pois a pessoa se transforma em lobisomem. Mula-sem-cabeça aparece nas encruzilhadas.

Carlos Narciso Vieira, nascido em São

Paulo, capital, contou-me que de 1970 a 74, na igreja da Parada Inglesa (bairro), o padre Júlio organizava a procissão-do-enterro. A Verônica de quando em vez, parava e cantava a melodia tradicional desenrolando e enrolando a toalha onde havia a efígie de Jesus. As promessas eram cumpridas no percurso da procissão. Havia crianças vestidas de anjo, pessoas descalças, homens carregando cruzeiros com relativo peso.

DIA DO FURTO OU DA MALVADEZA

— Luís Francisco Somma de 81 anos nascido na Fazenda São José, em Araras (SP), contou-me o hábito dos amigos roubarem galinhas dos vizinhos próximos ou distantes. A carne era comida no domingo de Páscoa trazendo sorte para o resto do ano. Outras pessoas costumavam soltar o gado, enxotar as galinhas dos galinheiros e outras estrepolias. Tudo, tudo por brincadeira, que podia mais tarde, redundar em sérios prejuízos.

SÁBADO SANTO — ALELUIA —

Joana de A. Pereira com 25 anos, baiana, disse-me que na sua cidade natal só saía do regime da Quaresma quando via a aleluia na água do sol, isto é, na água da bacia que deveria refletir uma roda iluminada. Em Conchas (SP), muita gente vai à igreja buscar uma garrafa de água benta com a finalidade de jogar nos 4 cantos da casa, afugentando, assim os maus eflúvios. Luisa Faé ainda nos informa que o Judas feito pelos moços era deixado nas casas das moças pouco agradáveis. Poderia ser até uma ofensa. Osvaldo Pereira fazia Judas e o dependurava num paude-sebo, esperando a hora. Mas o bisavô de Wilma Richetto, no Sábado de Aleluia abusava do vinho em Santos (SP). Saía de casa pulando, dançando e só voltava depois de divertir-se com os amigos comendo o tradicional pato assado, cabrito, arroz de forno feito na panela de ferro, rabada (doce) e letrilha (doce). Isto há 40 anos. Os navios atracados no Porto daquele Município costumavam apitar, os bondes tocavam seus sinos repetidas vezes e as igrejas repicavam os campanários. A Aleluia chegou! Os moleques tocavam repiques nas latas vazias e também nos postes de ferro.

A queima ou malhação do Judas é muito antiga e feita de maneira diversa, com testamentos do pobre-coitado. E Carlos Narciso Veira que morou nos bairros do Canindé, Pari e Mandaqui nos dá as seguintes informações: «Durante muito tempo auxiliou na confecção dos bonecos, malhando Judas de 1945 a 52. Depois, como «já era grande», passou a presenciar as cenas. No entanto, até o ano passado ainda conseguiu encontrar Judas dependurados em postes ou em preparativos, nos citados bairros.

No Candomblé, os atabaques voltam a vibrar em homenagem aos orixás, o dia de maior matança de animais é Sábado de Aleluia em Mairiporã. A criançada costumava gritar:

«Aleluia, aleluia,
carne no prato
farinha na cuia.»

Aproveitamento

O Judas em Itu (SP), malhado em praça pública, constitui uma grande atração turística.

Em Lages (SC), é muito comum as crianças receberem ovos coloridos numa cestinha de papel de seda; galinhas com o pescoço e a cabeça feitos de pano ou crochê e o corpo recoberto de pequenas penas. Hábito germânico que tomou conta de toda região. Procure estudá-lo; é tema bastante sugestivo.

Ex-votos

Se prometeu, precisa cumprir o pagamento de promessa. Costume muito antigo, mas ainda vigente é oferecer, em sinal de gratidão pelo resultado de um pedido, um objeto às divindades, como Apolo, Esculápio ou Diana, promessa de vida ou morte. Oferecia-se também ao Amor, os troféus e armas, após a vitória de um combate.

Hoje, totalmente ligado à fé de caráter religioso-popular, popular-folclórico, trazido talvez pelos africanos, ou pelos portugueses ou ainda deixado pelos indígenas, sobrevive na cultura nacional o cumprimento de promessa aos santos de devoção.

Os ex-votos são peças recolhidas em museus, expostas em salas de milagres de inúmeras igrejas, grutas e capelas espalhadas pelo Brasil ou em cruzeiros de beira de estrada. É, portanto, a paga de uma promessa, como disse, ao santo protetor, em qualquer lugar.

A História registra muitos tipos de promessa como a de César que deixou de fazer a barba e cortar os cabelos enquanto não conseguiu superar a tremenda derrota. No império Bizantino era o povo que praticava determinados atos como cumprimento de promessa. Muitas pessoas fazem promessas num momento de aperto, sem saber se mais tarde poderão ou não cumpri-las, mas fazem... Muitas vezes o promes-seiro fez o pedido para entregar como «pagamento» objetos de madeira e procurará, depois, a pessoa que saiba esculpir na madeira. Se não encontrar, ele mesmo poderá fazê-los. Há ex-votos de cerâmica, de papel, de cera, de vidro, de raízes, etc. Quantas vezes a promessa não é para si, mas para o elemento da família ou para um amigo, ou para um animal que lhe ajuda no trabalho ou de estimação, seja curado.

Você vai encontrar por aí: pata de cavalo, boi pintado em tela, pé de milho, berço de criança, mechas de cabelos amarrados com fita verde-amarela.

O Norte e Nordeste são regiões onde mais se pratica o ex-voto usando, principalmente a escultura. Mas pode atingir também à pintura como a representação de um desastre do qual a pessoa saiu ilesa.

A Matriz do Município de Iguape (SP), possui uma sala de milagres digna de ser visitada e estudada. Há ex-votos em pintura, desenhos, fotografias, barcos de madeira. Na velha igreja da Penha (SP) que por sinal anda sempre fechada, era interessante observar pessoas de Estados distantes cumprindo promessa.

O ex-voto é um fato folclórico que procura explicar cultos e devoções ainda existentes no Brasil.

Colecionadores andam à cata por todos os cantos, não respeitando Salas de Milagres que representam um grande ponto de apoio para o estudo sócio-religioso e histórico-artístico de um povo.

O Brasil todo faz promessa e das mais variadas. Ao chegar no Rio Grande do Sul, você poderá ver, à noite, velinhas acesas pelos pagos. As quadrinhas populares explicam muito bem o desejo do promesseiro:

«Negrinho do pastoreio
acendo uma vela pra ti
e peço que me devolvas
a querência que eu perdi.»

Negrinho do pastoreio
traze a mim o meu rincão
eu te acendo esta velinha
junto está meu coração.»

Aproveitamento

Estude o ex-voto. Há um mundo espiritual muitas vezes desconhecido por todos nós. Aproveite, também para observar a Arte que nele se projeta.

São Vito Era Italiano

«Nasceu na Sicília!» «Não! em Basilicata!» «Não, minha avó me disse que era romano!» Filho de Iliá, rico e nobre senhor que viveu no ano 288 da Era Cristã, desde menino, Vito dedicara-se à caridade. Sofreu injúrias, perseguições, reclusões e suplícios por ter seguido as orações dos cristãos, mas não perdeu a fé. Numas de suas fugas com Modesto e Descência, o Anjo lhe apareceu contando o que iria acontecer daí por diante. Certa vez Valéria, filha do imperador Deocliciano estava «com o diabo no corpo» e somente Vito, cujos milagres já eram conhecidos, podia livrá-la do mal. Dito e feito. O imperador ofereceu riquezas e honrarias que foram recusadas pelo profeta. A recusa foi terrível, pois as torturas recomeçaram e das formas mais diversas: prisões nas masmorras, apresentações aos leões nos grandes espetáculos de arena, a caldeira de resina, as rodas de trituração. Finalmente uma tempestade destruiu tudo e a morte arrebatou os três entes sacrificados. Sepultados debaixo da árvore que lhe dera sombra, passaram para o esquecimento.

Um dia, a princesa Florência de Salerno, teve um sonho. Os restos mortais de Vito foram, então, sepultados em Poligno, província de Bari. Isto aconteceu na segunda-feira depois da Páscoa da Ressureição, no ano 801 da Era Cristã.

O tempo passou.

São Paulo tornou-se uma grande cidade. Os italianos a escolheram como segunda Pátria, e entre eles os bareses que se reuniram no Brás. A fé em São Vito era a mesma, sempre homenageado na pequena capela, durante os três dias mais próximos ao 15 de junho.

Nesse período ninguém trabalhava. As ruas Santa Rosa e adjacências mudavam o seu aspecto comercial, tornando-se festivas, com manifestações religiosas e populares. A imagem do Santo havia viajado de Bari para a casa do primeiro festeiro. Dali para a capela particular, à rua Álvares de Azevedo, aberta somente a 15 de junho e a 27 de setembro quando se comemorava o dia de São Cosme e Damião.

Fundou-se, mais tarde a Assistência Beneficente São Vito, cujas famílias ainda existem: Zuppo, Laporta, Seripiciosa, Mastrachirico, Carrieri, Lobate, Bocazzi e tantas outras, que continuou a festejar São Vito com missa solene, procissão, reza, quermesse, fogos de artifício e a presença, indispensável da Banda de Música. Não faltava o jogo amistoso de futebol entre casados e solteiros.

São Vito, o italianinho que deu ao Brás e ao comércio atacadista das ruas Santa Rosa e outras, a fé e a esperança de um futuro melhor, a certeza de que a América iria dar a essa gente a paz tão desejada. Hoje a festa continua com a boa vontade de reviver o passado.

Em junho sempre se renova. Mas são tradicionais as especiarias em comes e bebes: Piccicatella (biscoito doce); Torta de ricota com essência de amêndoas, água de flor, e limão raspado; Riquitela (massa de macarrão enrolada como se faz gnochis (nhoque) cortado e amassada com o polegar. Tempero de tomada, ricota seca e ralada; Guimirela (churrasco de fígado de carneiro). Esse churrasco recebe um cuidado especial. É preciso que seja envolto por uma «rendinha» (tecido que prende os intestinos dos animais). Quando o churrasco está sendo cozido a rendinha vai desaparecendo. Ainda há polvo no vinagre, berinjela, pepinos, finocchio (ervadoce), salsão, tremoço, queijo e vinho. Se um dia for à festa de São Vito, chegue cedo para não perder a oportunidade de assistir a tudo e experimentar as comidas típicas ainda com o sabor italiano. Lá estará Anela Angélica Donatello, minha ex-aluna do Curso de Turismo do SENAC com toda a família para explicar tudo. Bem até a próxima festa! Espero você sorrindo e feliz. Tchau, bela!

Aproveitamento

Volte a verificar a Festa de São Vito e também a de Cosme e Damião na referida igreja.

O Festival de Folclore, em Olímpia, hoje cognominada a Capital do Folclore, tem por finalidade divulgar, estudar, pesquisar a cultura popular e despertar o interesse de todos, principalmente da classe jovem, para a ciência folclórica.

ORIGENS DA LITERATURA DE CORDEL

Verfíssimo de Melo

(escritor, folclorista, professor de Antropologia Cultural
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

As raízes da nossa literatura de cordel, — narrativa em versos e registro de fatos memoráveis, em folhetos, — estão fincadas, sem nenhuma dúvida, em velha tradição portuguesa e ibérica. As «folhas soltas» ou «folhas volantes», de que falava Teófilo Braga, existentes desde o século XVII, em Portugal, correspondiam aos «pliegos sueltos» em Espanha, consoante menciona Ramón Menéndez-Pidal. Literatura popular impressa que se conhecia também em França pela denominação de «littérature de colportage», - literatura ambulante.

Creemos que o primeiro estudioso brasileiro a indicar essas raízes foi o nosso eminente Mestre Luís da Câmara Cascudo, em numerosos livros e ensaios. Depois, outros pesquisadores apontaram as mesmas fontes, como o jovem norte-americano Mark J. Curran, no livro «A LITERATURA DE CORDEL», (edição da UFPe., Recife, 1973) e recentemente M. Diegues Júnior, no ensaio intitulado «A LITERATURA DE CORDEL», (edição do MEC, Cadernos de Folclore, 2, C.D.F.B., Rio, 1975).

Desejamos agora chamar a atenção dos estudiosos brasileiros para um aspecto importante ligado ao problema da origem da nossa literatura de cordel, que nos parece não foi ainda considerado, pelo menos ao que sabemos.

O fenômeno da literatura popular impressa em folhetos não foi emergência exclusiva da área mediterrânea da Europa, embora não se discutam as nossas vinculações com as culturas portuguesas e ibéricas. Nem apenas de sua extensão até à França. Se nós recuamos no Tempo, em torno de folhetos ou panfletos impressos, vamos encontrá-los numerosos e antigos noutras regiões da Europa.

Podemos hoje proclamar, sem receio, que essa tradição da literatura popular impressa (em prosa e verso) é muito mais antiga na Europa do que geralmente se tem admitido. Assinale-se a sua ocorrência em países europeus da mais alta tradição cultural, como o foram e ainda o são a Alemanha e a Holanda. Afirmção que não anula as raízes lusas e ibéricas da literatura de cordel, — insistimos, — mas tão somente as aprofunda e procura demonstrar suas conexões históricas com antiga tradição germânica.

É impressionante verificar-se que um veículo de divulgação popular, — o folheto impresso, — que se pode considerar pré-colombiano e pré-cabralino, — continua vivo e atuante no nordeste brasileiro, em plena era da televisão a cores e dos computadores. Em Portugal, na medida em que o Jornal intensificava a sua circulação, as «folhas soltas» desapareciam. No Brasil, — especialmente no Nordeste, — a litera-

tura de cordel coexistiu com o jornal e depois dele, antes e depois do rádio e até hoje com a televisão. Este é um dos fatos mais singulares da literatura popular brasileira, não sendo de admirar, portanto, que seja cada vez mais crescente o número de especialistas nacionais e estrangeiros interessados nesse campo de estudos. Diz-se que a literatura de cordel está desaparecendo no Nordeste é afirmação típica de pesquisadores apressados, estranhos à nossa área de trabalho. Ela nunca esteve tão viva e atuante como nestes últimos anos. Os velhos cantadores e poetas populares desaparecem, mas surgem os novos, — diferença que se pode observar até mesmo na linguagem coloquial e nos termos de gíria empregados nos folhetos. Qualquer grande acontecimento nacional ou estrangeiro, dentro de poucos dias, tem o seu registro imediato em folhetos de feira. Basta apenas que o acontecimento sensibilize a opinião pública, para que em 48 horas o folheto esteja sendo vendido na praça da estação rodoviária, na feira, no mercado público. Damos o nosso testemunho do que está correndo hoje, em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.



Mas, voltando ao problema das origens dessa literatura popular, sabemos que folhetos avulsos em língua alemã já deviam ocorrer desde o século XV, pois são inúmeros os que se conhecem dos princípios do século XVI. Eles foram os verdadeiros precursores dos jornais. Tinham o formato tipográfico em quarto e oitavo, de quatro a dezesseis folhas. Editados em tipografias avulsas, destinavam-se ao grande público, sendo vendidos em mercados, feiras, tabernas, diante de igrejas e universidades. Suas capas (exatamente como ainda hoje, no Nordeste), traziam xilogravuras fixando aspectos do tema tratado. Embora a maioria fosse em prosa, outros apareciam em versos, inclusive com indicação no frontispício para ser cantado com melodia conhecida na época.

Esses detalhes dos velhos folhetos alemães então mencionados pela pesquisadora Marion Ehrhardt, em artigo intitulado «NOTÍCIAS ALEMÃS DO SÉCULO XVI SOBRE PORTUGAL»,

publicado em «Humboldt», n.º 14, 1966, Hamburgo, Alemanha. A autora examinou apenas folhetos sobre assuntos portugueses, do século XVI, que resistiram ao tempo, — do que claramente se infere que havia muitos outros de interesse exclusivamente germânico ou relacionado com outras áreas européias.

Vejamos algumas notícias sobre esses folhetos: A viagem de Américo Vespúcio, em 1501, ao Brasil, — por exemplo, — foi divulgada em folheto a partir de 1505, em várias edições. Era tradução alemã da Relação de Vespúcio a Lorenzo de Medici, narrando sua aventura oceânica. Sabe-se que foi diante desse relato (conhecido através do folheto), que o cartógrafo Martin Waldseemüller teve a idéia de retirar do nome do autor a designação de «América» para o seu novo mapa-múndi.

Outro folheto, de autor anônimo, «Cópia da Nova Gazeta da Terra do Brasil», constitui o primeiro documento alemão sobre o nosso País. O autor, que acompanhou expedição portuguesa ao Brasil, entre 1506 a 1515, escreveu carta da Ilha da Madeira narrando as maravilhas da nova terra descoberta. O relato, enviado depois por um representante comercial em Lisboa para a casa-mãe na Alemanha, foi transformado em folheto, despertando enorme interesse na época. Particularidade notável da narrativa, sobre a qual já nos detivemos noutro artigo, foi a referência do autor anônimo, citando informação do piloto português, sobre a passagem do Atlântico para o Pacífico, ao sul do nosso continente. Sabe-se - Stefan Zweig refere na biografia de Fernão de Magalhães, - que esse folheto foi uma das mais fortes motivações para o descobrimento do estreito, que mais tarde receberia o nome do famoso navegador lusitano.

Versão alemã da carta latina de D. Manuel I, de Portugal, ao Papa Júlio II, sobre a tomada de Malaca pelos portugueses, — foi outro tema de folheto alemão do século XVI. Também a carta de Damião de Góis ao Cardeal Bembo, sobre as campanhas lusitanas na Índia, assim como a célebre batalha de Alcácer Quibir e morte de Dom Sebastião foram temas divulgados em folhetos alemães. Este último saiu em versos, com indicação, na capa, da melodia em que deveria ser cantado.

Já a respeito dos panfletos holandeses, tivemos as primeiras notícias através do Prof. José Antônio Gonsalves de Mello, no curso sobre o domínio holandês no Nordeste, que ministrou no Museu «Câmara Cascudo», da UFRN, em 1974. Ultimamente, por intermédio de carta a que respondia indagações nossas, o Prof. José Antônio Gonsalves de Mello informava que só teve oportunidade de conhecer os panfletos (pamflet, em holandês) do século XVII, ao examinar a documentação relativa à guerra dos flamengos no Brasil. Sobre o conteúdo em geral desses panfletos, declara: «Os temas tratados, — pelo menos com relação ao Brasil, que são os que unicamente conheço, — são políticos, econômicos, militares quando não são terrivelmente possoais. Um, relativo à Guiana então holandesa, relata um crime, - no qual estão envolvidos personagens que viveram em Pernambuco. Há-os em verso, mas a maioria em prosa, sendo freqüente a forma de diálogo ou de conversa entre várias pessoas. Uns

de uma só folha; a maioria contém entre 10 a 20 páginas, em tipo gótico, na maioria. E cita do livro «VIDA QUOTIDIANA DE REMBRANDT NA HOLANDA», de Paul Zunthor, estes dois trechos esclarecedores, que traduzimos da edição inglesa: «Panfletos e volantes comentavam acontecimentos nacionais para o público em geral. Estes tiveram origem durante recente guerra, em forma de boletins, tratando da situação política e militar, agora uma prática estabelecida. Normalmente ilustrados com gravura ou desenhos escritos em linguagem passional ou sensacional, estes panfletos às vezes indecentes encontravam-se afixados em quadros de anúncios de barracas de vendedores de livros ou mercados; sua influência na opinião pública era suficiente para que sucessivos governos os levassem em conta. Eles não somente forneciam comentários da atualidade, como davam também notícias de desastres, crimes, epidemias e milagres».

Comentando esta última afirmação, sobre os panfletos do tempo de Rembrandt, o Prof. José Antônio Gonsalves de Mello concorda em que «há alguma semelhança de conteúdo» entre os velhos panfletos holandeses e os nossos folhetos nordestinos.

Da contemporaneidade desses folhetos ao tempo em que vivia o genial pintor Rembrandt (1606-1669), em pleno século XVII, infere-se a normalidade dessa forma de divulgação popular pelo menos durante o século XVI, na Holanda, desde que não temos documentação mais recuada.

Em conclusão, as principais características dos velhos folhetos germânicos permaneceram imutáveis, através dos séculos, na nossa literatura de cordel: A xilogravura na capa, as dimensões tipográficas, a narração tanto em prosa quanto em versos de acontecimentos notáveis (guerras, crimes, expedições náuticas, etc.), a veracidade na descrição de fatos e sua atualidade. A batalha de Alcácer Quibir e morte de D. Sebastião, por exemplo, foram divulgados em folheto alemão no mesmo ano do acontecimento: 1578. Num trabalho nosso, já antigo, «O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ, ATRAVÉS DO ROMANCEIRO POPULAR», frisamos a fidelidade dos autores dos folhetos nordestinos ao fato histórico. Indicavam-se ali, por exemplo, dia, hora e até o estado do tempo no instante em que surgiu o ataque do bando de Lampião. Conferimos tudo, depois, com o noticiário dos jornais da época (1927) e constatamos a precisão dos detalhes, por parte dos narradores populares.

Tudo isso mostra à evidência que, embora tenhamos recebido a nossa literatura de cordel via Portugal e Espanha, as fontes remotas dessa manifestação estão bem mais distantes no tempo e no espaço. Elas estão na Alemanha, no século XV e XVI, como estiveram na Holanda, no século XVI em diante, — época até onde chega o nosso conhecimento de hoje. É possível que pesquisa mais demorada em arquivos alemães e holandeses possam revelar a existência de folhetos e panfletos mais antigos que os acima aludidos.

De qualquer forma, fica hoje a constatação de que as raízes da nossa literatura de cordel se alongam muito mais no Tempo do que em geral se supunha.

CANCIONEIRO FOLCLÓRICO INFANTIL BRASILEIRO

Henriqueta Rosa Fernandes Braga

Chama-se Cancioneiro Folclórico Infantil o conjunto de melodias entoadas pelas crianças nos seus divertimentos e folguedos e pelos adultos com a finalidade de adormecê-las, distraí-las ou instruí-las, cantigas usadas de geração em geração e transmitidas e perpetuadas pela tradição oral.

De amplitude quase ilimitada, este cancionero abrange cantigas de adormecer, parlendas, histórias inteiramente cantadas, estórias contadas e cantadas, melodias para o ensino da soletração, dos números, da tabuada, dos valores monetários, dos meses do ano, dos dias da semana, chamadas para brinquedos, solfas para selecionar jogadores, canções avulsas e brinquedos cantados que apresentam enorme variedade por acompanharem funcionalmente a evolução dos interesses infantis e, por vezes, decorrerem de condições regionais, como é o caso das toadas para banhar-se nos açudes e das solfas para apanhar tanajura.

Nosso patrimônio de cantos folclóricos infantis engloba contribuições diversas. O acervo básico, muito vasto, nos foi legado pelo povo luso; a este se vieram juntar elementos africanos e, em muito menor proporção, ameríndios. Mas não só estes. Outras fontes também concorreram: italiana e alemã, por influência direta de elementos radicados principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul e através de coleções como as de Menezes Vieira e Molendarius, utilizadas em vários estabelecimentos de ensino durante o século passado; espanhola e também francesa, inglesa e americana, por intermédio dos colégios dirigidos por religiosas e missionários estrangeiros. Entretanto, como todo povo tem sua índole própria, esses cantores de origens tão diversas, através de lentas mas constantes variações, deformações e transformações quer no texto musical ou literário quer na movimentação, quando é o caso, tendem a apresentar cunho nacional, achando-se muitos deles já devidamente aculturados.

A maior parte dos documentos se apresenta em compasso binário simples; ritmo anacrústico e masculino; modo maior; âmbito de oitava; movimento melódico inicial ascendente dominante-tônica; movimento melódico terminal descendente sobre a tônica por graus conjuntos. Observa-se, com relativa freqüência, ritmo sincopado, repetição de valores simples ou pontuados, sons rebatidos, sendo comum o encurtamento do texto pela perda de estâncias; a junção de novas melodias a textos tradicionais e vice-versa; a reunião de vários textos e de várias melodias; a permuta de uns e de outros; a fragmentação de ambos.

As cantigas de adormecer (também chamadas acalantos ou canções de ninar) proporcionam às crianças o primeiro contato com o folclore nativo. No berço, inteiramente dependentes, aquietam-se à meiga voz que entoça em surdina uma cantilena para fazer dormir. Este efeito repoussante é obtido seja pela monotomia rítmica, melódica ou onomatopaica da canção, seja pela suavidade da voz que a trauteia, seja pela lin-

guagem afetiva em que se acha vasada, seja, ainda, pelos conceitos emitidos naquelas que se filiam ao ciclo da angústia infantil: dormir para eliminar a possibilidade de encontro com seres míticos ou lendários como o lulu, de uso corrente em vários Estados; o papão, de usança luso-brasilica; a coca ou cuca paulista; o negro velho de Minas.

À medida que as crianças despertam para o mundo e começam a interessar-se pelo meio ambiente, surgem as parlendas para cativá-las e ajudar seus responsáveis a entretê-las. Assinaladas na literatura oral como versos geralmente de cinco ou seis sílabas recitadas para acalmar, distrair ou divertir os pequeninos, as parlendas ou lenga-lengas não raro são acompanhadas de movimento de bolandas, de vaivém ao ritmo dos versos (como por exemplo «Bão balalão! Senhor Capitão!») ou de gesticulação apropriada. Integram o cancionero folclórico infantil quando revestidas melodicamente, embora este revestimento se faça de modo muito singelo, com toadas monótonas de acordo com os versos. Servem, inclusive, para ajudar a formação e enriquecimento da linguagem por conterem insistentes repetições de palavras induzindo as crianças a um salutar esforço imitativo.

As estórias quer inteiramente cantadas quer contadas e cantadas, isto é, apresentando a narrativa intercalada de pequenos estribilhos musicais (como ocorre na estória da madrasta — «Capineiro de meu pai, não corte os meus cabelos...») assinalam uma outra fase do desenvolvimento infantil que se estende aproximadamente dos três aos sete anos e se caracteriza pelo despertar da inteligência, aguçamento da curiosidade e riqueza da imaginação. A criança age sobre as coisas, tudo pergunta, canaliza suas forças e capacidades para o jogo, mas, como ainda é egoísta, embora aprecie e até mesmo procure o convívio com outras crianças, joga quase sempre só. É por este motivo que adora ouvir estórias: concentrada no que ouve, transporta-se ao maravilhoso mundo da fantasia vivendo intensamente, pela magia do «faz de conta», ora um ora outro personagem da estória; e isto geralmente em companhia de muitas crianças, o que lhe proporciona o prazer da vizinhança infantil sem que esta a perturbe no seu gozo individual. Os estribilhos dessas estórias podem apresentar-se inteiramente em português («A menina dos brincos de ouro» ou «O surrão que cantava»), inteiramente em língua africana (o que mais aumenta o encargo para as crianças pela fascinação que o desconhecido, tornando maravilhoso, exerce sobre o seu espírito) ou bilíngües, em português e africano («História do Pondê»).

Ao chegar à idade escolar, entram em uso as melodias ou toadas para o ensino da soletração, dos números, da tabuada, dos valores monetários, dos meses do ano, dos dias da semana, recursos de aprendizagem de há muito em desuso nas grandes cidades, mas ainda hoje empregados em algumas regiões do país. Monótonas e quase sempre entoadas como ladainhas, sem qualquer interesse maior

senão o de desobrigar-se de uma corvéia geralmente execrada, estas toadas oferecem uma particularidade, qual seja a de apresentarem, por vezes, um descanto à terceira superior, prática costumeira em alguns setores do folclore musical, mas não observada em qualquer outro aspecto do cancionero folclórico infantil.

Canções avulsas recebidas da tradição oral ou assimiladas no momento são entoadas pelas crianças em qualquer de suas atividades sem que com elas tenham diretamente relação. Basta-lhe ouvir insistentemente uma melodia para que dela se apropriem e a incorporem ao seu repertório. Com isto dão início, muitas vezes, a um processo de folclorização que tende, com o passar dos tempos, ao enriquecimento do folclore musical infantil.

Atingindo a idade escolar, já sociáveis, embora não tanto quanto os adolescentes, dão preferência aos jogos coletivos entre os quais ocupam lugar de relevo os brinquedos cantados. Estes representam a forma mais simples do jogo puramente recreativo. São a legítima e natural expressão de uma infância feliz. Por meio deles chegam as crianças a uma autoformação não premeditada. Pela utilização das atividades de marcha, corrida, salto, galope, etc., os brinquedos cantados, oferecem às crianças um primeiro desenvolvimento corporal e nelas fazem desabrochar o amor ao próximo, a cooperação, a condescendência para com os seus semelhantes, numa palavra, as virtudes sociais indispensáveis à vida.

Os brinquedos cantados repartem-se em vários tipos:

- a) de roda: «Ciranda, cirandinha»; «Pai Francisco»;
- b) de grupos opostos: «A agulha»; «O pobre e o rico»;
- c) de marcha: «Marcha, soldado!»;
- d) de palmas: «Pirolito que bate, bate»;
- e) de pegar: «Vamos passear no bosque»;
- f) de esconder: «Senhora dona Sancha»;
- g) de cabra-cega: «A gatinha parda».

Destes, são as rodas que oferecem à criança maior riqueza e variedade.

Com a finalidade de reunir número suficiente de brincantes para os jogos, entoam as crianças chamadas para brinquedo enquanto correm no pátio de recreio das escolas ou nas calçadas dos bairros. O texto destas chamadas é um convite aos folguedos. Dentro em pouco acha-se reunido um bom número de crianças, e a brincadeira principia.

Se há necessidade de destacar alguém em determinado jogo, surgem as solfas para seleção de jogadores, permitindo uma rápida escolha.

O número e variedade das rodas infantis permitem sejam estas classificadas sob vários aspectos:

1. Quanto à formação:

- a) roda simples: «Ainda não comprei»; «Constança, bela Constança»;
- b) roda com uma figurante ao centro: «A gatinha parda»; «Senhora dona Sancha»; «Ciranda cirandinha»;

- c) roda com duas ou mais figurantes ao centro: «O cravo brigou com a rosa»; «Teresinha de Jesus»;
- d) roda com uma figurante fora: «A mão direita tem uma roseira»;
- e) roda com figurantes dentro e fora: «Pai Francisco»; «A linda Rosa juvenil»;
- f) roda assentada: «Escravos de Jó»;
- g) rodas concêntricas: «Onde está a Margarida?».

2. Quanto à movimentação:

- a) marcha simples: «Ai! eu entrei na roda»;
- b) marcha na ponta dos pés: «Eu sou a borboleta»;
- c) saltitos: «Atirei um pau no gato»; a terceira parte de «Eu fui ao Tororó»; a segunda parte de «Os quindô-lê-lê»;
- d) roda em cadeia ou em serpentina: «Havia um novo navio»;
- e) rodas que acentuam um determinado ritmo ou marcam os tempos fortes da melodia:
 - 1) com voltas e meias voltas: «Ciranda, cirandinha»;
 - 2) com palmas: «Pirolito que bate, bate»;
 - 3) com palmas e bate-pé: «Palma, palma, palma»;
 - 4) com pancadas e objetos contra o solo: «Escravos de Jó»;
 - 5) estalando os dedos: «Os olhos de Marianita»;
- f) rodas imitativas que se caracterizam pelas atitudes, reproduzindo pela mímica conteúdo do texto: «carneirinho, carneirão» (ajoelham-se, olham para o céu, olham para o chão, sentam-se, deitam-se, levantam-se); «Lá na ponte da Vinhaça» (gestos de lavadeiras, costureiras, pianistas); «Pai Francisco» (gestos de tangedor de violão); «A moda das tais anquinhas» (flexão dos joelhos); «Roda, pião» (giro e bamboleio);
- g) misto de roda e dança: «Os olhos de Marianista»; «Os quindô-lê-lê»; «Samba-lê-lê»;
- h) rodas dramatizadas: «Teresinha de Jesus»; «O cravo brigou com a rosa»; «A linda Rosa juvenil»;

3. Quanto à execução musical:

- a) coro: «A canou virou»; «Escravos de Jó»; «Pirolito que bate, bate»;
- b) solo e coro: «Senhora Viúva»; «Um pobre peregrino»; «Esta rua tem um bosque»;
- c) forma mista: (coro e parte falada ou declamada): «Vamos passear no bosque»; «Ciranda, cirandinha».

4. Quanto ao andamento:

- a) rodas lentas: «Teresinha de Jesus»; «Por que choras, Julieta?»;

b) rodas moderadas: «Olhos de Mariana»; «Fui à Espanha»; «Sambalelé»; «Escravos de Jó»; «Siricoté»;

c) rodas vivas: «Viuvinha da banda d'além»; «Pirolito que bate, bate»; «A linda Rosa juvenil»;

d) Rodas alternantes: «O cravo brigou com a rosa» (moderado-vivo); «Fui ao Tororó» (andante-allegreto); «Senhora viúva» (moderado-allegreto-vivo).

5. Quanto à estrutura:

a) tipo AAA... (a mais comum) em que todas as quadras são cantadas com a mesma melodia: «A moda das tais anquinhas»; «Fui à Espanha»; «Pirolito que bate, bate»;

b) tipo AB — que reúne duas diferentes melodias: «O cravo brigou com a rosa» (associada a «Palma, palma palma» ou a «Olha o passarinho, dominó»); «Que lindos olhos» (reunida a «Viuvinha da banda d'além»);

c) tipo ABC... em que se sucedem três ou mais diferentes melodias: «Eu fui ao Tororó» (que inclui «Ó dona Maria» e «Tira, tira, o teu pezinho»); «Senhora Viúva» (que esgloba «Morreu meu marido» e «Viuvinha da banda d'além»); «A rolinha do andor» (que reúne «Me dá um abraço» e «Palma, palma, palma, palma.»)

6. Quanto ao conteúdo da letra:

a) temas da vida social: «Ciranda, cirandinha»; «A moda das tais anquinhas»; «Ainda não comprei»;

b) temas da natureza: «A borboleta»; «A pombinha voou»; «A rolinha do andor»; «A cobra e a rolinha»; «A gatinha parda»; «Cachorrinho está latindo»; «Caranguejo não é peixe»; «A rosa vermelha»;

c) temas instrutivos: «O bá bé bi bo bu»; «Um dois três»... «As estações do ano»;

d) temas do romancelheiro: «Teresinha de Jesus»; «O cravo brigou com a rosa»; «Esta rua tem um bosque»; «Por que choras, Julieta?»; «D. Jorge e D. Juliana».

Cada grupo de crianças tem predileção por determinadas rodas que constituem o seu repertório habitual. Com elas formam verdadeiras séries ou «suites», cantando-as a seguir uma das outras como se constituíssem um todo. Dentre essas rodas eletivas existe sempre uma preferida, que repetem intercaladamente à guisa de refrão.

Estrilhos volantes (como «Palma, palma, palma») freqüentam indistintamente as rodas anexando-se a umas e outras ao sabor das preferências infantis.

Do «Cadernos de Folclore» - 10 - M.E.C. - Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro - 1970)

OFICIALIZAÇÃO DO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

Já tivemos oportunidade de acentuar o apoio que o Governador de São Paulo, Dr. Paulo Egydio Martins vem emprestando ao campo da cultura, num esforço generoso em prol das tradições populares.

Ainda, em setembro do ano próximo passado, o eminente homem público, reconhecendo tudo quanto aqui tem sido feito pela pre-

servação e pelo conhecimento do nosso folclore e bem assim a importância das nossas promoções de agosto, oficializou o Festival de Folclore de Olímpia, com que se tornou mais uma vez credor do nosso reconhecimento e da nossa gratidão, ao assinar o decreto publicado pelo Diário Oficial de São Paulo do dia 2 de setembro de 1976, quinta-feira, páginas 8 e 9, que é do teor seguinte:

Decreto N.º 8449, de 1.º de setembro de 1976

Dispõe sobre a oficialização do Festival de Folclore promovido pela cidade de Olímpia

PAULO EGYDIO MARTINS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições legais e considerando as diretrizes contidas na Lei nº 10394, de 3 de dezembro de 1968, que dispõe sobre o amparo à cultura;

Considerando a importância que o campo do folclore representa para a história dos costumes, do saber popular e da pesquisa da psicologia dos povos, das suas idéias e sentimentos comuns, convindo, pois, que essas atividades sejam estimuladas e desenvolvidas,

DECRETA:

Artigo 1º — Fica oficializado o «Festival de Folclore» a ser realizado na cidade de Olímpia no mês de agosto de cada ano, com a participação da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.

Artigo 2º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 1.º de setembro de 1976.

PAULO EGYDIO MARTINS

CAVALHADA: FOLCLORE NA FILATELIA

A Cavahada, segundo Alceu Maynard Araújo, é uma reminiscência dos torneios da Idade Média onde os aristocratas exibiam, em espetáculos públicos, sua destreza e valentia.

Em Pirenópolis (Goiás), a «Cavahada» é um espetáculo de sons, cores, movimentos e de arte, praticado por ocasião da Festa do Divino Espírito Santo.

Tem a forma de torneio equestre e foi introduzida no planalto central brasileiro nas primeiras décadas do século XIX, onde o elo dramático liga-se às históricas lutas entre mouros e cristãos. Desenvolve uma temática em torno de lutas simuladas entre Carlos Magno e seus cavaleiros (os doze pares de França) enviados para combater os Mouros na Península Ibérica. São divididos em grupos iguais, um deles vestido de azul e identificado como os «Cristãos», e o outro vestido de vermelho, vivendo os «Mouros».

A emissão de uma série de três selos postais pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos constitui um reconhecimento da «filatelia» ao esforço daqueles que contribuem para manter vivo um dos mais belos espetáculos do folclore brasileiro, cujas imagens foram interpretadas com rara maestria pelo traço característico de Jô Oliveira.

A Cavahada, com duração de três dias, integra os festejos do Divino, no Domingo de Pentecostes, 50 dias depois da Páscoa ou Ressureição. Uma novena, que antecede a Festa, termina no sábado, véspera dos principais acontecimentos. Após a novena, é feito o levantamento do mastro, seguindo-se queima de fogos de artifício. Bem tarde, sai a serenata do Divino percorrendo a cidade, com paradas nas portas da Igreja, na casa do Imperador e em outras, de pessoas gradas. Alguns homens enfeitam com bandeiras o trajeto a ser percorrido pelo Imperador.

O «Imperador» que é o festeiro dará maior ou menor brilho aos folguedos, de acordo com suas posses. O Imperador, vestido com sua melhor roupa, levando coroa e cetro de prata, desfila a cavalo, rumo à Igreja, dentro de cortejo, ao som da banda de música (um dos selos na taxa de Cr\$ 1,30, mostra o Imperador a cavalo, tendo, ao fundo da estampa, a bandeira do Divino, como se pode observar no clichê:



Depois, o Imperador assiste à missa numa espécie de trono, ouvindo o coro de músicas com acompanhamento de orquestra de violinos, flautas e contrabaixo. Terminada a missa, o Imperador é acompanhado de volta à sua casa, onde distribui pãezinhos do Divino, verônicas de alfenim, bebidas e mais doces aos presentes, inclusive aos integrantes dos grupos folclóricos que se juntaram ao cortejo e se preparam para a comemoração, entre eles, a «Cavahada».

Depois da procissão do Domingo, na parte da tarde, em local especialmente destinado, começa a Cavahada que termina sempre com a vitória dos cristãos.

Antes do início dos combates entre cristãos e mouros surgem nas ruas da cidade grupos de cavaleiros, chamados «Mascarados», trajando roupas bizarras. Seus cavalos, muito enfeitados, trazem pendurados latinhas e guizos que produzem um barulho característico quando a galope ou trotando. Os Mascarados gritando, estalam seus chicotes e fazem pantomimas. Destacam-se pelas magníficas máscaras, obras de artesanato popular, representando as mais diversas figuras: demônios, cabeças de vacas, cabeças de bois com grandes chifres (três desses cavaleiros e suas montarias são reproduzidos no segundo selo da série temática como se vê na estampa aqui apresentada):



Os Cavaleiros (em número de 24 : 12 para cada grupo) reúnem-se ao som de um tambor que ecoa pelas ruas, e juntos, dirigem-se marcialmente para o campo da exibição onde serão desenvolvidos: desafios, embaixadas de mouros e de cristãos, arrazoados dos reis e carreiras, no primeiro dia. No segundo, ocorrem carreiras, rendição, conversão e batismo de mouros. No terceiro dia os grupos confraternizam-se através de jogos de adestramento («cabeças», «argolinhas») e habilidades equestres. É uma competição real de desfecho imprevisto com possibilidade de vitória para qualquer grupo.

Deve-se acrescentar que a entrada dos Cavaleiros em campo é precedida por banda de música, grupo de ginastas, moças conduzindo as bandeiras dos Cristãos, dos Mouros, da Festa do Divino e da Banda, dos Grupos de Vilão e de Contradança e dos Mascarados.

O terceiro selo postal focaliza uma cena de combate, aparecendo os cavaleiros com calça, peitilhos e capas de veludo ou cetim, bordado de lantejoulas e pedrarias.



Os cavaleiros usam, ainda, grandes lanças com pontas metálicas (ponta de folhão e cabo de madeira), enroladas em fitas coloridas. O «cristão» veste uma túnica azul com botões dourados, chapéu de dois bicos (tipo Napoleão), calça branca e bota preta. O «mouro» tem a túnica vermelha, trazendo na cabeça um barrete da mesma cor, de veludo, com pingentes (no barrete há a meia-lua e o meio-sol, dourados, em ambos os lados e o pingente); as botas são avermelhadas e as calças brancas. O «Mantena» (nome dado tanto ao rei dos cristãos como dos mouros) traz nas costas uma capi-

nha branca, arredondada, com arminhos na beirada. Por seu turno, os animais, usam arreio comum, sobre o qual é colocada uma manta com friso branco (xerela), azul, para o cristão e vermelha o para mouro; a barrigueira é ornada com guizos de diversos tamanhos.

Ao final da apresentação, os Cavaleiros retiram-se a galope em conjunto, e, mantendo uma hierarquia, dirigem-se a passo para a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, onde deporão suas armas.

Esse espetáculo se apresentará ao vivo durante o 13.º Festival do Folclore de Olímpia (FEFOL).

O Clube Filatélico «Aureliano Marins Peixoto» de Olímpia, integrando-se ao Festival, promoverá o lançamento da série de selos temático-folclórica alusiva à «Cavalhada», no recinto da OLIMPEX-77 — 8.ª Exposição Filatélica de Olímpia com um carimbo de 1.º dia de circulação e outro comemorativo a OLIMPEX e ao FEFOL:



Éden Eduardo Pereira

(Presidente da Comissão de Filatelia -
Conselho Municipal de Cultura)

PROJEÇÃO DO FOLCLORE NO MEIO ESCOLAR

Iseh Bueno de Camargo

(Professora de Educação na Escola Estadual de Segundo Grau
«Capitão Narciso Bertolino» - Olímpia)

Apesar das muitas obras que surgiram nos últimos tempos sobre a importância e a necessidade da introdução do tema - «Folclore» no Plano Geral da Escola, muito pouco tem sido feito na prática. É comum os professores, à hora do Planejamento, reclamarem do seu total desconhecimento sobre o assunto ou, o que é pior, da nenhuma vantagem que encontram no tema para o bom desempenho de sua disciplina ou área.

«Folclore é um amontoado de caipirismo que não se coaduna com minha matéria», dizem.

«Não podemos perder tempo com pesquisas de fundo popular, quando há tanta coisa importante para ser transmitida», diz outro.

«Não tenho conhecimentos necessários para enveredar num terreno tão vasto, rico e complexo quanto o do Folclore», exclama um

honesto sem tempo para adquirir esses «conhecimentos necessários».

«Acho um desperdício perder-se tempo com o estudo do que faz, diz ou pensa o nosso caipira», reclama outro.

E assim por diante. Se formos pesquisar, escola por escola, chegaremos à triste conclusão de que há, na grande maioria dos estabelecimentos de ensino brasileiro, um número irrisório de professores que realmente se dedicam ao ensino das coisas populares, à pesquisa folclórica, à organização de exposições que apresentem o deslumbrante artesanato popular, que ofereçam aos alunos traços da arte nativa folclórica, que saibam aproveitar os fatos folclóricos para enriquecer suas aulas, para elevar o nível cultural dos alunos, para tornar mais conhecido seu povo e sua cultura. Os que isso fazem, são poucos e, por serem poucos, surgem aos olhos alheios como «fanáticos», «extremistas», «exagerados», «matadores de aulas», «exibidos» e outros títulos menos simpáticos ainda.

Olímpia, Capital do Folclore, foge um pouco à regra, graças ao hercúleo trabalho encetado, inicialmente, pelo professor José Sant'anna e continuado, à custa de sacrifícios, lutas e brigas pela grande população olímpense. Temos um Festival do Folclore que é verdadeiro encontro do Brasil popular, no mês de agosto. Os visitantes vibram, o povo da cidade sai do marasmo rotineiro da vida urbana e vive horas, dias de deslumbramento. Os alunos aprendem, ao vivo, o que é Folclore, participam da cultura do seu povo, assistindo ao desfile interminável de grupos folclóricos:

Boi-Bumbá, Caiapó, Congada, Marujada, Moçambique, Ticumbi, Batuque, Coco, Pau-de-Fitas, Dança do Vilão, Fandango, Frevo, Jongo, Samba-Lenço, Guerreiros, Boi-de-Mamão, Cavalhada, Cordão-de-Bichos, Maracatu, Pastoril, Reisado...

Aprende-se ainda, visitando o Museu do Folclore e, às vezes, exposições folclóricas bem planejadas, o que é artesanato, o que o homem simples, sem auxílio de complicada e avançada tecnologia é capaz de fazer para seu uso diário, para alegrar o pobre ambiente onde vive grande parte da população brasileira, para expandir seu amor às coisas celestes, para contar algo de suas crenças, credices, superstições:

potes, moringas, vasos, cestos, garrafas, pilões, bonecos, mesinhas, pratos, travessas, gamelas de barro; peneiras, balaios, cestos de bambu ou outra fibra; telhados de palmas trançadas como as mais ricas telhas que se conhece e que vedam a entrada do sol e das chuvas no restrito meio em que vive o caboclo, o sertanejo; trabalhos em madeira que são obras de arte, trabalhos em couros, trabalhos feitos com retalhos de tecidos, bordados, crochê, renda de bilros, teares, fornos de onde sai o único pão «feito em casa»...

Há, todos os anos em Olímpia, durante os festivais do Folclore, uma Maratona Intelectual que é disputada por grupos de alunos dos 1º, 2º e 3º graus, da cidade ou de cidades vizinhas. Os concorrentes estudam durante dias e noites e

aprendem uma série extensa de maravilhas sobre o acervo cultural do povo brasileiro. Aprendem muito sobre danças, poesia, trava-línguas, usos e costumes em geral, ditos populares, adivinhações, festas religiosas, literatura de cordel, lendas, credices, legislação específica sobre o Folclore Nacional, nomes de homens que são imortais na nossa história popular, vultos que se destacam na luta em prol da preservação do que é nosso, daquilo que constitui a estória mágica do povo brasileiro.

Nas classes, juntos aos professores de Português, o aluno vive personagens do folclore, participando de debates, de teatro, interpretando personagens, assistindo a pequenas peças que são jóias da literatura popular, estudam a obra que enriquece a literatura hodierna, discutem, vibram com as viagens imaginárias que fazem através do país todo.

Professores de Educação Musical, Educação Artística, Educação Física, professores das primeiras séries do 1.º grau têm uma grande responsabilidade, pois deles dependem, em grande parte, o amor, o respeito, o despertar da curiosidade para chegar-se ao conhecimento dos fatos que fizeram e que fazem a nossa História.

Não é permitido ao professor, aos educadores em geral, aos indivíduos que fazem parte da grande família escolar, ignorar a importância dos conhecimentos folclóricos para elevação do acervo cultural da juventude brasileira. É inconcebível a idéia de que pessoas eruditas, entendidas mesmo nos assuntos que dizem respeito ao Folclore Nacional, sejam capazes de negar o valor da participação inteligente, consciente do aluno em todas as manifestações populares. O educando participa de danças, revive lendas, expõe trabalhos de artesanato, criações suas, sabendo, embora, que isso é parafolclore, é representação, é revivescência de fatos, de cenas, de folguedos, de jogos, de danças, reflexo do saber popular.

Vivendo o que é nosso, participando daquilo que nos torna grandes perante os outros povos, preservando o que nos pertence, estaremos, então, entendendo o porquê do «slogan»: **O Brasil É Feito Por Nós.**

PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E PSICO-SOCIAIS DE UMA SUPERSTIÇÃO

Conta-se que à véspera de uma sexta-feira, 13, Jeremias alertou a mulher, Sebastiana, para os perigos do azar trazido pelo dia que se avizinhava.

— Cuidado com gatos pretos, com feraduras, mesmo que tenham sete buracos. Não pise em sal, nem passe debaixo de escada, e conte as notas e as moedas, porque se forem treze é desgraça certa. Cuidado com meia de padre e mau-olhado. Se encontrar urubu ou se ele pousar no telhado, saia correndo de casa, pois ela pode desabar em cima da sua cabeça.

A mulher, todavia, orou rogando a proteção de Iemanjá e no dia seguinte, sexta-feira, treze, levantou-se e foi trabalhar. O Jeremias, tolhido pelo medo, não quis sair da cama.

O dia foi chuvoso, de temporal mesmo. Ao anoitecer, cessara a chuva e o vento. Sebastiana saiu do trabalho e toma o caminho da casa.

Ao chegar, qual não foi sua surpresa ao encontrar o Jeremias na cama, a cabeça aberta pelas telhas que desabaram e todo queimado pelo raio que atingira a casa de onde se re-

cusara a sair, sob a proteção de Iemanjá.

Qual a origem destas superstições em torno de um dia da semana, sexta-feira, conjugado ao dia treze do mês?

A rigor não é a sexta-feira um dia como outro qualquer da semana, e o treze um dia como outro qualquer do mês?

É difícil precisar a origem dos temores, conscientes e inconscientes de um povo.

Psicologicamente poderíamos ensaiar uma explicação em termos de associação de idéias: fatos desagradáveis que algumas vezes ocorreram no mesmo dia da semana e do mês, seriam explicados pela associação causal: foi o dia (sexta-feira, treze) que determinou o acontecimento.

À falta de uma visão mais profunda dos acontecimentos, quer do ponto de vista científico, quer do ponto de vista espiritual, a associação é válida para as mentalidades ingênuas que nela crêem e passam a transmiti-la através da interação social.

Assim, através das gerações, as superstições vão se firmando e enriquecendo com acréscimos de objetos considerados portadores de desgraças.

De alguma maneira, estas crenças passam a fazer parte do inconsciente coletivo, na terminologia de Yung, a ponto de atingir todas as

camadas da população, mesmo a elite cultural. Evidentemente que o fenômeno não se manifesta sempre da mesma forma, mas o indivíduo intelectualmente culto sente, não com temor, mas com certa reserva inconsciente, a aproximação, por exemplo; de uma sexta-feira, treze.

Numa perspectiva filosófica, tais comportamentos supersticiosos nada mais são do que o reflexo do desejo natural do homem de conhecer e explicar o porquê de todas as coisas.

A falta de instrumentos lógicos de investigação, a mente humana, à maneira dos primitivos, forja mitos explicativos, fantasiosos e pouco consistentes. Todavia, estas explicações míticas tiram o homem do vazio da não — compreensão dos acontecimentos e, conseqüentemente, arrançam-no da sensação de desamparo.

Paralelamente, a par dos temores explícitos na narração citada, observa-se a invocação do antídoto para o temor a: fé. Se há uma fatalidade que o homem, por seus próprios meios não pode evitar, há por outro lado uma entidade toda poderosa que pode protegê-lo. Daí a invocação a Iemanjá, cujos poderes superam de muito os azares da sexta-feira, treze.

E neste alternar de estados de temor e fé ante as coisas e entes que o rodeiam vive o homem entre a realidade concreta, palpável e o mundo imaginário de suas lendas e superstições. Aí está o folclore vivo de um povo cujo conhecimento nos leva às raízes de sua alma.

Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues

- Diretora da E.E.P.G. da Vila Silva Melo (Olimpia), e professora nas Faculdades de Educação de Barretos (SP) e Monte Aprazível (SP)-

O FESTIVAL E A AGONIA DO FOLCLORE

Haydée Dourado

(jornalista e pesquisadora de folclore)

Apaixonados, estudiosos, persistentes folcloristas contam, recontam e se lamentam: estão desaparecendo, no país inteiro, centenas de importantes manifestações da cultura popular. Não que o folclore, como um todo, deixe de existir: surge o folclore da aviação, o folclore do metrô... Mas com a extinção de manifestações específicas como congadas, moçambiques, reisados e tantas outras, perde-se uma preciosa diversidade cultural.

As razões desse desaparecimento são muitas. Basicamente, mudou o modo de vida dos produtores de folclore. É a urbanização do campo e da cidade. Os próprios mestres de congadas ou reisados em desagregação queixam-se no mesmo tom: «agora o povo não dá valor às nossas danças, prefere tevê, ié-ié e futebol». Ao nível da cultura, hoje, a televisão é o novo Deus,

a autoridade suprema. Quantas vezes ouvimos afirmações como: «é verdade, deu na televisão». E a tevê praticamente não mostra músicas e danças das manifestações folclóricas, ou as mostra descaracterizadas.

Caminhando ao lado da urbanização, como uma das malhas da Indústria Cultural, a televisão massifica, veicula outros valores, estandardiza e colabora para a destruição de significativas manifestações da cultura popular. Como diz o estudioso Adorno*, «as informações e conselhos da Indústria Cultural são certamente pobres e insignificantes».

Estranho paradoxo, que deixa os pesquisadores perplexos, está ocorrendo hoje, também em todo o Brasil: se por um lado a Indústria Cultural é um dos fatores determinantes do

desaparecimento dessas manifestações folclóricas, por outro, ela mesma está propiciando espaço para diversos grupos produtores de folclore. Através da Rede Globo, ou através de festivais organizados por Secretarias de Turismo e outras instituições, a Indústria Cultural está oferecendo dinheiro e público para grupos de dançadores.

Assim, festivais como o de Olímpia provocam opiniões divergentes. Muitos comentam: «é a Capital Nacional do Folclore, pois durante uma semana, dezenas de grupos autênticos, vindos do Maranhão ou Rio Grande do Sul, exibem-se, em Olímpia, para trinta mil visitantes. Dobra a população da cidade. O público sobe até nos telhados!»

Alguns folcloristas e intelectuais, preocupados com a «pureza» ou munidos de sofisticadas teorias européias, criticam com argumentos do tipo: «É a agonia. Olímpia altera o folclore». «Transforma tudo em desfile, em mercadoria de consumo descaracterizado, exibido em palanque para turistas ver».

Somam-se as questões. Não se pode desvincular as manifestações culturais do contexto histórico onde elas acontecem. A maioria das danças dramáticas de que estamos falando, também chamadas folguedos, rituais religiosos ou autos, nasceram e desenvolveram-se historicamente a partir dos espaços abertos pelas fazendas e pelas igrejas. Mais tarde ganharam as ruas: as populações das cidades, os comerciantes passaram a organizar festas dos santos padroeiros e festas de Natal, coloridas pela pre-

sença então obrigatória das danças folclóricas. Usando esse espaço, num jogo de inter-relações, os produtores de folclore seguiram sempre expressando sua cultura, reinventando seus símbolos, modificando cores e ritmos, na dinâmica linguagem de suas manifestações, no dia-a-dia da vida de viver.

E hoje? Não estaremos assistindo à mudança do espaço onde esse folclore acontece? Um roteiro da cultura popular não poderia se desenvolver a partir dos termos: fazenda - igreja - rua - palanque?

Citando apenas um, entre tantos exemplos: o Festival de Folclore de Olímpia, que se realiza há doze anos, propiciou a reorganização de cerca de trinta grupos de folias da chamada região da «Alta Araraquarense», antes desintegrados, agora cantando no novo espaço do palanque, e «até filmados pela televisão!» Certamente o folclore se altera: nenhum grupo pode cantar igual nas roças, nas festas da praça da matriz e no palanque. Mas essas alterações não fazem parte da própria dinâmica da cultura popular?

Descortina-se um novo e complexo jogo, pleno de contradições e indagações. As respostas talvez sejam encontradas nas batidas dos tambores, nos toques das violas, na linguagem simbólica, colorida e fecunda do folclore.

*Adorno, T. - «Indústria Cultural», Comunicação de Massa e Indústria Cultural, org. Cohn, G., Ed. Nacional, 1975. p 287-95.

SEXTA-FEIRA, DIA 13, ANO BISSEXTO

Para uns o dia é de azar. Para outros, é apenas uma superstição que já virou tradição.

Amaury Ribeiro

Departamento Arquivo/Pesquisa dos «Diários»

Apesar de toda a sofisticada tecnologia acumulada no século XX, o homem não consegue se libertar das crendices. Hoje, como ontem, apega-se a forças superiores para explicar o inexplicável. A prova foi o fenômeno de «O exorcista». O homem obscuro das cavernas, preso às manifestações dos elementos naturais, subsiste de certa forma nas superstições do homem moderno. Sorte e azar são duas contingências relacionadas com uma série de augúrios e presságios, que se cultua no dia-a-dia.

A superstição é tida como defesa ou preservação contra possíveis malefícios. Alguns autores atribuem suas origens à deturpação de elementos de caráter religioso que, embora contemporâneos, têm uma grande antigüidade. Ela é conservada pelo hábito e tão arraigada à psicologia humana que se torna quase automática.

Quer dizer mesmo a pessoa que diz

não ter superstição, às vezes revela seu espírito supersticioso por palavra, gesto ou ato. Nas populações menos desenvolvidas, as formas de superstições e de crendices são mais amplas, como: vestir a meia ao avesso, passar por baixo de escada, quebrar espelho, ver gato preto, etc.

Sexta-feira — 13

Conforme o matemático inglês M. B. Brown, o dia 13 tem uma tendência especial para ser sexta-feira. Através de buscas em centenas de calendários, ele concluiu que isso acontece 688 vezes em cada quatro séculos. E a cada 400 anos o calendário se repete, havendo 97 anos bissextos e 20871 semanas nesse espaço de tempo. A sexta-feira - 13 acontece, em média, 172 vezes em cada século.

Hoje também é uma sexta-feira — 13, a primeira do ano, pois a outra será em agosto, um dia em que o «Diabo está à solta», como diz a crendice popular, e no qual ninguém deve levantar com o pé esquerdo ou fazer viagens.

Os mitomaniacos até já tiveram o cuidado de levantar algumas provas do fatalismo do número e da data e começaram por apontar o exemplo de Jesus Cristo: na Sua última ceia eram 13 à mesa, incluindo o traidor Judas Iscariotes, e foi numa sexta-feira que Ele morreu crucificado.

Mas essa superstição não é exclusiva dos brasileiros. Napoleão Bonaparte vivia lamentando ter saído de Saint Cloud para a campanha da Rússia - início de sua derrocada - numa sexta-feira, 13; Victor Hugo não comia em mesa onde houvesse 13 pessoas. Ele se impressionava tanto com esse número que seus cadernos estavam cheios de anotações a respeito.

Por exemplo: quando partiu, em 1871, para a Assembléia Nacional de — Bordeaux, era o dia 13 de fevereiro, ele, seus parentes e acompanhantes faziam um total de 13 pessoas; o alojamento que lhe tinham reservado em Bordeaux estava localizado na Rua Saint Maur n.º 13; na noite de 13 de março não conseguiu dormir, de repente deu-se conta de todas essas coincidências e, às pressas, abandonou o apartamento.

Foi também numa sexta-feira, 13, que d'Annunzio, em 1907, sofreu o acidente em que perdeu uma vista. O carro que ele tomou tinha o n.º 13 e a viagem custou-lhe 13 libras. Ao chegar em casa, encontrou 13 cartas e à tarde, à mesa, eram 13 os convivas. Foi ainda num dia 13 (agosto de 1922) que ele levou uma queda muito grave. Daí por que, em 1913, ele encerrou assim o autógrafo em um de seus livros: «Arcachon, 2 de janeiro de 1912+1».

E Richard Wagner, cujo nome e prenome são compostos de 13 letras, - nasceu em 1813 (além da dezena final também a soma do milhar é 13) e morreu num dia 13 (fevereiro de 1883).

Nos Estados Unidos, segundo o Comitê Nacional dos Treze contra a Superstição e o Medo, o prejuízo causado pelo temor à sexta-feira 13 chega, num desses dias, à respeitável soma de 250 milhões de dólares, por causa da suspensão de diversas atividades.

Foi numa sexta-feira 13 que Cristóvão Colombo descobriu a América (mas os primeiros americanos, ou seja, os índios, pagaram caro por essa «feliz» descoberta).

Foi igualmente numa sexta-feira 13 que, na França, no dia seguinte ao do começo

da Primeira Guerra Mundial, Mlle. Segret, a 13.ª «noiva» de Landru, rompeu com Barba-Azul - o sinistro personagem que Charles Chaplin encarnou em «Monsieur Verdoux» - e conseguiu, assim escapar à sua cremação no forno de cozinha da conhecida história, o que foi, de certo, uma falta de sorte para Landru.

Grande número de pessoas recusa-se a tomar qualquer iniciativa numa sexta-feira, seja qual for o dia do mês. Em 1339, um exército francês negou-se a entrar em combate com os ingleses numa sexta-feira 13. Em 1675, uma esquadra, também francesa, negou-se a se fazer ao mar pelo mesmo motivo.

Em certos hotéis dos Estados Unidos e de países ocidentais, o apartamento «13» é excluído e o 13.º pavimento substituído por «12-A», ou mesmo eliminado, passando-se do 12 ao 14. O mesmo acontece em diversas outras disputas: o 13 é sistematicamente excluído. Em contrapartidas, bilhetes de loteria com final 13 são bastante procurados por aqueles que gostam de «jogar no azar».

Na verdade, através de anos e anos, o 13 prossegue com a sua fama - de número maléfico. A mente humana, apesar de todos os conhecimentos - adquiridos através de tempos, ainda não abriu mão, definitivamente, da sua crença de que, como o número 13, muitos outros fatos agem como catalizadores de malefícios, como derramar azeite ou sal; passar debaixo de escada; quebrar espelhos; contar o número de carros de um enterro; colocar o pé esquerdo no chão ao levantar-se, etc. É a superstição, não há dúvida, a força maior.

(Publicado no Diário de São Paulo, edição de 13 de fevereiro de 1976)

Valendo pela oportunidade,

N. R.:

— No dia 13 de agosto de 1976, sexta-feira, ano bissexto, às 13 horas (momento exato em que deixou de funcionar o relógio da Igreja de São João Batista — a principal da cidade) quando Olímpia se preparava para o 12.º Festival do Folclore, a cidade foi alvo da mais violenta chuva de pedras de que se tem notícia. Árvores arrancadas, muros caídos, vidraças quebradas, telhas danificadas, trânsito interrompido, veículos amassados, resultaram do terrível temporal.

— Neste ano de 1977, quando já aguardamos o início do 13.º Festival — numa espécie de confirmação da crença popular de que o 13 é número aziago — já recebemos «pedradas» de outro tipo, frutos da inveja, do ciúme, do despeito, como que para confirmar o que diz também a sabedoria popular: «Ninguém atira pedras em árvores sem frutos»...

Memorize:

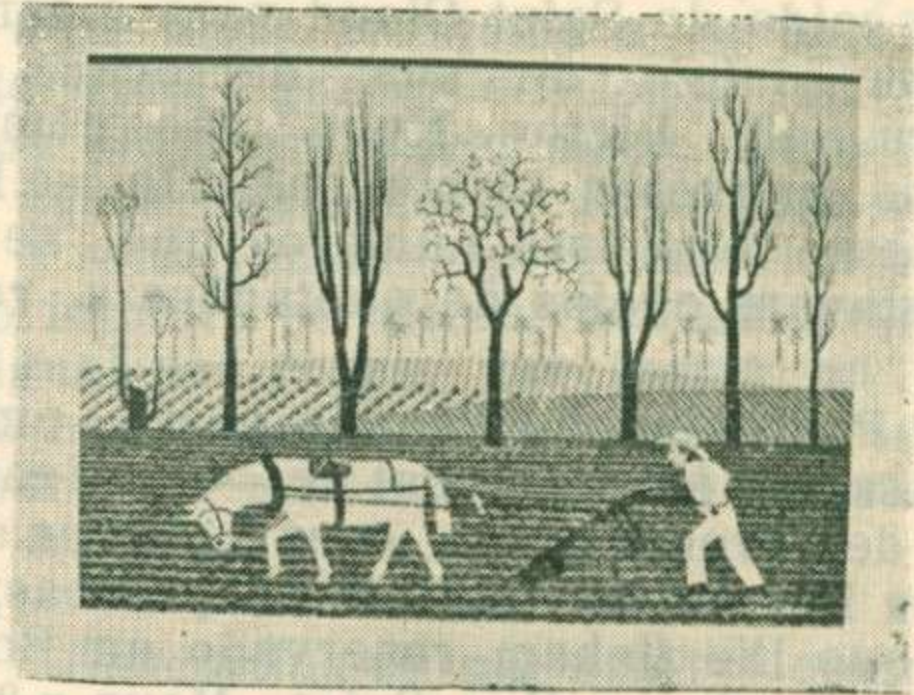
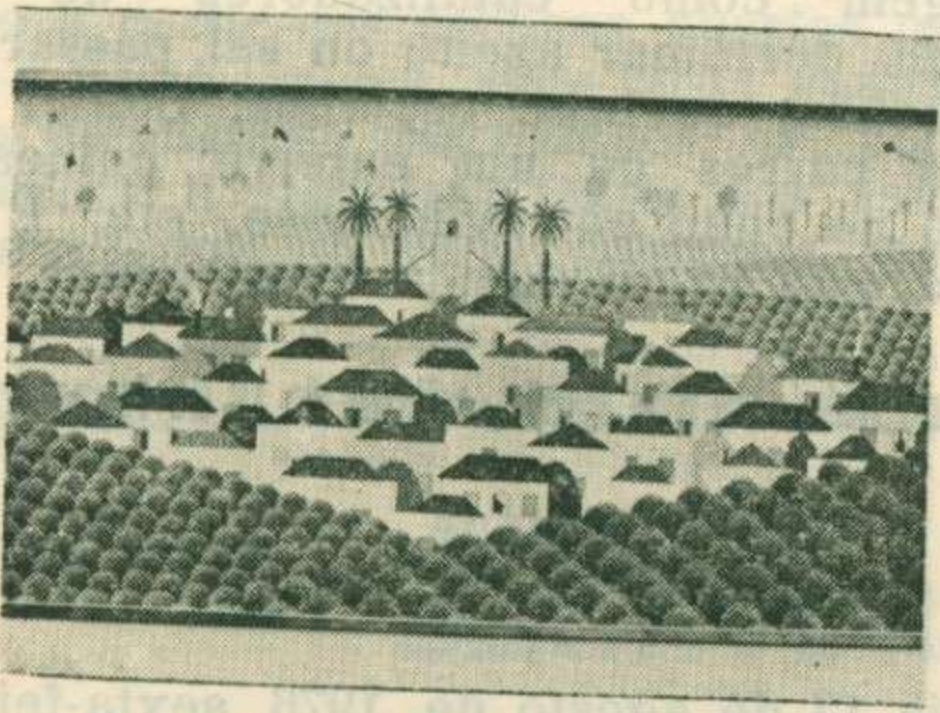
A palavra Folclore apareceu, pela primeira vez, ao mundo culto, na revista londrina «The Athenaeum», n.º 982, datada de 22 de agosto de 1846, numa carta escrita pelo arqueólogo inglês William John Thoms, sob o pseudônimo de Ambrose Merton, para designar a sabedoria do povo.



UM PINTOR OLIMPIENSE

Foi José Sant'anna quem nos chamou a atenção para o pintor Edgar Calhado que, numa Folia de Reis, a cuja chegada assistíamos, colhia flagrantes dessa interessante manifestação folclórica, com sua máquina fotográfica. Trata-se de um moço sempre interessado no folclore e em tudo quanto diz respeito à cidade de Olímpia.

Ex-professor de várias pessoas da família do jovem artista, não o conhecíamos, nem tínhamos conhecimento de que com suas telas, já fizera inúmeras exposições individuais e participou de muitas coletivas, quer no Brasil, quer no estrangeiro.



«Autodidata, com técnica de óleo s/ tela, acrílica s/ tela e gouche e nankin s/ papel», os temas dos seus quadros são, predominantemente, reminiscências dos verdes anos, a paisagem bucólica com que seus olhos se habituaram em criança e motivos extraídos do nosso rico folclore.



A crítica esclarecida tem recebido os trabalhos de Edgar Calhado com estímulos e aplausos: as palavras enaltecidas de Menotti Del Picchia, L. B. d' Horta, José Maria da Silva Neves, Quirino da Silva e Luiz Ernesto Karwal, dão bem a medida do mérito do jovem pintor olimpiense.

Rothschild Mathias Netto

Nesta página estampamos a fotografia do pintor e algumas das telas de sua autoria

DO RECIFE PARA OLÍMPIA

Ao Sílvia A. Freitas, do Recife, devemos, os dois trabalhos que os leitores apreciarão, a seguir, de autoria de Hermilo Borba Filho e Sílvia Martins de Albuquerque, ilustres folcloristas pernambucanos.

BUMBA MEU BOI

Auto ou drama pastoril ligado à forma de teatro hierático das festas de Natal é o mais puro dos espetáculos populares nordestinos, sua origem perdendo-se no passado, mas não resta dúvida de que se trata de uma aglutinação de reisados em torno de reisado principal que tem como motivo a morte e a ressurreição do boi.

É um espetáculo praticado em arena, o público em pé formando a roda que se vai fechando em torno dos intérpretes, demorando mais ou menos oito horas, os atores (figuras) dançando, cantando e dialogando.

Seus personagens são classificados em 3 categorias: humanos, animais e fantásticos.

Humanos: o Capitão, Mateus, Bastião, Arlequim, Catirina, Pastorinha, Valentão, Engenheiro, Padre, Doutor Penice Branco, Mané Gostoso, Zebelinha, Sacristão, Fiscal, Mestre do Tear, Mestre Domingos, o Matuto do Fumo, Queixoso, o Bêbado, Dona Joana, Caboclo do Arco, Capitão do Mato, Barbeiro Boticário, João Carneiro; **Animais:** a Ema, a Burrinha, o Cavalo-Marinho, a Cobra, o Pinica-Pau, o Boi; **Fantásticos:** O Morto-carregando-o-vivo, a Capipera, o Diabo, Babau e Jaguará. A orquestra é composta de zabumba, ganzá e pandeiro.

(In Arte Popular do Nordeste, Serviço de Recreação e Turismo da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal da Recife).

Hermilo Borba Filho

Cabe-nos aqui agradecer ao Sílvia não só os trabalhos que aqui publicamos e «o boi completo» que nos mandou, bem como as palavras amáveis sobre Olímpia e o convite para visitarmos o Recife.

CESTARIA

Moisés, segundo a história bíblica, foi encontrado ao sabor das águas no rio Nilo, dentro de um cesto. Costume milenar portanto, não o de embarcar desse modo crianças recém-nascidas, mas o de trançar cipós e com eles fazer os mais diferentes objetos para os mais variados fins.

Aqui em Pernambuco, pela relativa facilidade com que é encontrada a matéria prima e pelas circunstâncias de vida da população, os cestos de cipó fazem parte da paisagem social.

É dentro de «caçuás», grandes cestos em par, carregados por cavalo ou burro que a mandioca, a banana, o café, a cerâmica doméstica etc... vem dos sítios para serem negociados nas feiras. Carregando frutas e verduras, postos às cabeças dos meninos «carregadores» lá se vão os balaios, quase maiores do que seus transportadores. E, como «cesteiro que faz um cesto faz um cento» no dizer popular, o mais volumoso «ponto» da feira e àquele em que ficam os cestos; desde uma miniatura, que às crianças encantam, a todos os outros tipos maiores, que em suas formas variadas, espessura de cipós, modo de trançar, são resposta para as mais diferentes necessidades.

Falando de cestaria podemos também incluir toda uma linha de trabalhos feitos com a fibra do agave e do caroá, e que, nas cidades interioranas chegadas à zona sertaneja, são frequentemente encontrados. Longe de ser um artesanato decadente na aceitação do público, bem ao contrário, a cestaria desperta cada vez mais interesse. Caruaru, Fazenda Nova e outras cidades do sertão têm muito que oferecer nesse campo.

Sílvia Martins de Albuquerque

No ano de 1967, através do Decreto n.º 48310, de 27 de junho, após «os considerandos», seu artigo 1.º diz: «Fica instituído, no Estado de São Paulo, o mês de agosto como o «Mês do Folclore».

- Dispõe sobre a instituição do Patrono ao 13.º Festival do Folclore -

Álvaro Cassiano Ayusso, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e

Considerando que agosto é o mês do Folclore Nacional e nele se realiza em Olímpia um Festival que, no corrente exercício, está programado para o período de 14 a 21;

Considerando que os cultos umbandistas e afro-brasileiros em geral tiveram sua origem na África, com adaptações derivadas do ambiente brasileiro;

Considerando que algumas associações religiosas baseadas na fé umbandista e afro-brasileira têm origem no sincretismo e na similitude de cultos da África antiga e do Brasil moderno;

Considerando que a arte, o símbolo, a fantasia e a religião despertam nas criaturas muitos sentimentos;

Considerando que alguns atos litúrgicos, bem como a ritualística, nas cerimônias de Umbanda e Candomblé, respeitando-se as tradições, requerem interpretações hagiológicas, realizadas empiricamente através de muitas gerações;

Considerando que as raízes do nosso folclore, desde o período colonizador, se assentam, principalmente, nas religiões resultantes do sincretismo e que a muitos interessam para a solução de problemas sentimentais, de saúde ou econômicos;

Considerando que aos semideuses que constituem a teogonia afro da Umbanda e Candomblé, representados por imagens divinizadas ou não, são atribuídos poderes místicos;

Considerando que o nosso nobre objetivo é colaborar com os estudiosos e pesquisadores dos semideuses afro-brasileiros, no plano folclórico-religioso, cuja base é o misticismo, devoção, contemplativismo e fé,

Decreta:

Artigo 1º - Fica instituído a semideusa OSSANIM, orixá feminino, cultuado como a dona das matas, das folhas, das ervas medicinais e também dos bichos, como Patrono do 13º Festival do Folclore, cabendo-lhe proteger nossas árvores, jardins, bosques e florestas, bem como nossos animais selvagens, no período de 14 a 21 de agosto de 1977.

Artigo 2º - Este Decreto entrará em vigor entre os dias 14 e 21 de agosto do corrente, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se. Publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1º de agosto - Mês do Folclore - de 1977.

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia a 1º de agosto de 1977.

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**
Diretor do Expediente

PATRONO DO 13.º FEFOL:

Orixá Ossanim

Ossanim (Sagneoçoanha, Ossaem, Ossa-im, Ossanhe, Ossanha, Ossãe), é orixá feminino, também cultuado como a dona das folhas, das matas, das ervas medicinais. Protetora dos bichos.

Na Nação Nagô chama-se Oçani. Na Umbanda, segundo Tancredo da Silva Pinto, é o feminino de Oxosse, representada como mulher que se vê (dela) apenas um lado (perfil).

Muitos elementos de Candomblé dizem que ela ainda não foi sincretizada, mas outros a cultuam como orixá que veste roupa de folhas, longos cabelos, com auréola.

Outros a cultuam com roupas de cores rosa e verde-folha, trazendo na cabeça um chapéu de boiadeiro com plumas rosa ou verde; usa missangas. Seus colares são contas vegetais e traz, na mão, três galhos de planta de

Para outros, porta como arma, uma haste com 7 pontas e numa delas há um pássaro. Seu animal sagrado para o sacrifício é quadrúpede de corpo revestido de pêlo.

Estanho é o metal usado. Seu colar deve ter 78 contas verdes. Seu dia da semana é a quinta-feira.

Outras informações: Veste-se de chitão e usa muitas cores, principalmente rosa e verde. Na cabeça, um chapéu turco. Come bode, frango e milho.

Ainda outras informações: A segunda da ordem médica é o orixá **Ossanim**, divindade das flores medicinais e litúrgicas. Em Queto existe um **Olossanim**, perito em folhas e em talismãs — o guardião de Oxosse. Quando se vai separar as ervas do mato, é obrigado a dar-lhe oferenda: cachimbo, mel de abelhas, pinga e colocar no alto de uma árvore bem copada. É a Rainha da Mata. Quando se caça um animal em «gestação» a pessoa está arriscada a se perder na mata. Somente por ela é que se tem o direito de caçar em época certa. Trata-se de um Orixa de muito poder.

1 - Pinto, Tancredo da Silva — «A Origem da Umbanda» (1970), Editora Epiritualista Ltda.

2 - Ribeiro, José — «Orixás Africanos» (1968), Editora Espiritualista Ltda.

3 - Silva, W.W. da Mata e — «Macumbas e Candomblés na Umbanda» (1970), Editora Freitas Bastos S. A.

e ainda Entrevistas feitas pela professora Laura Della Mônica com:

1 - Joãozinho da Goméia - Rio de Janeiro (RJ).

2 - Gígio - Candomblé de Santos (SP).

3 - Tenda Espírita de Umbanda «Caboço Sete Estrelas» - São Paulo (SP).

FOLCLORISTAS

ELY CAMARGO

Ely Camargo nasceu na cidade de Goiás, tendo vivido infância e adolescência na Capital do Estado, Goiânia.

Nesta última cidade, estudou e formou-se farmacêutica.

Durante longo tempo, trabalhou como inspetora da Escola Normal mas, em casa, seu mundo se enchia de sons, de melodias recheadas de sentimentos populares e bem brasileiros.

Em 1956, Ely Camargo gravava os seus dois primeiros discos.

Porém, foi em 1960, que esta extraordinária intérprete iniciou de maneira efetiva a sua carreira-artística e profissional. Além de cantar, Ely comandava, pela Rádio Anhangüera de Goiás, o programa «Canções de Minha Terra», título esse que serviu para alguns de seus discos e demais apresentações artísticas no rádio.

Em março de 1962, veio para São Paulo e foi contratada pela Gravadora Chantecler. O seu primeiro LP na etiqueta do galinho, destacou-se como o melhor do ano, além de dar-lhe o prêmio de «revelação-feminina».

Ely Camargo cantando é tudo, exatamente tudo o que você quer lembrar que nasceu no Brasil.

Ely canta e mostra todas aquelas coi-

sas que eram vivas e de um modo diferente mais poético, mais puro. Ely eterniza e pereniza as páginas do nosso Cancioneiro.

Ely cantando é gente voltando a ser gente, é homem voltando a ser menino e menino se sentindo muito mais menino.

Um tópico especial deve ser creditado à participação de Ely Camargo nos Festivais de Folclore que se têm realizado em Olímpia.

Quando muitos não acreditavam no FEFOL, eis que Ely largava a Capital e demais compromissos para dar o apoio indispensável e o brilho ímpar às mostras olímpenses.

Em 1965, Ely esteve cantando em Olímpia por duas vezes: em 31 de agosto (1º Festival do Folclore) e em 16 de dezembro (entrega de licença ginásial aos alunos do então Instituto de Educação). E assim compareceu nos festivais do Folclore dos anos de 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973 e 1974. Onze vezes em 10 anos, Ely, «voz ternura do Brasil», esteve em Olímpia reafirmando a condição de grande cantora do povo.

E Ely não se limita a cantar em praça pública, lado a lado com cantadores autênticos. Muito pelo contrário. Pesquisa, procura, grava coisas inéditas, toma contato com o folclore, vai às verdadeiras fontes.

Por essa razão é que a imagem de Ely está entronizada no coração da gente olímpense.



DISCOGRAFIA FOLCLÓRICA DE ELY

«Disco é cultura» - é a expressão que vemos impressa nas capas e contracapas de muitos discos. Mas quando está expressa nos discos de Ely, é verdadeira, verdadeiríssima, porque de fato seus discos constituem contribuição à cultura brasileira.

Eis os Discos de Ely:

Canções de minha Terra

Volume 1

CMG - 2175 Discos Chantecler (São Paulo)

Lado 1

5 - Ó Minha Caninha-Verde (Folclore Paulista Recolhido por Norma Elia);

Lado 2

3 - Protesto (Solfa «Redondo Sinhá» do Folclore Nordestino, Recolhido por Osvaldo de Sousa);

4 - Meia Canha (Dança Gaúcha)

Contracapa: Prof. Alceu Maynard Araújo.

Volume 2

CMG - 2211 Discos Chantecler (São Paulo)

Lado 2

6 - Aruanã (Folclore Goiano Recolhido Por Ely)

Contracapa: Braz Baccarin.

Volume 3

CMG - 2256 Discos Chantecler (São Paulo)

Lado 1

2 - Boi Barroso (Folclore Gaúcho);
6 - Noites Gaúchas;
8 - Casinha Pequeninha;
9 - Pezinho (Dança Gaúcha).

Lado 2

10 - Luares Goianos

Contracapa: Kalil Filho

Volume 4

CMG - 2276 Discos Chantecler (São Paulo)

Lado 1

8 - Amo-Te Muito (Modinha)

Contracapa: Rodolpho Valentini (da Folha de São Paulo)

Notas: Grande parte das Canções destes três LPs são de inspiração folclórica.

As canções folclóricas, às vezes, são marcadas, nos discos, com as siglas: D.P. (Domínio Público) e N.N. ou NN.

Volume 5

«Folclore do Brasil»

CMG - 2349 Discos Chantecler (São Paulo)

Temas recolhidos pelo Prof. Rossini Tavares de Lima.

Lado 1

1 - Mãe Maria (lundu); 2 - Fita, Renda e Botão/Olha a Laranja Pêra, Quem Quiser Comprar Suspiros (Pregões); 3 - Acordai, Donzela (modinha); 4 - Vai, Torna Vortá (recortado); 5 - Moreninha, Se Eu Te Pedisse (modinha); 6 - Batuque (quatro temas); 7 - Levantei de Madrugada (moda de viola); 8 - Eu Quero Uma Zircartola (chula); 9 - Vamos Todos, Companheiros (canto de bebida); 10 - Chique, Chique (chimarrete); 11 - Eu Conheço Muita Gente (toada).

Lado 2

1 - Cantigas De Congadas (sete temas); 2 - Tava Na Beira Da Praia (modinha); 3 - Eu Vou Mergulhar (embolada); 4 - Toadas De Cururu; 5 - Bate, Bate O Ferreiro/Pega A Enxada (cantos de trabalho); 6 - Romance De D. Jorge E D. Juliana; 7 - Folias De Reis; 8 - Escrevi O Teu Nome Na Areia (modinha); 9 - Calunga/O Maripá/Pisei Na Linha Do Congo (pontos de Sessão de Terreiro).

Contracapa escrita por Rossini Tavares de Lima, explicando as formas musicais folclóricas.

Gralha Azul

Folclore do Paraná recolhido pelo Prof. Fernando Correa de Azevedo, Inami Custódio Pinto, Roselys Vellozo Roderjan, Thereza Ercília e Sílvia Soffiatti.

CMG - 2405 Chantecler Internacional
(São Paulo)

Lado 1

2 - Lajeana (tema de Fandango); 3 - Tiraninha (tema de Fandango); 4 - Sabiá (tema de Fandango); 5 - Cana Verde (tema de Fandango); 6 - Jogos Infantis - Cirandas.

Lado 2

2 - Pau-de-Fita (tema de Boi-de-Mamão); 3 - Balainha (tema de Boi-de-Mamão); 4 - Cena do Boi (tema de Boi-de-Mamão); 5 - Cena do Cavalinho (tema de Boi-de-Mamão); 6 - Cena do Barão (tema de Boi-de-Mamão); 7 - Cena da Bernunça (tema de Boi-de-Mamão); 8 - Cuá Fubá (tema de canto de trabalho).

Contracapa do Prof. Rossini Tavares de Lima.

Outras Canções De Minha Terra

CMG - 2453 Discos (hantecler
(São Paulo)

Lado 1

1 - Mamãe Iemanjá (ponto de Umbanda); 4 - Mulé Rendera (toada baião); 7 - Morena, Morena (modinha).

Lado 2

2 - Eterna Saudade (canção); 3 - Jornada de Lapinha; 4 - Meu Limão, Meu Limoeiro (toada); 5 - Prenda Minha (toada gaúcha); 7 - Dança de Caboclo (dança sertaneja).

Contracapa de Denis Brean
(A Gazeta Esportiva)

Danças Folclóricas E Folguedos Populares

CMG 2474 (1968) Discos Chantecler
(São Paulo)

Lado 1

1 - Reisado Alagoano (3 temas) - registrados por Theo Brandão; 2 - Ciriri (Matô Grosso) - recolhido por Rossini Tavares de Lima; 3 - Cateretê de Brejo Velho (Bahia) - recolhido por Rossini Tavares de Lima; 4 - Pastorel de Sergipe e Alagoas (4 temas) - recolhidos por Rossini Tavares de Lima; 5 - Caiapó Paulista e Mineiro - registrados no livro «Folguedos Populares do Brasil», de Rossini Tavares de Lima; 6 - Samba-Lenço registrado no livro «Folclore de São Paulo», de Rossini Tavares de Lima; 7 - Boi-Bumbá e Boi (Pará e Piauí) - registrado por Bruno de Menezes no livro «Boi-Bumbá» e Rossini Tavares de Lima.

Lado 2

1 - Cantiga de São Gonçalo (Minas Ge-

rais)-recolhido por Rossini Tavares de Lima; 2 - Querumana-registrado no livro «Folclore de São Paulo», de Rossini Tavares de Lima; 3 - Ratoeira (Santa Catarina) - registrado por Walter Piazza no trabalho «Ratoeira»; 4 - Dança do Retiro Novo e Dança da Caçada (Itaúna-Minas Gerais)-recolhidos por Rossini Tavares de Lima; 5 - Moçambique (saudação religiosa e pontos) - registrado por Rossini Tavares de Lima; 6 - Maracatu (2 toadas) - registrados no livro «Maracatus do Recife», de Guerra Peixe; 7 - Vilão (São Francisco do Sul) canto de entrada, registrado por Oswaldo R. Cabral no trabalho «Contribuição ao Estudo dos Folguedos Populares de Santa Catarina».

Contracapa, escolha de temas e ritmos, apresentação e comentários do Prof. Rossini Tavares de Lima.

Cantos Da Minha Gente

Temas recolhidos nas regiões Norte e Nordeste

CMG - 1030104 (1974)

RCA Vitor
(São Paulo)

(Este Disco constitui um trabalho importantíssimo por ser o resultado da coleta de cantos anônimos do Brasil, realizado pela pesquisadora-cantora).

Lado 1

Toada de Vaquejada (Maceió-AL - dezembro de 1971); Baianá (Maceió - AL - dezembro de 1971); O Canto da Sereia (tema de Guerreiros, Maceió - AL - dezembro de 1971); Somos Três Bonecas - (tema de Pastorel, Pernambuco - dezembro de 1971); Quatros Cantos de Reisado do Piauí (Teresina - PI - dezembro de 1972);

Lado 2

Taieiras (Maceió - AL - dezembro de 1971); Boi Malhado (tema de Boi-Bumbá-Manaus-AM - junho de 1972); Caninha Verde (Manaus-AM - junho de 1972); Esquenta Mulher (Maceió - AL - dezembro de 1971); Cantiga de Manuel Leandro (De Longe Também se Ama - Mercado de Teresina - PI - junho de 1972); Cantiga de Mendiga (Mercado de São Luís - Maranhão - junho de 1972); Coco Ariri (Coco do Bairro Da Liberdade - São Luís - MA - junho de 1972);

Contracapa e informações complementares sobre os temas que compõem o LP, do Maestro Guerra Peixe.

E assim, a intérprete, excelente cantora que revela qualidades interiores, apreciáveis através de fraseio bem concatenado, claro e nítido, sonoridade rica; muitas nuances, técnica apurada e consciência artística, não pode parar, porque tem ainda muito a dar ao público que gosta da música folclórica brasileira.

Ely mostra capacidade de comunicação. Seus discos são lançamentos raros e importantes na Discografia Folclórica Nacional.

José Sant'anna

(Olímpia)

VAMOS CONTAR «CAUSOS»? 1

Prof. José Sant'anna

(Presidente da Comissão de Folclore - Conselho Municipal de Cultura - Olímpia)

Quando éramos crianças, morávamos num vilarejo de pequena população, de raros recursos: sem luz, ruas despovoadas, reinando por toda a parte o desalento e a solidão. Semelhante demais a uma fazenda de pequena colônia. Sem distrações.

Nossa avó, animando-nos a não dormir tão cedo, reunia-nos ao seu redor, para ouvirmos «Causos». Nós, meus irmãos e eu, crianças ainda, fascinados por estórias, agrupávamos em torno da boa velhinha que cumpria missão de grande mestra: ensinava a cantar, a narrar com minúcias, a amar a Deus e a respeitar o próximo.

E além de todas estas boas qualidades, recorde e com acentuada saudade, de suas inúmeras «estórias», inspiradas em sua fé religiosa, pois era ardente propugnadora do catolicismo.

Para tornar-se útil a todos nós, revestia todas as formas: era exímia contadora de casos e essa fama de suas virtudes, o esplendor de sua inteligência, sua memória prodigiosa tornavam-na magnífica amiga.

E, assim, em feliz e longa convivência pudemos conhecer, muita coisa da sabedoria do povo, transmitida pela oralidade, deturpada quando recontada: com acréscimos e decréscimos. O assunto central de suas estórias, em quase sua totalidade, era a piedosa e dolorosa missão de Jesus Cristo quando andou pelo mundo.

Nosso interesse era imenso em conhecer tais passagens e motivados por nossa avó, fixávamos, na memória, firme e solidamente, todos os casos que apesar do tempo decorrido, ainda conservamos com todos os pormenores, graças ao prodígio e convicção da narradora.

Íamos crescendo e por muito tempo os tivemos por legítimos, pois pensávamos que tudo quanto ouvíamos e memorizávamos houvesse acontecido dentro do «pequeno mundo» imaginado por nossa infância, cujos limites territoriais não excediam aos da área ocupada pela cidade de Olímpia e suas adjacências. E, dominados pelos alicerces culturais de nossa inocência, achávamos as estórias sublimes, e ouvi-las constituíam o crescimento do respeito e magnitude pela vida de Jesus: seus padecimentos; suas milagrosas conquistas como Homem extraordinariamente abençoado; Santo. Isto, ligado ao extraordinário poder de comunicação e convicção de nossa avó, levava-nos a crer que tudo foi exatamente ocorrido com Cristo e que tais ocorrências houvessem acontecido em Olímpia e proximidades, nos campos e na cidade.

E, para comprovação deste passado, um tanto já distante, reproduziremos três, dentre as dezenas de «causos» que, apesar de remotos se fixaram em nossa mente, com profundas raízes:

1 — Os Três Porquinhos

«Quando Nosso Senhor andou no mun-

do mundo, foi jantar um dia, em companhia de São Pedro, na casa do vigário de uma vila.

Esse padre não vivia muito de acordo com as regras da Igreja e tinha três filhos, três meninos levados da breca. Logo que chegava uma visita à sua casa, escondia-os num pequeno quartinho pegado à sala-de-jantar. Assim o fez, enquanto os seus dois hóspedes comiam. Mas as crianças, cansadas da prisão, fizeram barulho. Nosso Senhor perguntou-lhe:

— Vigário, que é que está mexendo nesse quartinho?

Atrapalhado, o servo de Deus retrucou:

— Meu Caro Senhor, são três porquinhos que estão engordando para o Natal.

— Ahn! disse Nosso Senhor, piscando o olho a São Pedro e continuou calmamente a comer.

Depois que partiu, o vigário foi soltar os filhos e qual não foi seu espanto, quando viu, em lugar deles, três porquinhos cevados!

Desconfiou daqueles misteriosos hóspedes e correu-lhes ao encalço. Apanhou-os ao sair da vila.

Senhor! Senhor! bradou, dirigindo-se a Jesus, perdoai-me os pecados e restitui-me os meus filhos!

Nosso Senhor teve pena. Estendeu as mãos sobre a cabeça e falou:

— Volta, filho, à tua casa e lá encontrarás os meninos, porém, nunca mais peques e nunca mais mintas àqueles que sentem à tua mesa.»

2 - São Pedro, A Vaca E O Bezerro

«Quando Nosso Senhor andou no mundo, um dia São Pedro lhe disse:

— Desejo ser Deus para governar o mundo à minha vontade.

— Pedro, dizes uma asneira, falou Jesus.

Mas São Pedro insistiu no seu propósito e Ele lhe disse:

— Bem, seja. Dou-te o poder de governar o mundo durante um dia.

Apenas pronunciara estas palavras, desceu do céu um trono de ouro, Jesus fez São Pedro sentar-se nele e foi embora.

São Pedro viu, então, pobre velhinha que conduzia ao pasto sua vaca e seu bezerro, e que se dispunha a voltar para casa.

Olá minha velha, gritou o Santo, vais embora? E quem guardará a vaca e o bezerro?

— Ora! Deus, Nosso Senhor, respondeu ela. Até logo, preciso ir para casa tratar dos netos.

Jesus acabava de voltar e falou:

— Ela tem razão, Pedro, e já que és Deus debes guardar-lhes os bichos.

Fazia muito calor. As moscas e os mosquitos perseguiram tanto o bezerro que ele, impaciente, disparou pelo campo a fora. A vaca correu-lhe no encalço. E São Pedro teve de ir atrás de ambos, de cansar-se com correrias terríveis a fim de agarrá-los e trazê-los, o que só conseguiu à noitinha.

Piedosamente, Nosso Senhor lhe disse:

— Estás vendo, Pedro, que não é muito fácil governar o mundo todo, pois se não és capaz de guardar quietos uma vaca e um bezerro...»

3 - O Castigo Do Fazendeiro

«Quando Nosso Senhor andou no mundo, foi bater à porta dum fazendeiro rico e pediu-lhe esmola. O homem passou-lhe uma descompostura terrível e atirou-lhe os cachorros às pernas. Felizmente, São Pedro acompanhava Jesus e defendeu-O com seu cajado.

Nosso Senhor estendeu a mão para o homem e transformou-o em jumento. São Pedro passou-lhe logo uma corda ao pescoço e afocinheira nos queixos. E, quando a mulher e a filha do fazendeiro, atraídas pelos desaforos e pelo latir dos cães chegaram, ao alpendre, viram somente dois mendigos que partiam montados num burro.

Eram caridosas e mandaram um moleque levar-lhes umas esmolas, na carreira.

Três léguas adiante, os dois pararam numa casa velha, caindo os pedaços. Ao lado,

sob um telhado, havia uma bolandeira cheia de teias de aranha.

Bateram palmas. Veio abrir-lhe a porta uma velhinha toda de preto. Era paupérrima, mas agasalhou-os e deu-lhes o que tinha. Queixou-se das dificuldades da vida, depois que o marido morrera. Não podia nem ao menos transformar a mandioca do seu roçado em farinha, porque não possuía um animal que lhe puxasse a bolandeira.

Nosso Senhor deu-lhe o jumento com estas palavras:

— Faça-o trabalhar à vontade, dê-lhe pouca comida e não lhe poupe relho no lombo. Daqui a sete anos viremos buscá-lo.

Findo esse prazo, voltaram, encontrando a fazendola da velha bem próspera, graças ao trabalho do jumento. Montaram nele e rumaram para a fazenda do ricaço. Lá chegando, Nosso Senhor disse à sua viúva e à sua filha:

— Seu marido e (seu pai) mereceu grande castigo, mas já cumpriu a pena e foi perdoado.

Apresentu-lhe o jumento:

— Ei-lo.

E, estendendo a divina mão, de novo o fez homem.»

É nossa intenção, com estes ligeiros apontamentos, escrever um pouco daquilo que ouvíamos na sala de uma humilde casa de acaanhada povoação.

Talvez, um dia, quem sabe, estas histórias transmitidas e conservadas religiosamente na memória de muitos, por não terem sido registradas, venham a desaparecer.

NOTICIÁRIO

O Mapa Musical do Brasil

No mesmo ano em que iniciávamos os Festivais Folclóricos de Olímpia, o publicitário MARCUS PEREIRA, em São Paulo, voltava-se para divulgação da música popular brasileira. Hoje, as suas valiosas coleções de discos, contêm músicas de todos os quadrantes do país, constituindo o primeiro «Mapa Musical do Brasil».

Lendo o que sobre ele têm publicado os jornais; seguindo-lhe, de longe, os passos de pesquisador incansável do folclore musical brasileiro; adquirindo-lhe os discos, frutos do esforço de verdadeiro idealista — é fácil reconstituir-lhe a caminhada no sentido de dar extraordinária contribuição para desanuviar o panorama musical brasileiro «povoado de rock e música pop, que nada tem a ver com a nossa cultura.»

— «Em 1965, quando o Brasil só cantava iê-iê-iê» — segundo suas próprias palavras — já iniciava o trabalho de investigador do que a música popular brasileira tinha de mais autêntica. Naquela época, ele e LUIZ CARLOS PARANÁ trabalhavam juntos na criação da boite

paulista O JOGRAL e ali lançaram «muitos artistas apoiados no melhor som popular.»

Em 1970, falecia o compositor PARANÁ, deixando incompleta a gravação daquele que seria o seu primeiro LP. No ano seguinte, MARCUS PEREIRA lançava, com músicas de PAULO VANZOLINI, o primeiro disco, para oferecer como brinde aos clientes de sua agência de publicidade. Com o mesmo objetivo distribuiu o segundo, o terceiro e o quarto. Este último com gravações do companheiro morto que lhe coube completar.

Abandonando a agência de propaganda, MARCUS PEREIRA «passou a dedicar-se exclusivamente à procura das raízes musicais brasileiras.» Pesquisador escrupuloso e consciente, identificando «no homem anônimo as fontes da criação artística», considera a música folclórica «a mais genuína expressão cultural de um povo.» Foi o que o levou a fazer viagens ao Nordeste, «onde entrou em contato direto com a riqueza cultural popular.» Para editar o álbum com quatro LPs, contendo completo documentário da música nor-

destina, não encontrou patrocinador. Isto o levou a lançá-los, com os seus próprios recursos, para servir de brinde aos clientes da extinta agência de propaganda. A Música Popular do Nordeste produziu completo êxito. Recebeu prêmios e tantos elogios dos jornais que se decidiu a editá-los comercialmente. O resultado foi o melhor possível.

Entusiasmado com o feliz coroamento de sua iniciativa, viu chegado momento de realizar o velho sonho de completar o mapeamento musical brasileiro. Lançou a seguir as séries Música Popular do Centro-Oeste/Sudeste, Música Popular do Sul e finalmente a Música Popular do Norte este último dividido em gravações originais colhidas por CAROLINA ANDRADE e gravações tra-

balhadas em estúdios de São Paulo e Rio de Janeiro.»

Outras gravações têm sido feitas por MARCUS PEREIRA, mas o «Mapa Musical do Brasil», coleção de 16 discos que oferece uma visão global sobre a cultura musical de todo o povo brasileiro, é a sua maior realização. Principalmente por este lançamento os jornais lhe vêm dando o mais decidido apoio. Sente-se estimulado pela crítica sempre favorável e recompensado pela receptividade do público e pensa, com esperança, no dia em que o rádio e a televisão se decidirem a levar ao povo, a música verdadeiramente brasileira e popular, colhidas com entusiasmo, nas suas pesquisas, em todo o território nacional.

Rothschild Mathias Netto

Pesquisa do Folclore em Debate

Seis sessões de debates, três projeções de filmes, apresentação da Banda de Pifanos de Caruaru e de um Grupo de Moçambique, visita ao Museu de Folclore (Artes e Técnicas Populares) fizeram parte da programação do Simpósio de Pesquisa de Folclore, realizado de 4 a 8 de outubro do ano p.p. na fundação Escola «Álvares Penteado», com a colaboração da Faculdade de Música «Maestro Julião», da Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho»; da Fundação Padre Anchieta — TV Cultura Canal 2; da Fundação Escola de Comércio «Álvares Penteado» e da Associação Brasileira de Folclore-Museu de Folclore, sob a coordenação geral de Alfredo João Rabaçal, Presidente da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, do Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo de São Paulo.

A sessão de instalação foi presidida por Max Feffer, Secretário de Estado dos Negócios da Cultura, Ciência e Tecnologia e a de encerramento por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Secretário de Estado dos Negócios da Casa Civil.

Durante o Simpósio, Mário Ipiranga Monteiro (do Amazonas), Noé Mendes (do Piauí), Veríssimo de Melo (do R. G. do Norte), Julieta de Andrade (de São Paulo), Renato José Costa Pacheco (do Espírito Santo) e Hélio Moro Marriante (do R. G. do Sul) se fizeram ouvir. Coordenaram os debates Abguar Bastos, Antônio Rubbo Müller, Wilson Rodrigues de Moraes, Erasmo D'Almeida Magalhães, Miroel Silveira e Marina de Andrade Marconi com a participação de Marcel Jules Thieblot, Hélio Moro Marriante, Julieta de Andrade, Veríssimo de Melo, Sidney Carlos Aznar, Renato José Costa Pacheco, Martha Johanna Haug, Herta Loell — Soheuer Noé Mendes, Ded Bourbonnais, Haydée Nascimento e Mário Ipiranga Monteiro como debatedores.

A mesa redonda que precedeu ao encerramento da reunião foi coordenada por Alfredo João Rabaçal que, como já dissemos, foi também o coordenador-geral do importante simpósio em que um temário todo voltado para a pesquisa do Folclore foi debatido por especialistas de várias unidades federativas do país.

«O Mestre Vilela»

Por ocasião dos festejos do IV Centenário de São Paulo, em 1954, quando, no desfile folclórico, o Reisado ne Alagoas recebia a atenção do enorme massa humana que lotava o Parque Ibirapuera, foi ouvida esta mensagem:

Ó minha gente
Reisado só de Viçosa
Fazenda só cor de rosa
Baiana só do faró
Ó minha gente
Dinheiro só de papé
Carinho só de muié
Capitá só Maceió.

O autor era o mestre VILELA, ou melhor, o folclorista JOSÉ ALOÍSIO BRANDÃO VILELA, irmão do senador arenista TEOTÔNIO VILELA, nascido em Viçosa, a 92 quilômetros da capital alagoana.

A 3 de setembro do ano passado, após ter feito uma conferência sobre Vaquejada, dentro da programação da 1ª Semana de Cultura Popular, viajava para a cidade de Lagarto, terra natal de SÍLVIO ROMERO, onde proferiria outra conferência de tema folclórico, quando o seu automóvel colidiu em outro veículo, nas imediações da cidade alagoana de Arapiraca, morrendo às 18 horas.

ALOÍSIO VILELA acabara de escrever sobre o folclore de Alagoas, mostrando os folguedos, épocas de esplendor e os cenários. Nesta publicação faz o relato sobre Guerreiros, Reisados, Torneios, o Coco e Cantadores de Viola.

O mestre VILELA desapareceu quando, quer escrevendo, quer falando em intensa atividade, continuava a dar a sua valiosa contribuição para maior conhecimento do folclore alagoano, parcela, sem dúvida, importante o rico Folclore Nacional.

A Banda de Pifanos

A Banda de Pifanos que os olimpienses e visitantes tiveram a oportunidade de ver, ouvir e admirar em extraprograma do 13.º Festival de Folclore, foi formada nos sertões nordestinos e existe desde 1927, «quando era apenas um Terno de Zabumba». O falecido Manoel Clarindo Bianco, criador do conjunto, «resolveu mais tarde peregrinar por vários Estados, fixando-se por volta de 1940 no interior de Pernambuco». No início, «possuía apenas dois pifanos de taboca, um prato e um bombo amarrado por cordas». Posteriormente, ao conjunto «foram incorporados novos instrumentos (atrol e surdo), transformando-o aos poucos numa autêntica banda», já por volta de 1955.

Com o bom êxito alcançado em todas as suas apresentações, a Banda «foi também mudando seu repertório, que era feito tradicionalmente na base de novenas e terços». «Passou a criar suas próprias composições e já gravou três LPs.» Apesar do crescimento instrumental a Banda de Pifanos não perdeu as características originais: «é baseada no som dos pifanos, que são flautas de sete orifícios, feitas de taquara (como as usadas pelo conjunto) ou de aço «níquel» e até mesmo de tubo plástico.»

O curioso é que «suas peças são apenas musicais.» Apenas uma de suas músicas recebeu letra e seus integrantes não possuem nenhuma escola musical, conquanto tenham criado técnicos que dão às suas execuções grande harmonia e beleza.

Comissão de Folclore

O Prefeito Municipal de Olímpia Álvaro Cassiano Ayusso pelo Decreto n.º 1119, de 1.º de agosto do corrente ano, nomeou para, sob a presidência do primeiro, constituírem a Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), os seguintes professores:

Prof. José Sant'anna,
Prof.^a. Carmen Corte Santos Moro,
Prof.^a. Carmen Lúcia Zambon Firmino,
Prof.^a. Iseh Bueno de Camargo e
Prof.^a. Tereza Coletto Souza.

Criação do Museu de História e Folclore de Olímpia

Instalado, em 1973, à Av. Quinze de Novembro, no antigo Posto de Puericultura, somente agora foi dado reconhecimento legal ao Museu de História e Folclore de Olímpia, pelo Prefeito Municipal Álvaro Cassiano Ayusso ao promulgar a Lei n.º 1274, aprovada pela Câmara, a 18 de abril do corrente ano e para atender o artigo 3º da mesma Lei, assinou a 1.º de agosto o Decreto n.º 1114 nomeando o Prof. Dr. José Sant'anna para exercer as funções de Diretor do Museu, o de n.º 1116 nomeando-o também Chefe da Secção de Folclore e o de n.º 1115, nomeando o Prof. Rothschild Mathias Netto, Chefe da Secção de História.

Comissão de Parafolclore

O Prefeito Municipal de Olímpia, Álvaro Cassiano Ayusso, pelo Decreto n.º 1122, de 1.º de agosto do corrente ano, nomeou para, sob a presidência da primeira, constituírem a Comissão do Parafolclore (Conselho Municipal de Cultura), os seguintes membros: Prof.^a. Maria Giuseppe Scura de Almeida, Prof.^a. Edemir Moreira de Oliveira, Prof.^a. Janete Haidar Parolim, Sr.^a. Laura Ferreira de Castro Zangirolami e Dr.^a. Sônia Najem Galetti.

Em resposta à Moção de Aplauso n.º 01/77 de autoria do Vereador Dr. José Sant'anna, o Prof. Bráulio do Nascimento, Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, enviou ao Presidente da Câmara Municipal de Olímpia, o honroso ofício de teor seguinte:

Serviço Público Federal

Of. n.º 475/77

Em 21.03.77

Do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Olímpia

Assunto: Agradecimento

Senhor Presidente:

Tenho o prazer de comunicar a V. Ex.^a o recebimento da cópia da Moção de Aplauso n.º 01/77, da Câmara Municipal de Olímpia, ao trabalho desenvolvido por esta Campanha na defesa, pesquisa, estudo e promoção de nossa cultura popular.

Sinto-me honrado com a deferência que possui significado especial, por se tratar da Cidade de Olímpia, que se tem destacado não apenas no Estado de São Paulo, mas no cenário nacional pela promoção que vem fazendo do nosso folclore ao longo de tantos anos.

Apresentando a V. Ex.^a e à Câmara Municipal de Olímpia os meus agradecimentos, aproveito a oportunidade para manifestar os protestos de estima e elevada consideração.

BRÁULIO DO NASCIMENTO

Diretor-Executivo

Ao Professor

Erciley Parolim

Presidente da Câmara Municipal de Olímpia
São Paulo

Recomenda a obra «MANUAL DE FOLCLORE» da professora LAURA DELLA MÔNICA. Trata-se de uma obra de amor, tecida de vasta matéria que lhe imprime forma de muita beleza e exatidão, para emitir sua mensagem, testemunhando, destarte, a fonte inesgotável de cultura transmitida pelo folclore, adesando idéias, planos e atividades.

Professor José Sant'anna

Gentileza dos Supermercados

ZUCCA-SERV

A Indústria e Comércio Walfredo Ltda. (Supermercados Zucca-Serv) fará distribuir aos alunos das escolas da cidade e aos visitantes, ao desembarcarem dos ônibus, cerca de 5000 exemplares, que solicitou à Editora Melhoramentos, contendo quatro lendas brasileiras (O Saci-Pererê, Malasarte e o Urubu Falante, Negrinho do Pastoreio e A Lenda da Iara), adaptadas por Maria Thereza Cunha de Giácomo, com ilustrações de Heinj Bud Weg.

Trata-se de uma gentileza dessa importante firma comercial que por esse modo empresta sua colaboração aos festejos do 13.º Festival de Folclore de Olímpia.

No ano corrente, o Prefeito Municipal Álvaro Cassiano Ayusso, promulgou várias leis de autoria do Vereador Dr. José Sant'anna, aprovadas pela Câmara, relativas ao Folclore e ao seu Festival:

a) Lei nº 1271, de 18 de abril de 1977 - Declara de utilidade pública o Festival do Folclore de Olímpia, anualmente realizado em agosto;

b) Lei n.º 1272, de 18 de abril de 1977 - Dispõe sobre a oficialização do cognome - «Capital do Folclore» à cidade de Olímpia;

c) Lei n.º 1273, de 18 de abril de 1977 - Dispõe sobre a Semana do Folclore em Olímpia e dá outras providências;

d) Lei n.º 1275, de 3 de maio de 1977 - Dispõe sobre a denominação de viapública, pela qual a Alameda «A», do Jardim Santa Ifigênia passa a chamar-se Avenida do Folclore.

«Calendário da Pirelli»

A cada ano que passa mais famosos se tornam os Calendários da Pirelli pela divulgação que fazem das nossas artes e de nossos costumes.

A empresa dedicou um desses calendários a Jorge Amado e sua galeria de personagens; outro ao futebol; anda outro aos pratos típicos e Cozinha Brasileira; o penúltimo foi sobre uma retrospectiva de Di Calvalcanti.

Para o ano de 1977, o Calendário da Pirelli, com apresentação e texto do sociólogo GILBERTO FREYRE, é dedicado à mais típica das bebidas brasileiras: a Cachaça, que nos dias atuais já penetrou «nas mais altas camadas com as famosas batidas e outras misturas.» Acompanha-o, «um livreto com 114 receitas de originais batidas fornecidas pelo mestre GILBERTO com a colaboração de MADALENA FREYRE, uma «expert», no assunto.

O tema é ilustrado por fotos de inúmeras regiões do país e é relacionado com a cana-de-açúcar e a importância dos engenhos em nossa cultura.

«Calendário da Estrela»

Com fotos de Maureen Bisilliat, Ella Durst, Djalma Batista, Miro e outros, e texto da escritora Clarice Lispector, a fábrica de brinquedos Estrela lançou, para comemorar os seus quarenta anos de existência, em 1977, o mais original dos calendários.

Aos meses do ano, a autora dedicou páginas das mais sugestivas, extraídas do mundo do sonho e da fantasia, descritas numa linguagem cheia de imaginação e poesia. São lendas do rico folclore nacional que cercam de encanto os verdes anos de nossa infância. Em janeiro ela explica como surgiram as estrelas. Em fevereiro, época do carnaval, descreve a festa dos bichos. Em março, lembra a Amazônia misteriosa e o canto do Uirapuru. Em abril, narra as aventuras travessas de Malasarte. Em maio, conta lenda da Iara. Em junho, tempo dos folguedos sertanejos, fala de uma festa na mata. Em julho conta a lenda do Curupira; em agosto, a do Negrinho do Pastoreio; em setembro, a do Saci-Pererê; em outubro, a estória da fruta sem nome; em novembro, a da origem dos bichos, segundo a tradição da tribo dos Maués e em dezembro, trata do nascimento do Menino na manjedoura.

Não é preciso acrescentar que o Calendário da Estrela é para ser guardado para todo o sempre.

«Calendário da Philips»

«O Mundo Mítico do Índio», foi o tema do calendário que a S.A. Philips do Brasil lançou para o ano de 1977, com texto do sertanista ORLANDO VILLAS BOAS e fotos de MAUREEN BILLISIAT.

Trata-se do terceiro calendário da empresa com motivos brasileiros, pois segundo afirmou o presidente das Organizações Philips, não visava fazer propaganda comercial e tão somente mostrar que uma empresa alienígena, pode integrar-se na vida brasileira.

Pelo conhecimento que tem VILLAS BOAS do indígena brasileiro, é fácil aquilatar a importância de seu trabalho em que exhibe o que resto do índio e de sua cultura.

«... uma das cidades do Brasil, que mais promove o folclore e sua pesquisa: Olímpia.»

Palavras do folclorista Prof. Rossini Tavares de Lima, que em várias oportunidades, através de cartas, ofícios, declarações em jornais e revistas, sempre reconheceu a valiosa contribuição de Olímpia à preservação, ao conhecimento e à divulgação do folclore e a importância dos nossos festivais.

O Prefeito Municipal de Olímpia Álvaro Cassiano Ayusso assinou, no corrente ano, três Decretos relativos ao Festival do Folclore e à sua realização; pelo Decreto n.º 1092, de 2 de junho regulamentou o **Festival do Folclore de Olímpia** e deu outras providências; pelo de n.º 1093, de 22 do mesmo mês, constituiu o **Grupo de Coordenações da Semana do Folclore** e, finalmente, pelo de n.º 1096, de 27 ainda do mês de junho dispôs sobre a constituição de **Comissões**, de teor seguinte:

Artigo 1.º — A Comissão de Festividades da Semana do Folclore, por indicação do seu Coordenador, fica assim constituída:



João José Abra
Sílvio Roberto Mathias Netto
Prof. José Sant'anna (Coordenador)
João Gianotto (Presidente-Supervisor)
Egídio Caputo
Carlos Severino Paschoaletti
Mauro Pimenta
Armando Bunioto

Da direita para a esquerda: coordenador, presidente-supervisor e auxiliares

Artigo 2.º — A Comissão de Execução, por indicação de seu Coordenador, fica assim constituída:



Teotônio Silva Filho
Dr. Flávio Baptista de Sant'anna
Edson Parolin (Coordenador)
Edson Vaner Furlan
José Vietti Neto

Da direita para a esquerda: coordenador e auxiliares

Artigo 3.º — A Comissão de Finanças, por indicação de seu Coordenador, fica assim constituída:



João Cândido Borges Filho
Vilson Ribeiro de Oliveira
Orlando Lapa (Coordenador)
José Ademur Caetano
João Rodrigues Ferreira (não fotografado)

Da direita para a esquerda: coordenador e auxiliares

13º FESTIVAL DO FOLCLORE

DE 14 A 21 DE AGOSTO DE 1977

ANO VII

14 de agosto de 1977

N.º 8

PUBLICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FOLCLORE
COMISSÃO MUNICIPAL DE FOLCLORE
MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE



Sumário

FOLCLORE, UMA HISTÓRIA SEM AUTOR
(Renato Almeida)

FOLCLORE E TEORIA LITERÁRIA
(Maurício César Alves Pereira)

NECESSIDADE DE SENTIR A ESSÊNCIA DO SABER VULGAR
(Carmen Lúcia Zambon Firmino)

FOLCLORE: A MANIFESTAÇÃO ESPONTÂNEA DE UM POVO

CULTOS E DEVOÇÕES
(Laura Della Mônica)

ORIGENS DA LITERATURA DE CORDEL
(Veríssimo de Melo)

CANCIONEIRO FOLCLÓRICO INFANTIL BRASILEIRO
(Henriqueta Rosa Fernandes Braga)

OFICIALIZAÇÃO DO FESTIVAL DE FOLCLORE DE OLÍMPIA

CAVALHADA: FOLCLORE NA FILATELIA
(Éden Eduardo Pereira)

PROJEÇÃO DO FOLCLORE NO MEIO ESCOLAR
(Iseh Bueno de Camargo)

PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E PSICO-SOCIAIS
DE UMA SUPERSTIÇÃO
(Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues)

O FESTIVAL E A AGONIA DO FOLCLORE
(Haydée Dourado)

SEXTA-FEIRA, DIA 13, ANO BISSEXTO
(Amaury Ribeiro)

UM PINTOR OLIMPIENSE
(Rothschild Mathias Netto)

DO RECIFE PARA OLÍMPIA
(Hermilo Borba Filho e Sílvia Martins de Albuquerque)

PATRONO DO 13.º FEFOL: ORIXÁ OSSANIM

ELY CAMARGO
(José Sant'anna)

VAMOS CONTAR «CAUSOS»?
(José Sant'anna)

NOTICIÁRIO

EXPEDIENTE

Rua Bernardino de Campos, nº 900
Caixa Postal: 60 — Telefone: 738
15 400 — OLÍMPIA — (SP)

Diretor : José Sant'anna

Redator - Chefe: Rothschild Mathias Netto

Auxiliares : Antônio Clemêncio da Silva

Carlos H. Duran De Nadai

Ivan Eduardo Bruniera

Diagramação : João José Abra

Registros

O 13º FEFOL, que se realizará em Olímpia, entre 14 e 21 de agosto de 1977, contará com a presença do Folclore de:

Alagoas (3 grupos). Bahia (2 grupos). Ceará (20 grupos). Goiás (2 grupos). Maranhão (11 grupos). Pará (10 grupos). Pernambuco (3 grupos). Minas Gerais (10 grupos). Rio Grande do Sul (1 grupo). Santa Catarina (2 grupos). São Paulo (53 grupos).

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade de seu autor.

Entrevista:

«Considero o Folclore a manifestação mais viva e latente da alma de um povo. Revela as raízes, mitos, sentimentos, alegrias e tristezas, amor e poesia. Através do Folclore, sente-se o conteúdo filosófico de cada região.»

Yolanda Oliveira dos Santos — Belém (Pará)

COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA NOVO MUNDO

Rua Coronel Francisco Nogueira, 558
Caixa Postal: 226 - Telefone: 899
15 400 - Olímpia - S.P.



EXEMPLO DE FÉ CRISTÃ DE UM POVO

A Igreja Matriz de São João Batista, colocada em um espaço largo, edifício vasto, de moderna arquitetura, apresenta um aspecto realmente maravilhoso e faz um efeito admirável a quem a contempla com olhos de artista.

Um delicioso jardim, se estende como um tapete de flores, sobre o qual está assentado o suntuoso Templo.

Uma escadaria imensa nos conduz a uma varanda de onde se abrem algumas portas para o vasto vão, cujas paredes estão adornadas por primorosas pinturas, retratadas devidamente por hábil pincel. Suas magníficas gravuras representam interpretações bíblicas, completando a decoração artística desta gigantesca e elegante Casa, correspondendo a mobília e os ornatos ao bom gosto que por toda parte reina.

Acrescente-se a isto, um magnífico órgão elétrico para a interpretação de composições espirituais que ligam diretamente a crença do homem ao Deus-Vivo.

Porém, o que mais nos surpreende, encanta e merece a particular atenção, felizmente, é a agradável imagem de Cristo, de braços abertos para a nave central, abençoando a todos que por ali passam e Nele depositam confiança e amor.

Não há visitante sequer que resista ao desejo de chegar a esta Imagem e receber como maná do céu, um fortalecimento espiritual.

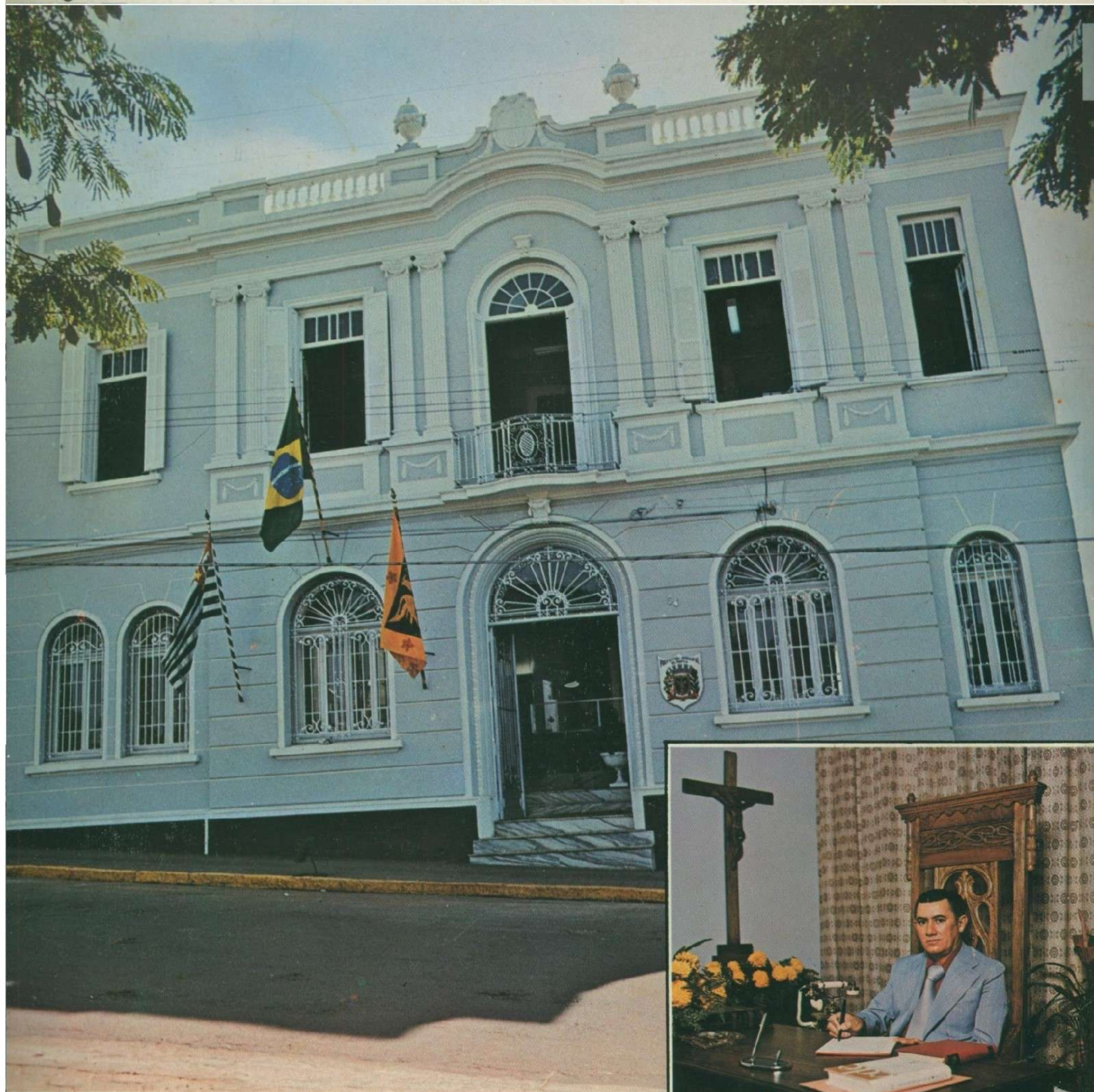
E, em meio a fervorosas preces, rodeado de outros crentes, entre músicas, flores e o geral entusiasmo da congregação — Deus: Onipresente, Onividente, Onisciente e Onipotente, derrama copiosas bênçãos sobre os fiéis.

Uma descrição exata e minuciosa de tudo que há para admirar neste Templo, precisaria de uma série de artigos.

A Igreja não está contudo terminada, mas lhe falta pouca coisa para o seu complemento; o que não será difícil de concluir, porque foi este Edifício Sagrado quase exclusivamente construído à custa de donativos do povo.

Não obstante, é bom que todos saibam que nesta ligeira descrição é preciso que se acrescente, e com todo o respeito, que os festejos folclóricos de Olímpia, durante alguns dias de agradável confusão, tão animados e brilhantes numa constante alegria, contam exteriormente com o apoio da escadaria de construção sólida, donde se desfruta o majestoso panorama do festival, realizado no Pátio da Matriz, para maior conforto dos espectadores.

PAÇO MUNICIPAL - OLÍMPIA - SP



OLÍMPIA - PREFEITO - FOLCLORE

O Prefeito Álvaro Cassiano Ayusso bem sabe compreender que a perfeição humana está antes em trabalhar para o bem da coletividade. Distingue-se pelas suas qualidades de caráter, excepcional capacidade de trabalho, coragem pessoal, bondade acolhedora e fidalguia no trato social.

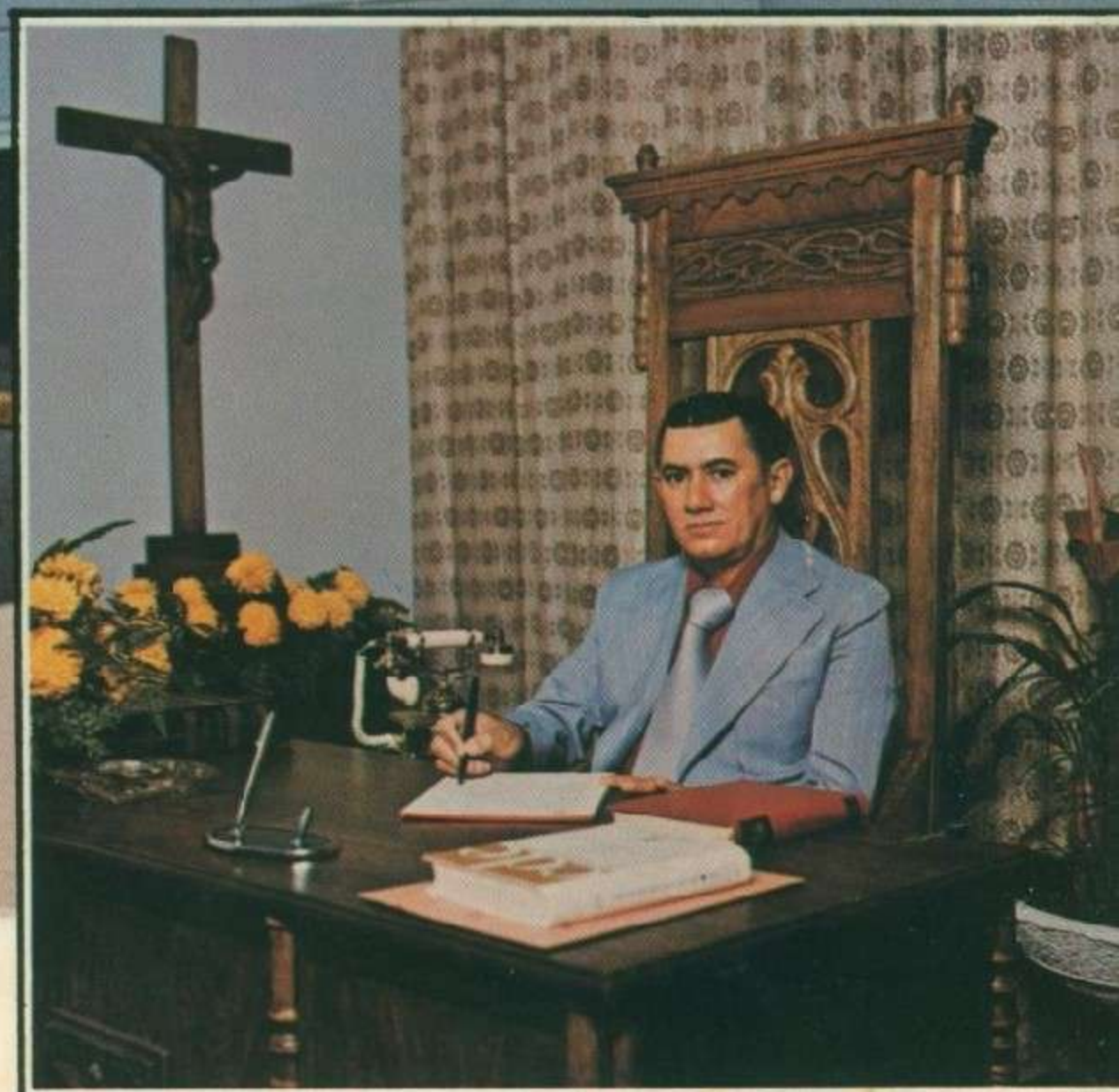
Os que o conhecem e lhe acompanham a brilhante trajetória na vida bem podem asseverar se nos excedemos na afirmação desse conceito.

O trabalho é para ele uma fatalidade imperiosa dos destinos humanos. Descansa da labuta quotidiana, trabalhando para o bem público.

Investido no cargo de prefeito, todos os problemas que interessam ao progresso do Município são resolvidos com o concurso de sua operosa capacidade administrativa.

Está servindo o folclore com as mais vivas forças de seu entusiasmo e a maior espontaneidade do seu coração. E sua proeficiência irmana-se à sua bondade. Passa, então, Olímpia a dever-lhe muito na realização do 13º Festival do Folclore através de sua colaboração eficaz e oportuna. O seu espírito está, sem dúvida, presente entre os que amam e admiram Olímpia. Por sua vida exemplar, esta nossa simples homenagem.

José Sant'anna
diretor



Álvaro Cassiano Ayusso — Prefeito Municipal

